



# uma bruxa em apuros

KIM HARRISON

*Tradução de Rita Guerra*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



Ao homem que disse que gostava do meu chapéu.



## Agradecimentos

Gostava de agradecer a todos os que me aturaram durante as re-escritas. Vocês sabem quem são e eu saúdo-vos. Mas gostava de agradecer, em especial, à minha editora, Diana Gill — pelas suas sugestões maravilhosas que me abriram deliciosas avenidas de pensamento — e ao meu agente, Richard Curtis.



## Um

ESTAVA NAS SOMBRAS EM FRENTE A UMA LOJA DESERTA, DO OUTRO LADO DA rua do Pub Sangue e Cerveja, a tentar não parecer óbvia enquanto puxava as calças de cabedal para a sua posição correta. *Isto é patético*, pensei, olhando para a rua esvaziada pela chuva. Eu era demasiado boa para aquilo.

Normalmente o meu trabalho consistia na apreensão de bruxas sem licença ou praticantes das artes negras, já que é preciso uma bruxa para apanhar outra bruxa. Mas esta semana as ruas estavam mais calmas do que o costume. Todos os que podiam estavam na Costa Oeste para assistir à nossa convenção anual, deixando-me com esta pérola. Uma simples captura. Foi a sorte da Viragem que me meteu ali, à chuva, no escuro.

— Quem é que estou a enganar? — sussurrei, puxando a alça da mala mais para cima, sobre o ombro. Há um mês que não me mandavam atrás de uma bruxa: sem licença, branca, negra ou outra. Ter prendido o filho da presidente da Câmara por se transformar em animal fora da lua cheia talvez não tivesse sido a melhor ideia.

Um carro desportivo dobrou a esquina; parecia preto sob o zumbido dos candeeiros de mercúrio que iluminavam a rua. Era a terceira vez que dava a volta ao quarteirão. O meu rosto crispou-se numa careta quando se aproximou, abrandando.

— Raios — sussurrei. — Preciso de um recanto mais escuro.

— Ele acha que és uma prostituta, Rachel — relinchou-me o meu apoio, junto ao ouvido. — Eu disse-te que o *top* vermelho era demasiado.

— Já alguém te disse que cheiras como um morcego bêbado, Jenks? — murmurei, quase sem mexer os lábios. O meu apoio estava perturbadoramente próximo, esta noite, tendo-se empoleirado no meu brinco. Uma coisa grande e baloiçante: o brinco, não o *pixy*. Tinha descoberto que Jenks era arrogante e pretensioso, com uma péssima atitude e um temperamento a condizer. Mas sabia de que lado do jardim lhe vinha o néctar. E, aparen-

temente, um *pixy* era o melhor que me deixavam levar desde o incidente com a rã. Teria jurado que as fadas eram demasiado grandes para caberem na boca de uma rã.

Avancei lentamente até à beira do passeio, enquanto o carro travava ruidosamente no asfalto molhado. O vidro fumado desceu com um gemido elétrico. Inclinei-me, mostrando-lhe o meu melhor sorriso, enquanto lhe apresentava a minha identificação de trabalho. O sorriso do Sr. Monosobrancelha desapareceu e o rosto ficou branco. O carro arrancou com um pequeno guinchar dos pneus.

— Diurnos — disse, com desdém. *Não*, pensei, censurando-me a mim mesma. Era um normal, um humano. Embora fossem precisos, os termos diurno, doméstico, salpico, pronto-a-vestir e, o meu preferido, petisco, eram considerados politicamente incorretos. Mas, se andava a apanhar vadios nos passeios em Hollows, podíamos chamar-lhe morto.

O carro nem abrandou ao passar pelo semáforo vermelho e voltei-me ao ouvir os apupos das prostitutas que tinha desalojado por altura do pôr do sol. Não estavam felizes, erguendo-se descaradamente na esquina do outro lado da estrada. Acenei-lhes e a mais alta mostrou-me o dedo antes de girar sobre os calcanhares, revelando o seu pequeno traseiro, melhorado com recurso a um feitiço. A prostituta e a sua “amiga” de aspeto francamente rude falavam alto, enquanto tentavam esconder o cigarro que iam passando de uma para a outra. Não cheirava a tabaco normal. *Não é problema meu, esta noite*, pensei, regressando à minha sombra.

Encostei-me à pedra fria do edifício; o meu olhar demorou-se sobre a luz traseira vermelha do carro que travava. De sobrancelhas franzidas, olhei para mim mesma. Eu era alta para uma mulher — cerca de um metro e setenta e dois — mas não tinha pernas tão compridas como as da prostituta que se encontrava no círculo de luz seguinte. Também não tinha posto tanta maquilhagem. As ancas estreitas e o peito quase raso não me tornavam propriamente material para as ruas. Até ter encontrado as lojas dos duendes, comprava a roupa interior na secção “juvenil”. Era difícil encontrar alguma coisa sem coraçõezinhos e unicórnios.

Os meus antepassados tinham emigrado para os bons Estados Unidos da América no século XIX. Sabe-se lá como, ao longo de gerações, as mulheres da nossa família foram conseguindo manter o cabelo ruivo e os olhos verdes característicos da nossa Irlanda natal. As minhas sardas, contudo, estavam escondidas por um feitiço que o meu pai me tinha oferecido no meu décimo terceiro aniversário. Tinha mandado colocar o minúsculo amuleto no anel que usava no mindinho. Nunca saio de casa sem ele.

Deixei escapar um suspiro enquanto ajeitava a alça da mala sobre o ombro. As calças de cabedal, os botins vermelhos e o *top* de alças finas não



estavam muito longe do que costumava usar à sexta-feira para irritar o meu chefe mas, se colocarmos tal conjunto numa esquina, à noite. . .

— Bolas — murmurei a Jenks. — Pareço uma prostituta.

A sua única resposta foi um fungar. Obriguei-me a não reagir, enquanto me voltava para o bar. Havia demasiada chuva para os primeiros clientes e, para além do meu apoio e das “senhoras” mais abaixo, a rua estava deserta. Já ali estava há quase uma hora e nem sinal do meu alvo. Mais valia entrar e esperar. Além disso, se estivesse no interior, talvez pudesse passar por solicitadora em vez de solicitada.

Inspirando fundo, de forma resoluta, soltei do carrapito algumas madeixas do cabelo encaracolado que me chegava aos ombros, demorei algum tempo a arranjá-las com mestria para me enquadrarem o rosto e, por fim, cuspi a pastilha elástica. O bater das minhas botas alternava com o chocalhar das algemas que tinha presas à anca, enquanto atravessava a estrada molhada e entrava no bar. As argolas de aço pareciam um adereço espalhafatoso, mas eram verdadeiras e bastante usadas. Encolhi-me. Não era de admirar que o Sr. Monossobrancelha tivesse parado. Uso-as no *trabalho*, se faz favor, e não no tipo de trabalho em que está a pensar.

No entanto, tinha sido enviada para Hollows, debaixo de chuva, atrás de um duende acusado de fuga aos impostos. Quão mais baixo, perguntei-me, poderia ainda descer? Devia ter sido por ter prendido aquele Cão Vidente a semana passada. Como é que eu haveria de adivinhar que não era um lobisomem? Adequava-se à descrição que me tinha sido dada.

Enquanto me erguia no *foyer* estreito, a afastar a humidade que me cobria o corpo, percorri com o olhar as típicas decorações de bar irlandês: cachimbos de cano comprido pendurados nas paredes, letreiros de cerveja verdes, assentos de vinil preto e um minúsculo palco onde um tipo com desejo de chegar ao estrelato montava o dulcimer e a gaita de foles por entre montes de amplificadores. Podia-se sentir o cheiro a Enxofre de contrabando. Os meus instintos predatórios agitaram-se. Pelo cheiro, tinha três dias, não era suficientemente forte para o seguir. Se conseguisse apanhar o fornecedor, sairia da lista negra do meu chefe. Talvez até me atribuísse uma missão adequada aos meus talentos.

— Hei — resmungou uma voz grave. — Vens substituir a Toby?

Afastando a atenção do Enxofre, pisquei os olhos e voltei-me, deparando-me com um peito coberto por uma *t-shirt* verde. Os meus olhos subiram ao longo do homem gigantesco. Típico segurança. O nome na *t-shirt* era CLIFF. Combinava.

— Quem? — ronronei, limpando a água daquilo a que generosamente chamo seios com a ponta da *t-shirt*. Ele permaneceu absolutamente impassível; foi deprimente.

— Toby. A prostituta atribuída pelo estado? Ela vai voltar a aparecer? Do meu brinco chegou uma vozinha cantada.

— Eu bem te disse.

O meu sorriso tornou-se forçado.

— Não sei — respondi por entre dentes. — Não sou uma prostituta.

Ele voltou a resmungar, olhando para as minhas roupas. Vasculhei o interior da mala e apresentei-lhe a minha identificação de trabalho. Qualquer um que estivesse a observar partiria do princípio de que ele me pedira a identificação. Com a facilidade com que se adquiriam feitiços de disfarce era obrigatório; tal como o amuleto que tinha em redor do pescoço e que lhe permitia verificar a existência de feitiços. Brillhou num tom vermelho pálido, em resposta ao anel que eu tinha no mindinho. Não era o suficiente para uma vistoria total, razão pela qual todos os amuletos que eu tinha na mala permaneciam por invocar. Não que fosse precisar deles esta noite.

— Segurança Inderland — disse, enquanto ele pegava no cartão. — Estou à procura de alguém em especial, não venho incomodar os clientes habituais. Daí o... hum... disfarce.

— Rachel Morgan — leu ele, em voz alta com os dedos grossos a cobrir a quase totalidade do cartão laminado. — Agente de Segurança Inderland. És uma agente do S.I.? — Os olhos dele viajaram do cartão para mim e de volta ao cartão; os lábios grossos abriram-se num sorriso. — O que te aconteceu ao cabelo? Tiveste um encontro com um maçarico?

Cerrei os lábios. A foto tinha três anos. Não fora um maçarico, fora uma partida, uma iniciação informal ao meu estatuto de agente plena. Muito engraçada.

O *pixy* saltou do meu brinco, fazendo-o abanar com o impulso.

— Eu tinha cuidado com a língua — disse, inclinando a minha cabeça enquanto olhava para a identificação. — O último gigantone que se riu da foto dela passou a noite nas urgências com uma sombrinha de *cocktail* enfiada no nariz.

Fiquei mais calma.

— Sabias disso? — perguntei, agarrando no meu cartão e arrumando-o.

— Nas apropriações toda a gente sabe disso. — O *pixy* riu, animado. — Também sabemos que tentaste apanhar aquele lobisomem com um feitiço de comichão e o perdeste na casa de banho.

— Tenta prender um lobisomem assim tão perto da lua cheia sem seres mordido — disse, na defensiva. — Não é tão fácil como parece. Tive de usar uma poção. Essas coisas são caras.

— E quando depilaste um autocarro cheio de pessoas? — As asas de libelinha foram ficando vermelhas enquanto ele ria e a circulação aumen-

tava. Vestido de seda preta e com uma fita vermelha na cabeça, parecia um Peter Pan em miniatura disfarçado de membro de um gangue de uma cidade do interior. Dez centímetros de enfadonha contrariedade e mau temperamento.

— A culpa não foi minha — disse eu. — O motorista passou por uma lombada. — Franzi o sobrolho. Além disso alguém me tinha trocado os feitiços. Estava a tentar prender-lhe os pés e acabei por deixar sem pelos o motorista e todos os passageiros das três primeiras filas. Pelo menos apanhei o meu alvo, se bem que acabei por gastar um ordenado inteiro em táxis durante as três semanas seguintes, até o autocarro me voltar a apanhar.

— E a rã? — perguntou Jenks, enquanto se desviava e recuava perante o dedo que o segurança esticava na sua direção. — Eu era o único disposto a sair contigo esta noite. E estou a receber subsídio de risco. — O *pixy* ergueu-se vários centímetros devido ao que só podia ser orgulho.

Cliff não parecia impressionado. Eu estava chocada.

— Olha — disse eu. — Tudo o que quero é sentar-me ali e beber um copo, calmamente. — Acenei na direção do palco onde o pós-adolescente enrolava os cabos dos amplificadores. — Quando é que aquilo começa?

O segurança encolheu os ombros.

— É novo. Parece que vai ser dentro de cerca de uma hora. — Ouviu-se um estrondo seguido de vivas, quando um amplificador caiu do palco. — Talvez duas.

— Obrigada. — Ignorando o riso tilintado de Jenks, zigzagueei por entre as mesas vazias até uma fila de cabines mais escuras. Escolhi a que se encontrava sob uma cabeça de alce, afundando-me mais oito centímetros do que deveria na almofada flácida. Assim que encontrasse o criminosozinho ia-me pôr a andar. Aquilo era um insulto. Já estava com a S.I. há três anos — sete se contassem com os quatro de experiência — e ali estava eu, a fazer o trabalho de um estagiário.

Eram os estagiários que faziam o policiamento básico, quotidiano, de Cincinnati e do maior dos seus subúrbios, junto ao rio, afetosamente conhecido como Hollows. Tratávamos das coisas sobrenaturais que o D.F.I. — abreviatura de Departamento Federal Inderland — não era capaz de resolver. Lidar com pequenos problemas com feitiços e ajudar familiares a descer das árvores eram da responsabilidade dos estagiários do S.I. Mas eu era uma agente, raios. Era melhor do que aquilo. Já tinha feito melhor do que aquilo.

Fui eu quem, sozinha, localizou e capturou o círculo de bruxas negras que estava a contornar os feitiços de segurança do Jardim Zoológico de Cincinnati para roubar macacos, que depois vendiam a um laboratório biológico clandestino. Mas recebi algum reconhecimento por isso? Não.

Fui eu quem percebeu que o maluco que andava a desenterrar os corpos numa das igrejas estava ligado à série de mortes na ala de transplante de órgãos de um dos hospitais dirigidos por humanos. Todos tinham partido do princípio que ele estava a reunir materiais para o fabrico ilegal de feitiços, nunca pensaram que estivesse a encantar os órgãos, conferindo-lhes uma saúde temporária, vendendo-os depois no mercado negro.

E os assaltos a caixas Multibanco que tinham assolado a cidade, no último Natal? Tive de usar seis amuletos simultâneos para me fazer passar por homem, mas consegui apanhar a bruxa. Ela estava a usar uma combinação entre um encantamento de amor e um feitiço de esquecimento para roubar os humanos ingênuos. Aquela fora uma captura particularmente agradável. Tinha-a perseguido ao longo de três ruas e não tivera muito tempo para lançar o feitiço quando ela se voltou para me lançar o que podia muito bem ser um encantamento letal; por isso o rotativo que lhe apliquei, e que a deixou inconsciente, fora inteiramente justificado. Melhor ainda, o D.F.I. andava atrás dela há três meses e eu apanhei-a em dois dias. Fiz com que parecessem idiotas, mas tive direito a um “Bom trabalho, Rachel”? Tive direito, sequer, a uma boleia até à torre da S.I., com o meu pé inchado? Não.

E, ultimamente, estava a receber missões cada vez menores: miúdas das associações de estudantes que usavam encantamentos para roubar sinal por cabo, roubos familiares, feitiços de gozo e não permitam que me esqueça do meu favorito: escorraçar troles de debaixo de pontes e das galerias dos esgotos antes que comessem a argamassa toda. Deixei escapar um suspiro enquanto olhava para o bar. Patético.

Jenks escapou-se às minhas pouco enérgicas tentativas de o afugentar, enquanto se voltava a instalar no meu brinco. Que lhe tivessem que pagar o triplo para me acompanhar não era bom sinal.

Uma empregada de mesa vestida de verde aproximou-se, assustadoramente espevitada para aquela hora.

— Olá! — disse, exibindo dentes e covinhas. — O meu nome é Dottie. Vou ser a sua empregada esta noite. — Toda sorrisos, colocou à minha frente três bebidas: um Bloody Mary, um Old-fashioned e um Shirley Temple. Que queridos.

— Obrigada, querida — disse, com um suspiro rouco. — São de quem?

Ela rolou os olhos na direção do bar, tentando mostrar uma sofisticação enfadada, mas dando a imagem de uma menina do liceu numa festa de graúdos. Espreitando por um dos lados da sua cintura fina, envolta num avental, olhei para os três tipos, luxúria nos olhos, cavalo nos bolsos. Era uma velha tradição. Aceitar a bebida significava aceitar o convite subjacente. Mais uma coisa para a menina Rachel tratar. Pareciam normais, mas nunca se sabe.

Sentindo que não lhe ia dar mais conversa, Dottie afastou-se para os seus afazeres atrás do balcão.

— Vai dar uma vista de olhos, Jenks — sussurrei, e o *pixy* voou para longe, as asas de um rosa pálido, revelando a sua excitação. Ninguém o viu partir. Vigilância *pixy* no seu melhor.

O pub estava calmo mas, tendo em conta que se encontravam dois empregados atrás do balcão, um homem de idade e uma mulher jovem, calculei que em breve se tornaria mais animado. O Sangue e Cerveja era um espaço conhecido, um local que os normais frequentavam para se misturarem com os Inderlanders antes de voltarem a fazer a viagem para o outro lado do rio, as portas trancadas e os vidros completamente fechados, excitados e a pensar que eram tipos cheios de estilo. Embora um humano sozinho se destaque entre os Inderlanders como uma borbulha no rosto da rainha do baile, um Inderlander pode facilmente fundir-se com a humanidade. É um traço de sobrevivência que começou a ser apurado ainda antes de Pasteur. Daí o *pixy*. As fadas e os *pixies* conseguem, literalmente, cheirar um Inderlander tão depressa quanto eu consigo dizer “Cospê”.

Analisei o bar quase vazio, com pouca convicção, e o meu mau humor dissipou-se num sorriso quando vi um rosto familiar, do trabalho. Ivy.

Ivy era uma vampira, a estrela dos agentes da S.I. Tínhamo-nos conhecido há já vários anos, durante o meu último ano de estágio, e trabalháramos em conjunto durante um ano em missões semi-independentes. Ela acabara de ser contratada como agente de pleno direito, tendo optado pelos seis anos de créditos universitários em vez dos dois anos de faculdade mais quatro de estágio, como eu. Acho que alguém tinha achado que seria uma bela piada pôr-nos a trabalhar juntas.

Trabalhar com um vampiro — vivo ou não — tinha-me deixado em pânico até ter descoberto que ela não era uma vampira praticante e que jurara não beber sangue. Éramos tão diferentes quanto duas pessoas podem ser, mas os pontos fortes dela eram as minhas fraquezas. Gostava de poder dizer que as fraquezas dela eram os meus pontos fortes, mas Ivy não tinha fraquezas: para além da tendência para tirar a alegria a tudo com os seus planos.

Há anos que não trabalhávamos juntas e, apesar da minha promoção atribuída a contragosto, Ivy continuava a ser minha superior hierárquica. Ela sabia, sempre, quais as coisas certas a dizer às pessoas certas, nas alturas certas. O facto de pertencer à família Tamwood — nome tão antigo como a própria Cincinnati — também ajudava. Era o último membro vivo da família, com alma e tão viva como eu, tendo sido infetada com o vírus do vampirismo através da mãe, então ainda viva. O vírus moldara Ivy enquanto esta se desenvolvia no útero materno, dando-lhe um pouco de ambos os mundos, dos vivos e dos mortos.

Acenei-lhe e ela aproximou-se. Os homens no bar acotovelaram-se uns aos outros, voltando-se os três para olhar para ela, interessados. Ela dirigiu-lhes um olhar frio e juro que ouvi um deles suspirar.

— Como vai isso, Ivy? — disse eu, quando ela deslizou para o banco à minha frente.

Fazendo guinchar o vinil do assento reclinou-se na cabine, as costas contra a parede, os saltos das botas altas sobre o banco corrido e os joelhos visíveis sobre a beira da mesa. Era ainda mais alta do que eu mas, ao passo que eu parecia simplesmente alta, ela tinha uma elegância esbelta. O seu aspeto ligeiramente oriental dava-lhe um ar enigmático que ajudava a sustentar a minha crença de que a maior parte das modelos tinham de ser vampiras. Também se vestia como uma modelo: saia de cabedal modesta e blusa de seda, da melhor qualidade, numa imagem vampírica; tudo preto, claro. O cabelo era uma onda escura e macia, acentuando a pele pálida e o rosto oval. Fizesse o que fizesse com o cabelo, conferia-lhe sempre um ar exótico. Eu podia dedicar horas ao meu e este limitava-se, sempre, a parecer ruivo e frisado. O Sr. Monossobrancelha não teria parado por causa dela; ela tinha demasiada classe.

— Hei, Rachel — disse Ivy. — O que é que andas a fazer em Hollows?

— A voz dela era melodiosa e grave, fluindo com todas as subtilezas da seda cinzenta. — Pensei que estivesses na costa, esta semana, a apanhar um cancro de pele — acrescentou. — O Denon ainda está chateado por causa do cão?

Encolhi os ombros, inocentemente.

— Não. — Na verdade, as veias do chefe pareciam prestes a estourar. Eu tinha estado a um passo de ser promovida a técnica de vassouras.

— Foi apenas um engano. — Ivy deixou tombar a cabeça para trás, num movimento langoroso que expôs a longa extensão do seu pescoço. Não tinha uma única cicatriz. — Qualquer um o podia ter cometido.

*Qualquer um menos tu*, pensei amargamente.

— Sim? — disse, em voz alta, empurrando para ela o Bloody Mary. — Bem, diz qualquer coisa se vires o meu alvo. — Agitei os amuletos presos às minhas algemas, tocando na folha de trevo gravada em madeira de oliveira.

Os seus dedos finos envolveram o copo como se o estivesse a acariciar. Aqueles mesmos dedos seriam capazes de me partir um pulso se ela se empenhasse um pouco. Teria de esperar pela morte para ser capaz de o partir sem qualquer esforço, mas era, ainda assim, mais forte do que eu. Metade da bebida vermelha desapareceu-lhe garganta abaixo.

— Desde quando é que o S.I. se interessa por duendes? — perguntou ela, olhando para os restantes amuletos.

— Desde o último dia mau do chefe.

Ivy encolheu os ombros, puxando o crucifixo de dentro da camisa

e passando o aro metálico pelos dentes de forma provocador. Os caninos eram afiados, como os de um gato, mas não eram maiores do que os meus. Depois de morta receberia as versões mais compridas. Obriguei os meus olhos a afastarem-se deles observando, em vez disso, a cruz metálica. Era tão comprida como a minha mão, feita de lindíssima prata trabalhada. Começara a usá-la recentemente para irritar a mãe. Não se estavam a dar muito bem.

Toquei com um dedo na minúscula cruz nas minhas algemas, pensando que devia ser difícil ter uma mãe morta-viva. Só me cruzara com uma mão cheia de vampiros mortos. Os realmente velhos mantinham-se isolados e os mais novos tendiam a levar com estacas, caso não aprendessem a manter-se isolados.

Os vampiros mortos não tinham um pingo de consciência, eram a encarnação do instinto implacável. A única razão por que seguiam as leis da sociedade era por as encararem como um jogo. Além disso, os vampiros mortos sabiam bem o valor das regras. A continuação da sua existência dependia de regras que, se desafiadas, traziam consigo morte ou sofrimento sendo, claro, a mais importante delas o manterem-se longe do sol. Precisavam de consumir sangue, diariamente, para se manterem sãos. Podia ser de qualquer um e tomá-lo dos vivos era o seu único divertimento. Eram poderosos, com uma força e uma resistência incríveis, para além da capacidade de sarar com uma rapidez que não era deste mundo. Era difícil destruí-los sem usar as tradicionais decapitação e estaca através do coração.

Em troca da sua alma, tinham a oportunidade de serem imortais. Tal acarretava a perda da consciência. Os vampiros mais velhos alegavam que essa era a melhor parte: a capacidade de satisfazer todas as necessidades carnis sem sentir culpa quando alguém morria para lhes dar prazer, mantendo-se mentalmente sãos durante mais um dia.

Ivy estava infetada pelo vírus do vampirismo mas ainda tinha alma; estava presa num terreno intermédio até morrer e se tornar uma verdadeira morta-viva. Embora não fosse tão poderosa e perigosa como um vampiro vivo, a capacidade de andar sob o sol e de adorar Deus sem dor tornavam-na invejada pelos seus irmãos mortos.

Os aros metálicos do colar de Ivy batiam ritmicamente contra os dentes branco pérola e eu ignorei a sua sensualidade com uma contenção ensaiada. Gostava mais dela quando o Sol se erguia no céu e ela tinha maior controlo sobre a sua faceta de predador sexual.

O meu *pixy* regressou, pousando nas flores de plástico que se encontravam num vaso repleto de beatas de cigarro.

— Meu Deus — disse Ivy, largando a cruz. — Um *pixy*? O Denon deve estar lixado.



As asas de Jenks imobilizaram-se um instante antes de regressarem ao seu movimento esborratado. — Vai-te Virar, Tamwood! — disse, num guincho. — Achas que só as fadas é que têm nariz?

Encolhi-me quando Jenks aterrou pesadamente no meu brinco.

— Nada mais do que o melhor para a menina Rachel — disse eu, secamente. Ivy riu e senti levantar os pelos na parte de trás do meu pescoço. Tinha saudades do prestígio de trabalhar com Ivy, mas ela continuava a deixar-me fora de mim. — Posso voltar mais tarde, se achas que vou dar cabo da tua apreensão — acrescentei.

— Não — disse ela. — Estás à vontade. Tenho um par de agulhas encurraladas na casa de banho. Apanhei-as a tentar solicitar caça fora de época. — Com a bebida na mão, deslizou para a ponta do banco, levantando-se com um movimento sensual, deixando escapar um gemido quase inaudível. — Parecem demasiado baratas para terem um feitiço de metamorfose — disse, quando terminou. — Mas tenho a minha coruja grande do lado de fora, para o que der e vier. Se tentarem bater as asinhas de morcego por alguma janela partida, transformam-se em comida de pássaro. Só estou à espera que saiam. — Deu um golo na bebida, os olhos castanhos fitando-me por cima da beira do copo. — Se conseguires apanhar o teu alvo suficientemente cedo, talvez pudéssemos partilhar um táxi para a alta da cidade.

O ligeiro tom de perigo na sua voz fez-me acenar cautelosamente, enquanto ela partia. Com os dedos a brincar nervosamente com um rebelde caracol ruivo, decidi que ia ver como é que estava, antes de me meter num táxi com ela mais tarde, naquela noite. Ivy podia não precisar de sangue para sobreviver, mas era óbvio que o desejava, independentemente do seu voto público de abstinência.

Foram apresentadas condolências no bar, uma vez que restavam apenas duas bebidas junto ao meu cotovelo. Jenks continuava a resmungar, numa birra estridente.

— Calma, Jenks — disse-lhe, tentando impedi-lo de me arrancar o brinco. — Gosto de ter um *pixy* como apoio. As fadas não fazem ponta a menos que o sindicato as autorize.

— Já reparaste? — por pouco não rosnava, fazendo-me cócegas nas orelhas com o vento das asas que se moviam velozes e mal humoradas. — Só por causa de um poemazeco ranhoso pré-Viragem, escrito por um gordalhufo bêbado, acham que são melhores do que nós. Publicidade, Rachel! É tudo. Umás luvinhas à antiga. Sabias que as fadas recebem mais do que os *pixies* pelo mesmo trabalho?

— Jenks? — interrompi, afastando o cabelo do ombro. — O que é que se está a passar no bar?

— E aquele quadro! — continuou, fazendo tremer o meu brinco. —



Já o viste? Aquele de um fedelho humano na festa da associação? Aquelas fadas estavam tão bêbadas, que nem sequer sabiam que estavam a dançar com um humano. E ainda lhes pagam *royalties*!

— Concentra-te, Jenks — disse, secamente. — O que é que se está a passar no bar?

Ouviu-se um ligeiro resfolgar e o meu brinco virou-se.

— O concorrente número um é preparador físico — resmungou. — O concorrente número dois repara ares condicionados e o concorrente número três é repórter de um jornal. Diurnos. Todos eles.

— Então e o tipo no palco? — sussurrei, assegurando-me de que não olhava para lá. — O S.I. só me deu uma descrição vaga porque o nosso alvo deve estar sob um feitiço de disfarce.

— O *nosso* alvo? — disse Jenks. O vento das suas asas cessou e a sua voz perdeu o tom de raiva.

Aproveitei-me daquilo. Talvez ele precisasse, apenas, de ser incluído.

— Porque não vais dar-lhe uma olhadela? — perguntei em vez de exigir. — Parece não saber por que lado da gaita de foles deve soprar.

Jenks soltou uma gargalhada curta e afastou-se, mais bem-disposto. A confraternização entre agente e apoio era desencorajada, mas caramba. Jenks sentia-se melhor e talvez a minha orelha ainda estivesse inteira quando o Sol nascesse.

Os tipos no bar trocaram cotoveladas quando eu passei o indicador em redor da beira do copo de Old-fashioned, fazendo-o cantar enquanto esperava. Estava aborrecida e um pouco de *flirt* era bom para a alma.

Entrou um grupo, conversavam em voz alta e percebi que a chuva tinha pegado. Aglomeraram-se na ponta mais afastada do bar, todos a falar ao mesmo tempo, os braços estendidos para as bebidas, exigindo atenção. Olhei para eles, e um ligeiro aperto no estômago dizia-me que, pelo menos um deles, era um vampiro morto. Era difícil perceber qual, sob a parafernália gótica.

Calculei que fosse o jovem mais calado, que se deixara ficar para trás. Era o que parecia mais normal no meio do grupo coberto de tatuagens e *piercings*, envergando calças de ganga e uma camisa, em vez do cabedal manchado pela chuva. Devia estar a sair-se bem para ter um tal bando de humanos com ele, os pescoços cobertos de cicatrizes e os corpos magros e anémicos. Mas pareciam felizes, satisfeitos por fazerem parte daquele grupo coeso, quase familiar. Estavam a ser particularmente simpáticos com uma bonita loura, apoiando-a e trabalhando em conjunto para a convencer a comer uns amendoins. Ela parecia cansada enquanto sorria. Deve ter sido o pequeno-almoço dele.

Como se puxado pelos meus pensamentos, o homem atraente vol-

tou-se. Baixou os óculos de sol e senti o meu rosto ficar dormente quando fixou os meus olhos por cima deles. Inspirei fundo, vendo, do local onde me encontrava, no lado oposto da sala, as gotas de chuva sobre as suas pestanas. Fui tomada por uma súbita necessidade de as libertar daquele peso. Quase conseguia sentir a humidade das gotas de chuva nos meus dedos, a sua suavidade. Os lábios dele moveram-se enquanto sussurrava e era como se eu conseguisse ouvir, mas não compreendesse as palavras que giravam atrás de mim e me empurravam para a frente.

Com o coração a bater, dirigi-lhe um olhar de reconhecimento e abanei a cabeça. Um sorriso, ligeiro e encantador, puxou-lhe os cantos da boca e ele afastou o olhar.

O ar que mantinha preso nos pulmões escapou-me, enquanto obrigava os meus olhos a afastarem-se dele. Tratava-se de um vampiro morto. Um vampiro vivo não teria sido capaz de me enfeitiçar, nem mesmo aquele pequeno bocado. Se se tivesse esforçado a sério eu não teria tido a mínima hipótese. Mas era para isso que serviam as leis, certo? Os vampiros mortos só podiam aceitar iniciados a isso dispostos de livre vontade e apenas depois de serem assinados documentos de renúncia; mas quem poderia dizer se os papéis tinham sido assinados antes ou depois? As bruxas, os lobisomens e outros Inderlanders eram imunes à transformação vampírica. Um pequeno conforto, caso o vampiro perdesse o controlo e se morresse com a garganta rasgada. Claro que também havia leis contra isso.

Ainda inquieta, ergui os olhos e descobri que o músico avançava na minha direção, os olhos iluminados por um brilho febril. *Pixy* idiota. Tinha-se deixado apanhar.

— Vieste ouvir-me tocar, linda? — disse o miúdo quando parou junto à mesa, esforçando-se claramente por tornar a voz mais grave.

— O meu nome é Sue, não é Linda — menti, olhando para lá dele, na direção de Ivy. Estava a rir-se de mim. Maravilha. Aquilo ia ficar um espanto na *newsletter* do escritório.

— Pediste à tua fada para *me dar uma olhadela* — disse, quase cantando as palavras.

— É um *pixy*, não uma fada — disse eu. O tipo ou era um normal idiota ou um Inderlander esperto a fazer-se passar por um normal idiota. Apostava na primeira hipótese.

Abriu a mão e o Jenks voou, aos ziguezagues, na direção do meu brinco. Uma das asas estava dobrada e havia pó de *pixy* a cair delas, deixando pequenos grãos dourados que brilhavam momentaneamente sobre a mesa e sobre o meu ombro. Fechei os olhos para reunir forças. Ia ser culpada por aquilo. Eu sabia.

O rosnar irado de Jenks encheu-me o ouvido e franzi mentalmente

o sobrolho. Não me pareceu que qualquer uma daquelas sugestões fosse anatomicamente possível mas, pelo menos, fiquei a saber que o miúdo era normal.

— Queres vir à minha carrinha ver o meu cachimbo grande? — perguntou o miúdo. — Aposto que o conseguias pôr a canta-a-ar.

Olhei para ele. A proposta do vampiro morto deixara-me nervosa.

— Vai-te embora.

— Eu vou rebentar, Suzy-Q — gabou-se, tomando o meu olhar hostil como um convite para se sentar. — Vou para a costa, assim que conseguir juntar dinheiro suficiente. Tenho um amigo na indústria musical. Ele conhece um tipo que conhece um tipo que limpa a piscina da Janis Joplin.

— Vai-te embora — repeti, mas ele não fez mais do que recostar-se e contorcer o rosto, cantando “Sue-sue-sussudio”, num tom *falsetto* agudo, batendo na mesa fora de ritmo.

Aquilo era embaraçoso. Certamente seria perdoada se lhe desse uma lição? Mas não, eu era um bom soldadinho na luta contra os crimes contra os normais, ainda que mais ninguém, para além de mim, o achasse. Sorrindo, inclinei-me para a frente até revelar a linha entre os seios. Isso conseguia sempre chamar-lhes a atenção, mesmo que não houvesse muito para mostrar. Estendendo o braço sobre a mesa, agarrei-lhe nos curtos pelos do peito e torci-os. Isso também lhes chama a atenção e traz-me muito maior satisfação.

O ganido que ele deu, interrompendo a cantoria, foi como glacê, tão doce!

— Sai — sussurrei. Empurrei o Old-fashioned para a mão dele e envolvi o copo com os seus dedos moles. — E livra-te disto por mim. — Os olhos dele abriram-se ainda mais quando lhe dei um pequeno puxão. Os meus dedos abriram-se com relutância e ele teve o tacto de bater em retirada, despejando meio copo enquanto o fazia.

Do bar ergueu-se um rugido de vivas. Olhei e vi o velho empregado de balcão a sorrir. Tocou de lado no nariz e eu inclinei a cabeça.

— Miúdo estúpido — murmurei. Não tinha nada que estar em Hollows. Alguém lhe devia atirar o traseiro para o outro lado do rio, antes que se magoasse.

Restava apenas um copo à minha frente e já deviam estar a ser feitas apostas sobre se o ia beber ou não.

— Estás bem, Jenks? — perguntei, calculando qual seria a resposta.

— O gigantone meia-leca quase me esmagou e tu perguntas se eu *estou bem?* — rosnou. A vozinha era hilariante e as minhas sobrancelhas levantaram-se. — Quase me partia as costelas. Fiquei a feder a lodo. *Deus todo poderoso*, tresando. E olha o que ele fez às *minhas roupas*. Sabes como

é difícil tirar cheiros da seda?! A minha mulher vai-me obrigar a dormir no canteiro das flores se eu entrar em casa com este cheiro. Podes meter o triplo pagamento onde quiseres, Rache. Não vales a pena!

Jenks não se apercebeu quando eu deixei de ouvir. Não tinha dito nada sobre a asa, por isso sabia que estava bem. Afundei-me na cabine e deixei-me ficar; não podia fazer nada com Jenks a perder pó como estava. Estava simplesmente tramada. Se regressasse de mãos a abanar não me iam atribuir nada para além de distúrbios sob a lua cheia e queixas por encantamentos defeituosos, até à próxima primavera. A culpa não era minha.

Com Jenks incapaz de voar, eu sabia que mais valia regressar a casa. Se lhe comprasse uns cogumelos Maitake talvez não contasse ao tipo das apropriações como é que a asa tinha ficado dobrada. *Que diabo*, pensei. *Porque não fazer uma festa?* Uma espécie de derradeira diversão antes de o meu chefe me pregar o rabo à vassoura, por assim dizer. Podia parar no centro comercial e comprar espuma de banho e um novo álbum de *slow jazz*. A minha carreira estava a ir pelo cano abaixo, mas não havia razão para não aproveitar a viagem.

Com um perverso sorriso de antecipação peguei na minha mala e no Shirley Temple, levantando-me e avançando na direção do bar. Deixar coisas penduradas não fazia o meu género. O concorrente número três sorriu e abanou a perna para se ajeitar. Deus nos ajude. Os homens conseguem ser tão nojentos. Eu estava cansada, irritada e grosseiramente subvalorizada. Sabendo que ele tomaria qualquer coisa que eu dissesse por uma tentativa de me fazer de difícil, virei o *cocktail* na frente das suas calças e continuei a andar.

Sorri ao ouvir a exclamação de ultraje, depois franzi o sobrolho ao sentir o peso da sua mão no meu ombro. Voltei-me e agachei-me, uma perna esticada, girando para o fazer cair ao chão. Ele caiu no chão de madeira com um baque audível. Depois de um arquejo momentâneo, o bar ficou em silêncio. Eu estava sentada em cima dele, uma perna para cada lado do seu peito, antes mesmo que compreendesse o que tinha acontecido.

A minha manicure vermelho sangue sobressaía, enquanto lhe agarava no pescoço agitando-lhe os pelos debaixo do queixo. Os olhos estavam muito abertos. Cliff erguia-se junto à porta com os braços cruzados, contentando-se em observar.

— Raios, Rache — disse Jenks, balouçando loucamente no meu brinco. — Quem é que te ensinou isso?

— O meu pai — respondi, depois inclinei-me até ficar bem perto do rosto dele. — Lamento — sussurrei no espesso sotaque de Hollows. — Queres brincar, biscoito? — Os olhos dele tornaram-se assustados quando compreendeu que eu era uma Inderlander e não uma tolinha em busca de uma

noite selvagem de faz-de-conta. Era mesmo um biscoito. Uma guloseima para ser apreciada e esquecida. Eu não o magoaria, mas ele não sabia isso.

— Santa mãe da Sininho! — Exclamou Jenks, afastando a minha atenção do humano choroso. — Sentes este cheiro? Trevo.

Abri ligeiramente os dedos e o homem fugiu de debaixo de mim. Levantou-se atabalhoadamente, arrastando os seus dois companheiros para as sombras com um murmúrio de insultos destinados a salvar-lhe a honra.

— Um dos empregados de balcão? — sussurrei enquanto me levantava.

— É a mulher — disse ele, lançando uma onda de excitação através de mim.

Ergui os olhos, analisando-a. Ela enchia admiravelmente o uniforme justo, de forte contraste entre o preto e o verde, transmitindo uma impressão de competência entediada enquanto se movia, com confiança, atrás do balcão.

— Estás-te a passar, Jenks? — murmurei enquanto tentava, de forma sub-reptícia, tirar as calças de cabedal do local onde se tinham enfiado. — Não pode ser ela.

— Certo! — disse ele, irado. — Como se *tu* fosses capaz de perceber. *Ignora o pixy*. Podia muito bem estar em casa, em frente à televisão. Mas não-ã-ão. Fiquei agarrado, a passar a noite com dois metros de intuição feminina retrógrada que se acha capaz de fazer o meu trabalho melhor do que eu. Tenho frio, fome e a minha asa quase foi dobrada em duas. Se a veia principal se partir, vou ter de fazer crescer uma asa nova. Fazes ideia de quanto tempo isso demora?

Olhei sobre o bar, aliviada por constatar que todos tinham regressado às suas conversas. Ivy tinha partido e, provavelmente, perdera todo o episódio. Era melhor assim.

— Cala-te, Jenks — murmurei. — Finge que és uma decoração.

Andei de lado até chegar perto do velho. Ele dirigiu-me um sorriso desdentado. As rugas marcavam-lhe o rosto de pele curtida, aprovadamente, enquanto os seus olhos viajavam por todo o lado exceto pelo meu rosto.

— Dá-me qualquer coisa — sussurrei. — Algo doce. Algo que me faça sentir bem. Algo rico e cremoso que seja, oh, tão mau para mim.

— Vou precisar de ver a sua identificação, menina — disse o velho com um espesso sotaque irlandês. — Não parece ter idade para sair de debaixo das saias da sua mãe.

O sotaque era falso, mas o meu sorriso perante o cumprimento não era.

— Ora, claro, querido — vasculhei no meu saco e retirei a minha carta de condução, disposta a participar na brincadeira, já que era óbvio que

ambos estávamos a gostar dela. — Ups! — Dei uma risadinha, quando o cartão deslizou e caiu para trás do balcão. — Que trapalhona que eu sou!

Com a ajuda do banco alto inclinei-me por cima do balcão para poder dar uma boa espreitadela. Ter o traseiro no ar serviu, não só para distrair admiravelmente os homens presentes, como garantiu que eu dava uma boa olhadela. Sim, era degradante se se pensasse bem nisso, mas funcionava. Ergui os olhos e descobri o velho a sorrir, pensando que o estava a espreitar, mas era na mulher que eu estava interessada, agora. Ela estava em cima de uma caixa.

Tinha quase a altura certa, estava no sítio certo e Jenks tinha-a marcado. Parecia mais nova do que eu estava à espera mas, quando se vive cento e cinquenta anos, aprendem-se alguns truques de beleza. Jenks fungou junto ao meu ouvido, parecia um mosquito convencido.

— Eu disse-te.

Voltei a recostar-me no banco e o empregado devolveu-me a carta de condução juntamente com um Dead Man's Float: uma bola de gelado num copo pequeno de Bailey's. Hum. Guardando o cartão, pisquei-lhe o olho, atrevida. Deixei o copo onde estava, voltando-me como se estivesse a ver os clientes que tinham acabado de entrar. Senti o batimento cardíaco a acelerar e uma comichão nas pontas dos dedos. Eram horas de trabalhar.

Dei uma olhadela rápida à minha volta, para me assegurar de que ninguém estava a olhar, e virei o copo. Arquejei quando este se entornou e a minha atrapalhação não foi inteiramente fingida enquanto saltava para o apanhar tentando salvar, pelo menos, o gelado.

Fui agitada por um surto de adrenalina quando a empregada de balcão respondeu ao meu sorriso de desculpas com um sorriso paternalista. Aquela adrenalina valia mais, para mim, do que o cheque que todas as semanas me punham na secretária. Mas eu sabia que a sensação se desvaneceria tão depressa como chegara. Os meus talentos estavam a ser desperdiçados. Nem sequer precisava de um feitiço para aquela missão.

*Se isto é tudo o que a S.I. me dá, pensei, talvez devesse mandar à fava o pagamento fixo e começar a trabalhar por conta própria.* Poucos tinham deixado a S.I., mas havia um precedente. Leon Bairn era uma lenda viva antes de se tornar independente; pouco depois foi apagado por um feitiço mal alinhado. Corriam rumores de que fora a S.I. a colocar a sua cabeça a prémio por ter quebrado o contrato, já com trinta anos. Mas isso fora há mais de trinta anos. Havia agentes que desapareciam a toda a hora, levados por presas mais espertas ou sortudas do que eles. Atirar as culpas para o corpo de assassinos da S.I. era rancoroso. Ninguém saía da S.I. porque o ordenado era bom e as horas de trabalho poucas, ponto final.

*Sim, pensei, ignorando o sussurro de aviso que me assolou. A morte*

de Leon Bairn fora exagerada. Nunca foi provado nada. E eu ainda tinha um emprego apenas porque eles não me podiam despedir legalmente. Talvez devesse sair pelo meu próprio pé. Não podia ser pior do que aquilo que estava a fazer agora. Eles ficariam felizes por me verem pelas costas. *Claro*, pensei, sorrindo. Rachel Morgan, agente privado. Todas as boas ações defendidas com honestidade. Todas as más ações vingadas com sinceridade.

Sabia que o meu sorriso se tornara vago enquanto a mulher passava, obsequiosamente, a toalha entre os meus cotovelos para limpar o líquido entornado. Inspirei com um ruído rápido. Baixei a mão esquerda e apanhei o pano, prendendo-a com ele. Girei a mão direita para trás, depois para a frente, trazendo as algemas com que lhe prendi os pulsos. Num instante tudo estava terminado. Ela piscou os olhos, chocada. Caramba, sou boa.

Os olhos da mulher abriram-se mais, quando compreendeu o que acabara de acontecer.

— Raios e coriscos! — gritou, soando elegante no seu sotaque irlandês. O dela não era falso. — O que raio pensas que estás a fazer?

A adrenalina transformou-se em cinzas e deixei escapar um suspiro, enquanto fitava a solitária bola de gelado que ficara da minha bebida.

— Segurança Inderland — disse, batendo com a identificação da S.I. no balcão. A adrenalina já tinha passado. — És acusada de fabricar um arco-íris com o propósito de falsear a origem dos rendimentos obtidos com o dito arco-íris, não apresentação das requisições necessárias à realização do tido arco-íris, não notificação à Autoridade para os Arco-Íris do final do dito arco-íris...

— É mentira! — gritou a mulher, contorcendo-se no interior das algemas. Os seus olhos percorriam loucamente o bar, enquanto todas as atenções se concentravam em si. — É tudo mentira! Encontrei aquele pote legalmente.

— Tens o direito de manter a boca fechada — recitei, comendo uma colher cheia de gelado. Era frio na minha boca e o toque de álcool era um fraco substituto para o calor da adrenalina que desaparecera. — Se abdicares do direito de manter a boca fechada, eu fecho-ta por ti.

O empregado bateu com a palma da mão no balcão.

— Cliff! — urrou, o sotaque irlandês já desaparecido. — Põe o sinal de Precisa-se Empregado(a) na janela. Depois anda para aqui para me ajudares.

— Sim, chefe — foi o grito distante, de quem se está nas tintas, de Cliff.

Pousando a colher, estendi os braços e puxei a duende por cima do balcão, pousando-a no chão antes que ficasse muito mais pequena. Ela ia encolhendo enquanto os amuletos das minhas algemas se sobrepunham, lentamente ao seu feitiço de tamanho, mais fraco.



— Tens o direito a um advogado — disse, guardando a minha identificação. — Se não puderes pagar um, estás feita ao bife.

— Não me consegues apanhar! — ameaçou a duende, lutando, enquanto os gritos da multidão se tornavam mais entusiastas. — Estes anéis de aço não me conseguem deter. Já escapei a reis, sultões e diabretes com redes!

Tentei encaraçar, com os dedos, o cabelo húmido da chuva, enquanto ela lutava e estrebuchava aceitando lentamente que tinha sido apanhada. As algemas iam encolhendo com ela, mantendo-a presa.

— Estarei livre delas num instante — arquejou, abrandando o suficiente para olhar para os pulsos. — Oh, por amor de São Pedro. — Curvou-se, lançando um olhar sobre a lua amarela, o trevo verde, o coração cor-de-rosa e a estrela laranja que ornamentavam as minhas algemas. — Que o cão do demo te salte para cima da perna. Quem deu com a língua nos dentes em relação aos amuletos? — Depois olhou para eles com mais atenção. — Apanhaste-me com quatro? *Quatro*? Não pensei que os antigos ainda funcionassem.

— Podes chamar-me antiquada — disse para dentro do copo —, mas, quando uma coisa funciona, não a deixo.

Ivy passou por mim com as duas vampiras, com os seus mantos negros, à frente dela, elegantes no seu mistério soturno. Debaixo de um dos olhos de uma começava a aparecer uma nódoa negra; a outra coxeava. Ivy não era gentil com vampiros que atacavam menores de idade. Recordando a atração que sentira pelo vampiro morto sentado na ponta do bar, compreendia porquê. Um jovem de dezasseis anos não seria capaz de lutar contra aquilo. Ele não *desejaria* lutar contra aquilo.

— Hei, Rachel — disse Ivy, alegremente, parecendo quase humana agora que não estava a trabalhar ativamente. — Vou para a alta da cidade. Queres dividir o táxi?

Os meus pensamentos regressaram à S.I. enquanto calculava o risco de ser uma empreendedora esfomeada, por oposição a uma vida inteira atrás de ladrões de lojas e vendedores de amuletos ilegais. A S.I. não colocaria a minha cabeça a prémio. Não, Denon ficaria felicíssimo se pudesse rasgar o meu contrato. Não podia pagar um escritório em Cincinnati, mas talvez em Hollows... Ivy passava aqui muito tempo. Ela saberia onde é que podia encontrar algo barato.

— Sim — respondi, reparando que os seus olhos estavam de um castanho belo e estável. — Quero perguntar-te uma coisa.

Ela acenou e empurrou as duas vampiras. A multidão recuou, o mar de roupas negras parecia engolir a luz. O vampiro morto, um pouco afastado, dirigiu-me um aceno respeitoso como se me dissesse “Boa captura”



e, com um toque de emoção que me deu uma falsa pedrada, acenei em resposta.

— Boa, Rachel — trinou Jenks e eu sorri. Já há muito tempo que não ouvia algo assim.

— Obrigada — disse, fitando o reflexo do *pixy*, pendurado no meu brinco, no espelho do bar. Afastando o copo, peguei na mala; o meu sorriso abriu-se ainda mais quando o empregado de balcão me fez um gesto, indicando que a despesa era por conta da casa. Sentindo-me quente, não só devido ao álcool, deslizei do banco e puxei a duende, arrastando-a aos tropeções. Imagens de uma porta com o meu nome pintado rodopiaram na minha cabeça. Era a liberdade.

— Não! Espera! — gritou a duende enquanto eu agarrava no meu saco e erguia o traseiro da duende em direção à porta.

— Desejos! Três desejos. Certo? Deixa-me ir e dou-te três desejos.

Empurrei-a para a chuva quente à minha frente. Ivy já tinha um táxi, as vampiras enfiadas na mala do carro, para que houvesse mais espaço para nós. Aceitar desejos de um criminoso era uma forma certa de nos vermos do lado errado de uma vassoura. Mas só se fossemos apanhados...

— Desejos? — perguntei, ajudando a duende a subir para o banco traseiro. — Vamos conversar.

## Dois

— O QUE É QUE DISSESTE? — PERGUNTEI, ENQUANTO ME VIRAVA LIGEIRAMENTE no banco da frente para olhar para Ivy. Ela gesticulou, impotente, no banco de trás. O ritmo dos limpa para-brisas em mau estado e da boa música lutavam entre si numa mistura bizarra de guitarras chorosas e saco de plástico para soluços contra o vidro. Os altifalantes gritavam “Rebel Yell”. Não conseguia competir com aquilo. A credível imitação de Billy Idol feita por Jenks, que rodopiava com a bailarina havaiana que se encontrava no *tablier*, também não ajudava. — Posso baixar o som? — perguntei ao motorista.

— Não tocar! Não tocar! — gritou ele, com um sotaque estranho. Quicá das florestas europeias? O ligeiro cheiro almiscarado indicava que se tratava de um lobisomem. Levei a mão ao botão do volume, ele retirou a mão peluda do volante e bateu-me.

O táxi guinou para a faixa contrária. Os amuletos, todos estragados tendo em conta o aspeto, deslizaram sobre o *tablier* e caíram para o meu colo e para o chão. A corrente de alho que se encontrava pendurada no retrovisor balançou, acertando-me num olho. Senti um vômito enquanto o fedor lutava com o odor do ambientador de cartão em forma de árvore que também balançava no retrovisor.

— Menina feia — acusou ele, regressando à sua faixa e lançando-me para cima dele.

— Se eu menina bonita — rosnei enquanto regressava ao meu assento —, deixa-me baixar a música?

O motorista sorriu. Faltava-lhe um dente. Se fosse por mim, ainda lhe ficaria a faltar outro.

— Já — disse ele. — Agora eles falar. — A música desvaneceu-se, substituída por um apresentador que falava rapidamente e gritava ainda mais alto do que o volume a que estivera a música.

— Deus do céu — murmurei, baixando o rádio. Fiz uma careta ao sentir a gordura no botão do volume. Olhei para os dedos, depois limpei-os nos amuletos que ainda tinha no colo. Não serviam para mais nada. O sal do uso demasiado frequente por parte do motorista tinha-os estragado. Dirigindo-lhe um olhar sofrido, deitei os amuletos na base para copos lascada.

Voltei-me para Ivy, esparramada no banco da retaguarda. Tinha uma mão levantada, para impedir que a coruja caísse pelo vidro de trás enquanto balouçávamos de um lado para o outro; a outra mão estava pousada atrás do pescoço. Os carros que passavam e o ocasional candeeiro de rua em funcionamento iluminavam, por breves instantes, a sua silhueta negra. Escuros, sem piscar, os seus olhos cruzaram-se com os meus, depois regressaram à janela e à noite. Arrepiei-me perante o ar de tragédia antiga. Não estava a emanar qualquer aura — era apenas Ivy —, mas deu-me calafrios. Será que aquela mulher nunca sorria?

O meu alvo deslizara para o lado oposto, tão longe de Ivy quanto lhe era possível. As botas verdes da duende mal chegavam à ponta do banco e parecia-se com uma daquelas bonecas à venda na televisão. *Três suaves prestações de \$49,95 por esta detalhada representação de Becky a Empregada de Mesa. Bonecas semelhantes já triplicaram, quadruplicaram de valor!* No entanto, esta boneca tinha um brilho matreiro nos olhos. Acenei-lhe, de forma dissimulada, e o olhar de Ivy regressou ao meu, desconfiado.

A coruja emitiu um pio dorido quando acertámos num buraco feio, abrindo as asas para manter o equilíbrio. Mas foi o último. Tínhamos atravessado o rio e já nos encontrávamos de volta a Ohio. A viagem era, agora, suave como manteiga e o motorista abrandou a velocidade, parecendo recorda-se da utilidade dos sinais de trânsito.

Ivy soltou a coruja e passou os dedos pelos cabelos longos.

— Eu disse: “Nunca aceitaste a minha oferta para partilharmos um táxi.” O que é que se passa?

— Oh, sim — passei um braço sobre o banco. — Sabes onde posso arranjar um apartamento barato? Talvez em Hollows?

Ivy fitou-me, o oval perfeito do seu rosto pálido sob as luzes da rua. Agora havia candeeiros em todas as esquinas, tornando tudo quase tão claro como durante o dia. Normais paranoicos. Não que os pudesse culpar.

— Vais-te mudar para Hollows? — perguntou, com uma expressão interrogativa estampada no rosto.

Não pude deixar de sorrir.

— Não. Vou deixar a S.I.

Isso prendeu-lhe a atenção, percebi-o pela forma como piscou os olhos. Jenks parou de tentar dançar com a minúscula figura sobre o *tablier* e olhou para mim.

— Não podes rescindir o contrato com a S.I. — disse Ivy. Olhou de relance para a duende, que lhe sorriu. — Não estás a pensar em...

— Eu? Violar a lei? — disse, em tom leviano. — Sou demasiado boa para violar a lei. Mas não posso fazer nada, se se tratar da duende errada — acrescentei, não me sentindo minimamente culpada. A S.I. tinha deixado bem claro que já não desejavam os meus serviços. O que haveria de fazer? Rolar, deitando-me de costas, a barriga exposta e lamber o... hum, focinho de alguém?

— Os papéis — interveio o motorista, com um sotaque de súbito tão suave como a estrada, enquanto assumia a voz e as boas maneiras necessárias a obter e manter os clientes daquele lado do rio. — Perde os papéis. Está sempre a acontecer. Acho que tenho a confissão do Rynn Cormel por aqui algures, dos tempos em que o meu pai transportava advogados da quarentena para os tribunais, durante a Viragem.

— Sim — acenei-lhe e sorri. — Nome errado no documento errado. Q.E.D.

Os olhos de Ivy não piscavam.

— O Leon Bairn não explodiu espontaneamente, Rachel.

Bufei. Não estava disposta a acreditar nas histórias. Não passavam disso mesmo, histórias para impedir que o rebanho de agentes da S.I. quisesse rescindir contrato depois de aprenderem tudo o que a S.I. tinha para ensinar.

— Foi há mais de dez anos — disse. — E a S.I. não teve nada a ver com isso. Não me vão matar por rescindir o contrato; eles querem que eu me vá embora. — Franzi o sobrolho. — Além disso, ser virado do avesso seria mais divertido do que aquilo que tenho andado a fazer.

Ivy inclinou-se para a frente e eu recusei afastar-me.

— Dizem que foram precisos três dias para encontrar o suficiente dele para encher uma caixa de sapatos — disse ela. — Rasparam-no da parte de cima da ombreira da porta.

— O que é que queres que faça? — disse eu, puxando o braço para trás. — Há meses que não me dão uma missão decente. Olha para isto. — Gesticulei na direção do meu alvo. — Uma duende que não pagou os seus impostos. É um insulto.

A mulherzinha ficou tensa.

— Bem, descu-u-ulpe.

Jenks abandonou a sua nova namorada e sentou-se na parte de trás da aba do chapéu do taxista.

— Sim — disse ele. — A Rachel vai acabar a empurrar uma vassoura se eu tiver de meter uns dias de baixa.

Moveu a asa danificada e eu dirigi-lhe um sorriso forçado.

— Maitake? — perguntei.  
— Cem gramas — contrapôs, e eu dupliquei mentalmente o valor. Ele era boa pessoa, para um *pixy*.  
Ivy franziu o sobrolho, tocando na corrente do crucifixo.  
— Há uma razão pela qual ninguém rescinde contrato. A última pessoa a tentá-lo foi sugada por uma turbina.  
De maxilar cerrado, voltei-me e olhei através da janela da frente. Lembra-me disso. Fora há quase um ano. Tê-lo-ia morto, se ele já não o estivesse. O vampiro devia estar de regresso ao escritório um dia destes.  
— Não estou a pedir a tua autorização — disse. — Estou-te a perguntar se conheces alguém com um apartamento barato para alugar. — Ivy continuava em silêncio e virei-me para a conseguir ver. — Tenho algum escondido. Posso pôr um letreiro, ajudar as pessoas que precisem...  
— Oh, por amor do sangue — interrompeu Ivy. — Saíres para abrir uma loja de amuletos, ainda pode ser. Mas para montares a tua própria agência? — Abanou a cabeça; o cabelo negro balouçava. — Não sou tua mãe, mas fazer isto é suicídio. Jenks? Diz-lhe que é suicídio.  
Jenks acenou com solenidade e eu girei para olhar através da janela. Sentia-me parva por lhe ter pedido ajuda. O taxista acenava.  
— Suicídio — dizia ele. — Suicídio, suicídio, suicídio.  
Aquilo estava a ficar cada vez melhor. Entre Jenks e o motorista do táxi, toda a cidade ia ficar a saber que eu me tinha demitido antes de ter tempo para entregar a carta.  
— Esqueçam, não quero continuar a falar disto — murmurei.  
Ivy passou um braço por cima do banco.  
— Já te ocorreu que alguém te pode estar a armar uma cilada? Toda a gente sabe que os duendes tentam sempre subornar os agentes. Se fores apanhada estás feita ao bife.  
— Sim — disse. — Pensei nisso. — Não tinha pensado, mas não lhe ia dizer. — O meu primeiro desejo será não ser apanhada.  
— É sempre — disse a duende, dissimuladamente. — É esse o teu primeiro desejo? — Num assomo de raiva, acenei, e a duende sorriu, mostrando duas covinhas no rosto. Estava a meio caminho de casa.  
— Olha — disse a Ivy. — Não preciso da tua ajuda. Obrigada por nada. — Remexi na mala, em busca da carteira. — Deixe-me aqui — disse ao motorista. — Preciso de um café. Jenks? A Ivy leva-te de volta à S.I. Importas-te, Ivy? Pelos bons velhos tempos?  
— Rachel — protestou ela —, não me estás a ouvir.  
O taxista fez sinal e encostou, cuidadosamente.  
— Tem cuidado, Boazona.  
Saí, abri a porta de trás e agarrei a minha duende pelo uniforme. As mi-

nhas algemas tinham anulado por completo o seu feitiço de tamanho. Estava mais ou menos do tamanho de uma rechonchuda criança de dois anos.

— Toma — disse, atirando uma nota de vinte para o banco. — Isto deve cobrir a minha parte.

— Está a chover! — lamuriou-se a duende.

— Cala-te. — As gotas caíam sobre mim, arruinando o meu carrapito e colando as madeixas que dele se soltavam ao meu pescoço. Bati com a porta quando Ivy se inclinou para dizer qualquer coisa. Não tinha mais nada a perder. A minha vida era uma pilha de estrume mágico e nem sequer a podia transformar em adubo.

— Mas estou a ficar molhada — queixou-se a duende.

— Queres voltar para o carro? — perguntei. A minha voz estava calma mas, por dentro, estava a ferver. — Podemos esquecer tudo, se quiseres. Tenho a certeza de que a Ivy poderá tratar da tua papelada. Duas missões numa noite. Vai receber um bónus.

— Não — disse, na sua voz fraca e minúscula.

Irritada, olhei para o outro lado da rua, para o Starbucks que servia os mal-humorados da zona fina que precisavam de ter ao seu dispor sessenta formas diferentes de tratar o grão para que se pudessem mostrar insatisfeitos com todas elas. Situando-se daquele lado do rio era provável que, àquela hora, a cafetaria estivesse vazia. Era o local perfeito para amuar e pensar. Arrastei a duende até à porta, tentando adivinhar o preço de uma chávena de café pelo número de jigajogas pré-Viragem na montra.

— Rachel, espera — Ivy tinha aberto o vidro e pude ouvir a música do taxista a tocar, de novo, bem alto. “A Thousand Years” do Sting. Estava quase disposta a voltar para dentro do carro.

Abri a porta do café, repentinamente, fazendo uma careta ao toque alegre dos sininhos.

— Café. Forte. E uma cadeirinha de criança — gritei ao miúdo atrás do balcão, enquanto avançava para o canto mais escuro arrastando a duende atrás de mim. A rasgar. O miúdo era a verdadeira imagem da integridade, com o seu avental de riscas brancas e vermelhas e o cabelo perfeito. Provavelmente tratava-se de um estudante universitário. Eu podia ter ido para a universidade em vez da escola técnica. Pelo menos durante um ou dois semestres. Teria sido aceite e tudo.

A cabine, contudo, era almofadada e suave. Tinha uma toalha a sério. E os meus pés não ficavam colados ao chão, sem dúvida uma vantagem. O miúdo olhava para mim com um ar de superioridade, por isso tirei as botas e sentei-me de pernas cruzadas, para o irritar. Ainda estava vestida como uma prostituta. Acho que ele estava a tentar decidir se haveria de chamar a S.I. ou a sua correspondente humana, o D.F.I. Seria lindo!

O meu bilhete de saída da S.I. estava sentado no banco à minha frente e remexia-se.

— Posso beber um *latte*? — lamuriou-se.

— Não.

A porta repicou e eu olhei, vendo Ivy que entrava a passos largos, a coruja no braço, as garras ferradas sobre a grossa proteção que ela usava no braço. Jenks estava empoleirado no ombro dela, tão longe da coruja quanto lhe era possível. Rígida, voltei-me para a imagem de bebês vestidos como se fossem uma salada de frutas. Suponho que a ideia fosse serem fofos, mas só me deixaram ainda com mais fome.

— Rachel. Tenho de falar contigo.

Aparentemente, aquilo era demasiado para o Júnior.

— Desculpe, minha senhora — disse, com a sua voz perfeita. — Não são permitidos animais de estimação. A coruja terá de ficar no exterior.

*Minha senhora?* Pensei, tentando conter o riso histérico que se começava a formar dentro de mim.

Ele ficou pálido quando Ivy o fitou. Cambaleando, quase caiu quando recuou sem ver para onde ia. Ela estava a usar a sua aura sobre ele. Não era bom.

Ivy voltou o seu olhar para mim. O meu cabelo esvoaçou quando choquei com a parte de trás da cabine. Os olhos de predador, negros, pregaram-me ao assento de vinil. Uma fome crua apertou-me o estômago. Os meus dedos tremeram.

A tensão com que me prendia era inebriante. Não conseguia afastar o olhar. Não era nada que se parecesse com a gentil pergunta que o vampiro morto me colocara no Sangue e Cerveja. Aquilo era raiva, domínio. Ainda bem que ela não estava zangada comigo mas sim com o Júnior atrás do balcão.

Na verdade, mal viu a expressão no meu rosto, a raiva nos seus olhos estremeceu e desapareceu. As suas pupilas contraíram-se, permitindo aos olhos que regressassem à sua natural cor castanha. Num segundo, o manto de poder deslizara dela, regressando às profundezas do inferno de onde viera. Tinha de ser do inferno. Um domínio assim tão cru não podia ter origem num encantamento. A minha raiva regressou. Se estava zangada, não podia estar com medo, certo?

Há anos que Ivy não usava a sua aura sobre mim. Da última vez tínhamos estado a discutir sobre como apanhar um vampiro de baixo nível suspeito de atrair raparigas menores com um jogo de cartas *role-playing* idiota. Eu tinha-a apanhado com um amuleto para dormir, depois pintara a palavra “parva” nas unhas dela com verniz vermelho, antes de a atar a uma cadeira e a acordar. Desde esse dia era uma amiga modelo, se bem que um pouco fria por vezes. Acho que ficou agradecida por eu não ter contado a ninguém.

Júnior limpou a garganta.

— A senhora... hum... não pode ficar, a menos que peça qualquer coisa — alvitrou, hesitante.

*Corajoso, pensei. Deve ser um Inderlander.*

— Um sumo de laranja — disse Ivy em voz alta, de pé à minha frente.  
— Sem polpa.

A surpresa fez-me erguer os olhos.

— Sumo de laranja? — Depois franzi o sobrolho. — Olha — disse, abrindo as mãos e puxando o saco de amuletos para cima do meu colo, num gesto rude. — Não quero saber se o Leon Bairn acabou como película a cobrir o passeio. Vou-me despedir. E nada do que digas me fará mudar de ideias.

Ivy saltou de um pé para o outro. Foi o seu desconforto que arrefeceu o que ainda sobrava da minha raiva. Ivy estava preocupada? Eu nunca vira tal coisa.

— Quero ir contigo — acabou ela por dizer.

Por um momento, não pude fazer mais do que olhar fixamente para ela.

— O quê? — acabei por dizer.

Ela sentou-se à minha frente com um ar de despreocupação afetada, deixando a coruja a tomar conta da duende. O som de tecido a rasgar erguia-se, sonoro, na sala enquanto ela soltava as presilhas da proteção para o braço e a pousava no banco ao seu lado. Jenks saltou para a mesa, os olhos bem abertos e a boca fechada, para variar. Entretanto, apareceu o Júnio com a cadeirinha de criança e as nossas bebidas. Esperámos em silêncio enquanto colocava tudo sobre a mesa com as mãos a tremer, e se ia esconder na sala dos fundos.

A minha caneca estava lascada e só meio cheia. Brinquei com a ideia de regressar àquele local e colar, debaixo da mesa, um amuleto que tornaria azedas todas as natas num raio de metro e meio mas decidi que tinha coisas mais importantes em que pensar. Como o porquê de Ivy querer deitar a sua ilustre carreira pelo cano abaixo.

— Porquê? — perguntei, chocada. — O chefe adora-te. Podes escolher as tuas missões. Tiveste direito a férias pagas, o ano passado.

Ivy estudava a foto, evitando-me.

— E?

— Foram quatro semanas! Foste ao Alasca para ver o sol da meia-noite!

As suas finas sobrancelhas negras uniram-se e estendeu a mão para endireitar as penas da coruja.

— Dividimos a renda, dividimos as contas. Metade da responsabilidade é minha, metade é tua. Eu trago e trato dos meus negócios, tu trazes e tratas dos teus. Se for preciso, trabalhamos juntas. Como antes.



Recostei-me, o meu enfado não tão óbvio como eu queria que fosse, já que não tinha nada para além das almofadas fofas para me encostar.

— Porquê? — voltei a perguntar.

Os dedos dela abandonaram a coruja.

— Sou muito boa naquilo que faço — disse ela, sem me responder. A sua voz estava tingida por um toque de vulnerabilidade. — Não te vou atrasar, Rachel. Nenhum vampiro se atreverá a agir contra mim. Posso alargar essa proteção a ti. Mantereí os assassinos vampiros longe de ti até conseguires o dinheiro para liquidar o teu contrato. Com os meus conhecimentos e os teus feitiços podemos manter-nos vivas durante o tempo suficiente para convencer a S.I. a desistir do prémio sobre as nossas cabeças. Mas quero um desejo.

— Não há nenhum prémio sobre as nossas cabeças — disse eu, rapidamente.

— Rachel... — censurou ela. Os olhos castanhos estavam suaves de preocupação, deixando-me alarmada. — Rachel, vai haver. — Inclinou-se para a frente até eu ser obrigada a lutar para não fugir. Inspirei ao de leve para averiguar se ela cheirava a sangue, sentindo apenas o odor do sumo. Ela estava enganada. A S.I. jamais colocaria a minha cabeça a prémio. Eles queriam que eu sáisse. Era ela quem deveria estar preocupada.

— Eu também — disse Jenks, de súbito. Saltou para a beira da minha caneca. O pó iridescente saltou da asa dobrada, formando uma película oleosa sobre o meu café. — Também quero participar. Quero um desejo. Saio da S.I. e torno-me o vosso apoio. Vocês vão precisar. Rachel, tu ficas com as quatro horas antes da meia-noite, Ivy ficas com as quatro horas depois, ou qualquer outro horário que desejem. Tenho direito a um dia de folga a cada quatro, sete de férias pagas e um desejo. Deixam que eu e a minha família nos mudemos para o escritório, ficamos muito sossegadinhos nas paredes. Podem pagar-me o que estou a ganhar agora, bissemanal.

Ivy acenou e deu um gole no sumo.

— A mim parece-me bem. O que achas?

Fiquei de queixo caído. Não podia acreditar no que estava a ouvir.

— Não vos posso dar os meus desejos.

A duende abanou a cabeça.

— Podes, sim.

— Não — disse eu, impacientemente. — Quer dizer, eu preciso deles. — Uma pontada de preocupação instalara-se no meu estômago ao pensar que talvez Ivy tivesse razão. — Já usei um desejo quando pedi que não fosse apanhada a deixá-la fugir — disse. — Para começar, ainda tenho de desejar que me libertem do meu contrato.

— Hum — gaguejou a duende. — Não posso fazer nada se estiver por escrito.

Jenks fungou, superior.

— Não és assim tão boa, hã?

— Fecha a boca... inseto! — gritou ela, a cor assomando-lhe ao rosto.

— Fecha a tua, pano de musgo! — rosnou ele em resposta.

*Isto não pode estar a acontecer*, pensei. Tudo o que eu queria era sair, não começar uma revolta.

— Não podem estar a falar a sério — disse eu. — Ivy, diz-me, isto é o teu retorcido sentido de humor a revelar-se finalmente?

O seu olhar pousou sobre o meu. Nunca fui capaz de perceber o que se estava a passar por trás dos olhos de um vampiro.

— Pela primeira vez, na minha carreira — disse ela — vou regressar de mãos a abanar. Deixei fugir os meus alvos. — Agitou uma mão no ar. — Abri o porta-bagagens e deixei-as fugir. Quebrei os regulamentos. — Um sorriso de lábios cerrados brilhou sobre ela e desapareceu. — Isso é suficientemente sério para ti?

— Vai arranjar o teu próprio duende — disse eu, parando quando me preparava para levar a mão à caneca. Jenks ainda estava sentado na pega.

Ela riu-se. Foi frio e, desta vez, tremi mesmo.

— Eu escolho as minhas missões — disse ela. — O que é que achas que aconteceria se eu escolhesse ir atrás de um duende, o deixasse escapar e depois tentasse sair da S.I.?

À minha frente, a duende suspirou.

— Não haveria desejo capaz de fazer com que isso parecesse normal — disse ela. — Já vai ser suficientemente difícil fazer com que isto pareça uma coincidência.

— E tu, Jenks? — perguntei eu, a voz a falhar.

Jenks encolheu os ombros.

— Quero um desejo. Pode dar-me algo que a S.I. não pode. Quero ser estéril para que a minha esposa não me deixe. — Traçou um voo irregular até à duende. — Ou será pedir demasiado, palerminha verde? — troçou, erguendo-se de pernas afastadas e as mãos na cintura.

— Inseto — murmurou ela, os meus amuletos a tilintar, enquanto ameaçava esmagá-lo. As asas de Jenks ficaram vermelhas de raiva e perguntei-me se o pó que dele saltava se poderia incendiar.

— Estéril? — Perguntei, lutando por me manter centrada no tópico em mãos.

Ele esticou o dedo à duende e avançou a passos largos sobre a mesa, na minha direção.

— Sim. Sabes quantos fedelhos é que já tenho?

Até Ivy parecia surpresa.

— Arriscarias a vida por isso? — perguntou.

Jenks soltou uma pequena gargalhada trinada.

— Quem é que disse que eu estava a arriscar a vida? A S.I. não se poderia estar mais nas tintas para a minha saída. Os *pixies* não assinam contratos. Eles despacham-nos demasiado depressa. Eu sou um agente livre. Sempre fui. — Sorriu, parecendo demasiado sabido para uma pessoa tão pequena. — Sempre serei. Calculo que a minha esperança de vida possa ser consideravelmente maior se só tiver de proteger duas gigantones.

Voltei-me para Ivy.

— Eu sei que assinaste contrato. Eles adoram-te. Se alguém devia estar preocupada com uma ameaça de morte, és tu, não eu. Porque é que arriscarias isso em troca de... de... — hesitei. — De nada? Que desejo é que pode valer isso?

O rosto de Ivy ficou imóvel. Sobre ela esvoaçou uma ligeira sombra negra.

— Não tenho de te contar nada.

— Eu não sou parva — disse, tentando esconder o meu desconforto. — Como é que sei que não vais retomar a tua prática?

Claramente insultada, Ivy fitou-me até eu afastar o olhar, gelada até aos ossos. *Isto, pensei, é sem dúvida uma péssima ideia.*

— Não sou uma vampira praticante — acabou por dizer. — Já não sou. Nem voltarei a ser.

Obriguei-me a baixar a mão, compreendendo que estava a brincar com o cabelo húmido. As suas palavras só me acalmaram ligeiramente. Tinha o copo meio vazio e só me lembrava de ela ter dado um golo.

— Sócias? — disse Ivy, estendendo-me a mão por cima da mesa.

*Sócia da Ivy? Com Jenks?* Ivy era a melhor agente do S.I. Era mais do que ligeiramente elogioso que ela quisesse trabalhar comigo de forma permanente, se bem que me deixasse um pouco preocupada. Mas não teria, exatamente, que viver com ela. Lentamente estendi a mão para a dela. As minhas unhas vermelhas, de forma perfeita, pareciam garridas ao lado das dela, ao natural. Todos os meus desejos tinham desaparecido. Mas o mais certo é que os tivesse desperdiçado.

— Sócias — disse, tremendo perante o frio da mão de Ivy quando lhe toquei.

— Muito bem! — gritou Jenks, esvoaçando para pousar sobre o nosso aperto de mão. O pó que dele saltava pareceu aquecer o toque de Ivy. — Sócios!

## Três

— DEUS DO CÉU — GEMI NUM SUSSURRO. — NÃO PERMITAS QUE FIQUE DOENTE. Não aqui. — Fechei os olhos, piscando-os demoradamente, esperando que a luz não os magoasse tanto quando os voltasse a abrir. Estava no meu cubículo, no vigésimo quinto piso da torre da S.I. O sol da tarde entrava, de viés, mas nunca chegaria a mim dado que a minha secretária se encontrava perto do centro do labirinto. Alguém trouxera donuts e o meu estômago estava a reclamar do cheiro da cobertura. Tudo o que queria era voltar para casa e dormir.

Abrindo à força a gaveta de cima, procurei um amuleto contra as dores, gemendo ao descobrir que já os tinha usado todos. A minha testa bateu contra a beira da secretária metálica e olhei por entre as madeixas do meu cabelo frisado, para os botins que espreitavam sob a bainha das calças de ganga. Tinha vestido algo mais conservador, por respeito ao meu despedimento: Uma camisa de linho, vermelha, que prendera dentro das calças de ganga. Acabara-se o cabedal justo durante algum tempo.

A noite anterior fora um erro. Tinham sido precisas demasiadas bebidas para que ficasse suficientemente parva para entregar a Ivy e Jenks os desejos que me restavam. Estava, realmente, a contar com os últimos dois. Qualquer um que perceba minimamente de desejos sabe que não se podem desejar mais. O mesmo acontece quando se deseja riqueza. O dinheiro não aparece do nada. Tem de vir de algum lado e, a menos que se deseje não se ser apanhado, é-se sempre apanhado por roubo.

Os desejos são coisas complicadas, razão pela qual a maior parte dos Inderlanders se juntou para exigir que fosse estabelecido um mínimo de três de cada vez. Pensando nisso, não me tinha saído assim tão mal. Ter desejado não ser apanhada por ter deixado fugir a duende permitir-me-ia, pelo menos, deixar a S.I. com um currículo limpo. Se Ivy tivesse razão e eles me fossem perseguir por quebra de contrato, teriam de fazer com que

parecesse um acidente. Mas porque se dariam ao trabalho? As ameaças de morte eram dispendiosas e eles queriam ver-me pelas costas.

Ivy tinha ficado com um marcador para poder pedir o seu desejo mais tarde. Parecia uma moeda antiga com um buraco no meio e ela prendeu-a num fio roxo que colocou em volta do pescoço. Jenks, por outro lado, gastou o desejo logo ali, no bar, partindo de seguida para dar a notícia à mulher. Eu devia ter-me ido embora quando Jenks foi, mas Ivy parecia não querer ir. Havia muito tempo que não saía à noite com uma amiga e pensei que conseguisse encontrar a coragem para dizer ao chefe que me ia embora no fundo de um copo. Não conseguira.

Ainda só debitera cinco segundos do discurso que tinha ensaiado quando Denon abriu um envelope castanho, retirou o meu contrato do seu interior e o rasgou, dizendo-me que tinha meia hora para deixar o edifício. O meu crachá e as algemas emitidas pela S.I. ficaram na sua secretária; os amuletos que as tinham decorado estavam no meu bolso.

Os meus sete anos com a S.I. tinham-me deixado com um monte de tralhas e memorandos ultrapassados. Com os dedos a tremer peguei num vaso barato, de paredes espessas, que já não via uma flor há meses. Foi para o lixo, tal como o cretino que mo tinha dado. A minha tigela de dissolução foi para a caixa aos meus pés. A cerâmica azul, encrostada de sal, raspou ruidosamente no cartão. Tinha secado a semana passada e a película de sal que ficara da evaporação estava poeirenta.

Enfiei uma vara de pau-brasil ao seu lado. Era demasiado grossa para que pudesse transformá-la em varinha, mas eu também não era suficientemente boa para fazer uma varinha. Tinha comprado a vara para fazer um conjunto de amuletos detetores de mentiras mas nunca chegara a fazê-los. Era mais fácil comprá-los. Espreguiçando-me, agarrei na minha agenda telefónica de antigos contactos. Uma rápida olhadela para ter a certeza de que ninguém estava a ver e escondi-a ao lado da tigela de dissolução, usando o leitor de CD e os auscultadores para a tapar.

Tinha alguns livros de referência para devolver à Joyce, do outro lado do corredor, mas o saleiro que os segurava tinha sido do meu pai. Coloquei-o na caixa, enquanto me perguntava o que pensaria o meu pai da minha partida.

— Ficaria nas suas sete quintas — sussurrei, cerrando os dentes devido à ressaca.

Ergui os olhos, espreitando sobre as feias divisórias amarelas. Os meus olhos semicerraram-se ao ver que os meus colegas afastavam o olhar. Tinham-se reunido em grupos apertados, falando sobre mim, ao mesmo tempo que fingiam estar ocupados. Os seus sussurros abafados enervavam-me. Inspirando fundo, peguei na minha foto de Watson, Crick e a

mulher por trás de tudo, Rosalind Franklin. Erguiam-se em frente ao seu modelo de ADN e o sorriso de Rosalind tinha o mesmo humor dissimulado da Mona Lisa. Quase se poderia pensar que ela sabia o que ia acontecer. Perguntei-me se seria uma Inderlander. Muitas pessoas questionavam o mesmo. Guardei a foto para me lembrar como o mundo gira sobre pormenores que outros deixam escapar.

Já se passaram quase quarenta anos desde que um quarto da humanidade foi dizimado por um vírus mutante, o T4 Anjo. E, apesar das frequentes alegações em contrário dos evangelistas televisivos, a culpa não foi nossa. Tudo começou e terminou com uma boa dose de paranoia humana à moda antiga.

Nos anos cinquenta, Watson, Crick e Franklin tinham posto as cabeças a trabalhar em conjunto e resolvido o mistério do ADN em seis meses. As coisas podiam ter ficado por aí, mas os Soviéticos deitaram a mão à tecnologia. Atiçado pelo medo da guerra, o dinheiro fluiu para a ciência em desenvolvimento. No início dos anos sessenta já tínhamos insulina produzida a partir de bactérias. Surgiu uma enorme quantidade de drogas de bioengenharia, inundando o mercado com os rebentos das mais soturnas pesquisas americanas no campo das armas de bioengenharia. Nunca chegámos à lua, voltando-se a ciência para o interior em vez de para o exterior, matando-nos a nós mesmos.

E, depois, perto do fim da década, alguém cometeu um erro. Se foram os EUA ou os Soviéticos é uma questão controversa. De algures, nos frios laboratórios do Ártico, escapou uma corrente de ADN letal. Deixou um modesto rasto de mortes até ao Rio, que foi identificado e resolvido; a maioria da população não se apercebeu de nada, permanecendo ignorante. Mas, ainda os cientistas estavam a inserir as suas conclusões nos livros de registo dos laboratórios e a arquivá-los, quando o vírus sofreu uma mutação.

Prendeu-se a um tomate de bioengenharia através de um ponto fraco no seu ADN modificado, que os investigadores tinham considerado demasiado minúsculo para ser motivo de preocupação. O tomate era conhecido, oficialmente, como tomate T4 Anjo — a sua identificação no laboratório — e daí adveio o nome do vírus Anjo.

Sem se aperceberem de que o vírus estava a usar o tomate Anjo como hospedeiro intermédio, as companhias aéreas transportaram-no. Dezas-seis horas depois, já era tarde demais. Os países do terceiro mundo foram dizimados em três assustadoras semanas e os EUA foram encerrados em quatro. As fronteiras foram militarizadas e foi instituída uma política governamental de “Lamentamos, mas não vos podemos ajudar”. Os EUA sofreram e houve pessoas que morreram mas, quando comparado com a vala comum em que se transformou o resto do mundo, tiveram a vida facilitada.

Mas a principal razão pela qual a civilização permaneceu intacta foi o facto de a maior parte das espécies Inderland serem resistentes ao vírus Anjo. As bruxas, os mortos vivos e as espécies mais pequenas como troles, *pixies* e fadas não foram afetadas. Os lobisomens, os vampiros vivos e os duendes apanharam uma constipação. Os elfos, por outro lado, desapareceram por completo. Acredita-se que a sua prática de miscigenação com os humanos, para aumentar o seu número, levou a que se tornassem suscetíveis ao vírus Anjo.

Quando a poeira assentou e o vírus Anjo foi erradicado, a população combinada das várias espécies tinha-se aproximado da da humanidade. Foi uma oportunidade que depressa aproveitámos. A Viragem, como viria a ser conhecida, começou ao meio-dia, com um único *pixy*. Terminou à meia-noite, com a humanidade escondida debaixo da mesa, tentando aceitar o facto de que tinham vivido ao lado de bruxas, vampiros e lobisomens desde antes do tempo das pirâmides.

A primeira reação instintiva da humanidade, apagar-nos da face da terra, desvaneceu-se rapidamente quando lhes foi enfiado à frente do nariz o facto de que tínhamos sido nós a manter a estrutura da civilização em funcionamento enquanto o mundo se desmantelava. Se não fosse por nós, a taxa de mortalidade teria sido muito superior.

Ainda assim, o primeiro ano depois da Viragem foi uma loucura. Tendo atacado-nos diretamente, a humanidade proibiu a investigação médica, fazendo dela o demónio por detrás dos seus temores. Os laboratórios biológicos foram arrasados e os bioengenheiros que tinham escapado à peste foram julgados e mortos, em algo que não foi mais do que um homicídio legalizado. Seguiu-se uma segunda onda de mortes, mais subtil, quando as fontes dos novos medicamentos foram inadvertidamente destruídas juntamente com a biotecnologia.

Foi apenas uma questão de tempo até que a humanidade exigisse uma instituição exclusivamente humana para monitorizar as atividades dos Inderlander. Nasceu assim o Departamento Federal Inderland, dissolvendo e substituindo as forças de autoridade locais, através dos EUA. Os polícias e agentes federais Inderland, que ficaram sem trabalho, formaram a sua força policial, o S.I. A rivalidade entre os dois persiste até aos dias de hoje, servindo para conter os Inderlanders mais agressivos.

Quatro pisos do edifício principal do D.F.I., em Cincinnati, são dedicados à localização dos restantes laboratórios biológicos ilegais onde, por um preço, ainda é possível encontrar insulina limpa e algo para evitar a leucemia. O D.F.I., dirigido por humanos, está tão obcecado em localizar as tecnologias banidas como o S.I. em tirar a droga psicotrópica Enxofre das ruas.



*E tudo começou quando Rosalind Franklin reparou que lhe tinham mexido no lápis e que alguém se encontrava onde não devia, pensei, esfregando a cabeça dorida com as pontas dos dedos. Pequenas pistas. Leves dicas. É isso que faz girar o mundo. Sorrindo a Rosalind, limpei as dedadas da moldura e guardei-a na caixa de coisas que ia levar comigo.*

Ouvi uma gargalhada nervosa atrás de mim e abri com violência a gaveta seguinte, remexendo por entre os *post-its* e os cliques. A minha escova estava onde eu sempre a deixara; senti que um dos nós que me apertavam o estômago se soltava, enquanto a atirava para a caixa. O cabelo podia ser usado para dirigir os feitiços para alvos específicos. Se Denon fosse avançar com a ameaça de morte, tê-la-ia tirado.

Os meus dedos encontraram a pesada suavidade do relógio de bolso do meu pai. Não havia ali mais nada que fosse meu, por isso fechei a porta de forma enérgica, ficando rígida quando a minha cabeça pareceu prestes a explodir. Os ponteiros do relógio tinham parado às sete para a meia-noite. Ele costumava meter-se comigo, dizendo que tinha parado na noite em que fui concebida. Recostando-me na cadeira, enfiei-o no bolso da frente. Quase o conseguia ver, de pé, na porta da cozinha, a olhar para o relógio de bolso e o que se encontrava sobre o lava-loiça, um sorriso no rosto comprido, enquanto ponderava para onde teriam ido os momentos em falta.

Coloquei o Sr. Peixe — o Beta num aquário esférico que tinha recebido na última festa de Natal do escritório — na tigela de dissolução, confiando que a sorte manteria tanto a água como o peixe no seu interior. Atirei a lata de comida para peixe para a caixa. Um baque abafado, vindo da extremidade oposta da sala, atraiu a minha atenção para lá das divisórias, até à porta fechada do gabinete de Denon.

— Não te vais conseguir afastar nem um metro daquela porta, Tamwood — podia ouvir-se o grito abafado, silenciando o zumbido das conversas. Aparentemente, Ivy acabava de se demitir. — Eu tenho um contrato. Tu trabalhas para mim, não o contrário! Se partires... — Ouvia-se tilintar atrás da porta fechada. — Caramba... — continuou ele, mais calmo. — Quanto é isso?

— O suficiente para comprar o meu contrato — disse Ivy com voz fria. — O suficiente para ti e para os cadáveres na cave. Estamos entendidos?

— Sim — disse ele no que soava a reverência gananciosa. — Sim. Estás despedida.

Sentia-me como se tivesse a cabeça cheia de algodão e pousei-a nas mãos em concha. Ivy tinha dinheiro? Porque é que não me dissera nada a noite passada?

— Vai-te Virar, Denon — disse Ivy, a sua voz clara no silêncio absoluto. — Eu demito-me. Tu não me despediste. Podes ficar com o meu di-



nheiro, mas nunca conseguirás comprar o sangue superior. És de segunda categoria e não há dinheiro no mundo capaz de mudar isso. Mesmo que tivesse de viver de ratazanas, nas sarjetas, estaria melhor do que tu, e o que te mata é o facto de eu já não ter de aceitar ordens tuas.

— Não penses que isto te deixa em segurança — contrapôs o chefe. Quase conseguia ver a veia a saltar-lhe no pescoço. — Os acidentes acontecem, por aqui. Se te aproximares muito, podes acordar morta.

A porta do gabinete de Denon abriu-se repentinamente e Ivy saiu, de rompante, batendo com a porta com tanta força que as luzes tremeram. O rosto estava sério e acho que nem sequer me viu quando passou, intempestiva, pelo meu cubículo. Algures entre o momento em que me deixara e agora, tinha vestido um casaco comprido de seda branca. Estava suficientemente segura das minhas preferências sexuais para poder admitir que lhe ficava muitíssimo bem. A bainha ondulava enquanto ela avançava a passos largos. O seu rosto pálido estava manchado de raiva. A tensão fluía dela, quase visível de tão forte.

Ivy não estava armada em vampira; estava apenas louca por sair dali. Ainda assim, deixava atrás de si uma onda de frio que a luz do sol que entrava pelas janelas não conseguia tocar. Levava ao ombro um saco de lona, vazio, e ainda tinha o desejo pendurado ao pescoço. *Esperta*, pensei. *Guarda-o para um momento de necessidade*. Ivy dirigiu-se para as escadas e eu fechei os olhos, em agonia, quando a porta metálica, corta-fogo, bateu contra a parede.

Jenks entrou veloz no meu cubículo, esvoaçando em redor da minha cabeça, como uma traça maluca, enquanto exibia o curativo que lhe tinham feito na asa.

— Olá, Rache — disse ele, hediondamente alegre. — O que se passa por aqui?

— Tão alto, não — sussurrei. Teria dado qualquer coisa por uma chávena de café, mas não tinha a certeza de valer os vinte passos até à cafeteira. Jenks estava à civil, as cores berrantes e contrastantes. O roxo e o amarelo não combinam. Nunca combinaram; nem nunca hão de combinar. Deus me proteja, o curativo na asa também era roxo. — Não ficas com ressaca?

Ele sorriu, pousando na minha caneca dos lápis.

— Não. O metabolismo dos *pixies* é demasiado acelerado. O álcool transforma-se em açúcar demasiado depressa. Não é ótimo?!

— Estupendo. — Envolvi uma foto minha e da minha mãe, cuidadosamente, num monte de lenços de papel e pousei-a ao lado da de Rosalind. Considerei por algum tempo a hipótese de contar à minha mãe que estava sem emprego, tendo decidido não o fazer por motivos óbvios. Ia esperar até arranjar outro. — A Ivy está bem? — perguntei.

— Sim. Vai ficar bem. — Jenks esvoaçou para cima do meu pote de louro. — Só está chateada por ter de dar tudo o que tinha para poder pagar o contrato e proteger o traseiro.

Acenei, feliz por eles me quererem ver pelas costas. As coisas seriam muito mais fáceis se nenhuma de nós tivesse a cabeça a prêmio.

— Sabias que ela tinha dinheiro?

Jenks limpou o pó a uma folha e sentou-se. Adotou um ar de superioridade, algo difícil quando se tem apenas dez centímetros de altura e se está vestido como um borboleta desvairada.

— Bem, dah... É o último membro vivo da família dela. Eu dava-lhe algum espaço durante uns dias. Está tão furiosa como uma vespa molhada. Perdeu a casa no campo, terrenos, ações, tudo. Só sobrou a mansão da cidade, junto ao rio, e é lá que está a mãe.

Voltei a sentar-me, desembulhei a minha última pastilha elástica de canela e enfiei-a na boca. Ouvi alguns barulhos, quando Jenks aterrou na minha caixa e começou a bisbilhotar.

— Oh, sim — murmurou. — A Ivy disse que já alugou um sítio. Eu tenho a morada.

— Larga as minhas coisas. — Agitei um dedo à sua frente e ele voou de novo para o louro, erguendo-se sobre o ramo mais alto para olhar para os grupos que conversavam. Senti as têmeoras a latejar quando me baixei para limpar a gaveta do fundo. *Porque é que a Ivy deu ao Denon tudo o que tinha? Porque não usar, simplesmente, o seu desejo?*

— Atenção — disse Jenks, deslizando pela planta e escondendo-se entre as folhas. — Lá vem ele.

Endireitei-me e descobri Denon a meio caminho da minha secretária. Francis, o bufo do escritório, lambe-botas e traseiros, afastou-se de um grupo de pessoas, seguindo-o. Os olhos do meu ex-chefe prenderam-se em mim, por cima das paredes do meu cubículo. Engasgando-me, engoli acidentalmente a pastilha.

Para o dizer de forma simples, o chefe parecia um lutador de *wrestling*, doutorado em modos melífluos: homem grande, músculos duros, pele de um tom mogno perfeito. Acho que foi um pedregulho numa vida anterior. Como Ivy, Denon era um vampiro vivo. Ao contrário de Ivy, ele tinha nascido humano e sido transformado. Isso fazia com que fosse considerado de sangue inferior, membro de uma distante segunda categoria no mundo dos vampiros.

Ainda assim, Denon era uma força a ter em conta, tendo trabalhado arduamente para suplantar o seu início ignóbil. A sua superabundância de músculos era mais do que bela; mantinham-no vivo na presença dos seus irmãos adotivos, mais fortes. Tinha o ar intemporal de quem se alimentava

regularmente de um vampiro morto. Só os mortos-vivos eram capazes de transformar humanos em vampiros e, tendo em conta o seu aspeto saudável, Denon era sem dúvida um dos favoritos. Metade do piso queria ser o seu brinquedo sexual. A outra metade tinha-lhe um medo de morte. Eu tinha orgulho em ser um membro encartado do último grupo.

Tinha as mãos a tremer quando peguei na caneca de café do dia anterior e fingi beber um gole. Os braços dele moviam-se como pistões, ao lado do corpo, o polo amarelo contrastando com as calças pretas. Estavam impecavelmente engomadas, revelando as pernas musculosas e a cintura estreita. As pessoas afastavam-se do seu caminho. Algumas deixaram o piso. Deus me ajudasse se tivesse arruinado o meu único desejo e estivesse prestes a ser apanhada.

O plástico estalou quando ele se encostou ao topo das paredes divisórias de metro e vinte. Eu não olhei, concentrando-me, em vez disso, nos buracos que os meus pioneses tinham feito nas divisórias de textura semelhante a serapilheira. Senti um formigueiro na pele dos braços, como se Denon me estivesse a tocar. A sua presença parecia girar e redemoinhar à minha volta, lançando-se contra as paredes do meu cubículo e erguendo-se até parecer que ele se encontrava também atrás de mim. Senti o pulso acelerar e concentrei-me em Francis.

O presunçoso tinha-se sentado na secretária de Joyce e estava a despertar o botão do casaco de poliéster azul. Sorria, revelando os dentes perfeitos, claramente facetados. Enquanto o observava, ele puxou para cima as mangas do casaco, revelando os braços esqueléticos. O rosto triangular estava emoldurado pelo cabelo que lhe chegava às orelhas e que ele estava constantemente a afastar dos olhos. Achava que lhe dava um encanto juvenil. Eu achava que lhe dava um ar de ter acabado de acordar.

Embora fossem apenas três da tarde, o seu rosto estava coberto por pelos que despontavam. O colarinho da camisa havaiana estava intencionalmente levantado, em redor do pescoço. A piada que circulava pelo escritório era a de que ele tentava parecer-se com o Sonny Crockett, mas os olhos semicerravam-se e o nariz era demasiado longo e fino para que o conseguisse. Patético.

— Eu sei o que se está a passar, Morgan — disse Denon, puxando para si a minha atenção. Tinha aquela voz rouca e grave que só aos homens de cor e aos vampiros é permitida. É uma regra inscrita algures. Baixa e doce. Insinuante. A promessa nela contida repuxou-me a pele e fui varrida pelo medo.

— Desculpe? — disse, feliz por a minha voz não ter falhado. Sentindo-me mais corajosa, enfrentei o seu olhar. A respiração tornou-se mais rápida e fiquei tensa. Ele estava a tentar usar a aura às três da tarde. *Maldição.*

Denon inclinou-se sobre a divisória, pousando os braços no topo. Os bíceps ficaram tensos, fazendo saltar as veias. Os pelos da parte de trás do meu pescoço levantaram-se e lutei contra o impulso de olhar para trás de mim.

— Todos pensam que te vais embora por causa das missões da treta que te tenho estado a dar — disse ele, a voz suave acariciando as palavras, enquanto estas passavam pelos seus lábios. — Têm razão.

Ele endireitou-se e eu saltei quando o plástico estalou. O castanho dos seus olhos tinha desaparecido por completo atrás das pupilas aumentadas. *Dupla maldição.*

— Há dois anos que ando a tentar ver-me livre de ti — disse ele. — Não tens tido azar — Ele sorriu, revelando os seus dentes humanos. — Tens-me tido a mim. Apoios de má qualidade, mensagens truncadas, fugas de informação para os teus alvos. Mas, quando finalmente te vais embora, levas contigo a minha melhor agente. — Os olhos dele tornaram-se intensos. Obriguei as minhas mãos a abrirem-se e a atenção dele virou-se para elas. — Isso não é bom, Morgan.

*Não fui eu*, pensei, o meu alarme sossegando um pouco perante a súbita constatação. Não fora eu. Todos aqueles erros *não foram* meus. Mas, depois, Denon deslocou-se para a abertura entre as paredes que era a minha porta.

Num restolhar deslizado de metal e plástico, descobri-me de pé e empurrada contra a secretária. Os papéis foram amachucados e o rato caiu da secretária ficando pendurado, a abanar. Os olhos de Denon estavam negros, devido às pupilas. O meu pulso batia violentamente.

— Não gosto de ti, Morgan — disse. A respiração cobria-me com uma sensação viscosa. — Nunca gostei. Os teus métodos são fracos e desleixados, tal como os do teu pai. Não ser capaz de apanhar um duende é inacreditável. — O olhar dele tornou-se distante e dei por mim a conter a respiração, quando eles se afastaram e a compreensão pareceu pairar quase ao seu alcance.

*Por favor, funciona*, pensei desesperadamente. *Poderia o meu desejo funcionar, por favor?* Denon aproximou-se ainda mais e finquei as unhas na palma da mão para não me encolher. Obriguei-me a respirar.

— Inacreditável — repetiu, como se estivesse a tentar perceber. Mas, depois, abanou a cabeça numa decepção fingida.

Deixei escapar um suspiro quando ele se afastou. Os seus olhos libertaram os meus, deslizando para o meu pescoço, onde sentia a pulsação a martelar. Ergui a mão para o tapar e ele sorriu, como um amante para a sua única amada. Ele só tinha uma cicatriz no pescoço belo. Perguntei-me onde estariam as restantes.

— A partir do momento em que estiveres na rua — sussurrou —, todos te poderão caçar.

O choque misturou-se com o meu alarme numa fusão nauseante. Ele ia pôr a minha cabeça a prémio.

— Não pode... — gaguejei. — Queria que me fosse embora.

Ele nunca se moveu, mas a sua imobilidade tornou o meu medo ainda maior. Os meus olhos abriram-se quando ele inspirou lentamente e os seus lábios se tornaram cheios e vermelhos.

— Alguém vai morrer por isto, Rachel — sussurrou ele e a forma como pronunciou o meu nome fez com que o meu rosto ficasse gelado. — Não posso matar a Tamwood. Por isso vais ser o bode expiatório. — Olhou-me sob as sobrancelhas franzidas. — Parabéns.

Retirei a mão do pescoço, enquanto ele deslizava do meu gabinete. Ele não era tão suave como Ivy. Era a diferença entre os vampiros de sangue superior e os de sangue inferior; entre aqueles que nasciam vampiros e os que nasciam humanos e depois eram transformados. Uma vez no corredor, o peso da ameaça nos seus olhos dissipou-se. Denon retirou um envelope do bolso de trás e atirou-o para cima da minha secretária.

— Goza o teu último pagamento, Morgan — disse, em voz alta, mais para todos os outros do que para mim. Voltou-se e afastou-se.

— Mas queria que eu desistisse... — sussurrei, enquanto ele desaparecia no elevador. As portas fecharam-se; a pequena seta vermelha que apontava para baixo acendeu-se. Tinha o seu próprio chefe para informar. Denon só podia estar a brincar. Ele não podia pôr a minha cabeça a prémio por algo tão parvo como o facto de Ivy se preparar para sair comigo. Podia?

— Boa, Rachel.

A minha cabeça ergueu-se ao ouvir a voz nasalada. Tinha-me esquecido de Francis. Ele deslizou da secretária de Joyce e encostou-se à minha parede. Depois de ter visto Denon a fazer o mesmo, o efeito era risível. Lentamente, voltei a sentar-me na cadeira giratória.

— Estava há seis meses à espera que te irritasses o suficiente para desistir — disse Francis. — Devia ter calculado que só precisavas de apanhar uma piela.

Um assomo de raiva queimou o que restava do meu medo e virei-me para as arrumações. Tinha os dedos frios e tentei esfregá-los para os aquecer um pouco. Jenks saiu do seu esconderijo e esvoaçou, em silêncio, para o cimo da minha planta.

Francis voltou a puxar as mangas do casaco até aos cotovelos. Afastando o meu cheque do caminho com um dedo, sentou-se na minha secretária, com um pé no chão.

— Levaste muito mais tempo do que eu estava à espera — troçou. —

Ou és mesmo teimosa ou mesmo parva. De qualquer forma, estás mesmo morta. — Fungou, fazendo um som arranhado com o nariz fino.

Fechei uma gaveta da secretária com força, quase lhe apanhando os dedos.

— Estás a tentar chegar a algum lado, *Francis*?

— É Frank — disse, tentando soar superior mas parecendo, apenas, constipado. — Não vale a pena apagares os ficheiros informáticos, são meus, juntamente com a tua secretária.

Olhei de relance para o meu computador e a sua proteção de ecrã, uma imagem de uma grande rã de olhos esbugalhados. De vez em quando comia uma mosca com a cara de Francis.

— Desde quando é que os cadáveres lá de baixo deixam um *magô* tomar conta de um caso? — perguntei, realçando a sua classificação. Francis não era suficientemente bom para chegar a bruxo. Podia invocar um feitiço mas não sabia o suficiente para criar um. Eu sabia, embora normalmente andasse com os meus amuletos. Era mais fácil e, provavelmente, mais seguro para mim e para o meu alvo. Não era culpa minha que milhares de anos de estereótipos tivessem colocado as mulheres como bruxas e os homens como magos.

Pelos vistos, era precisamente aquilo que ele queria que eu lhe perguntasse.

— Não és a única a saber cozinhar, Rachel minha menina. Recebi a minha licença a semana passada. — Inclinando-se, retirou uma caneta da minha caixa e voltou a colocá-la na caneca para os lápis. — Poderia ter chegado a bruxo há muito tempo. Simplesmente não queria sujar as mãos a aprender a fazer um feitiço. Não devia ter esperado tanto tempo. É demasiado fácil.

Voltei a tirar a caneta e enfiei-a no bolso.

— Ora, bom para ti. — *O Francis chegou a bruxo? Pensei. Devem ter reduzido os padrões de exigência.*

— Pois — disse Francis, limpando a sujidade sob as unhas com um dos meus punhais de prata. — Fiquei com a tua secretária, os teus casos, até o teu carro da empresa.

Arrancando-lhe a minha faca da mão, atirei-a para a caixa.

— Eu não tenho carro da empresa.

— Eu tenho. — Mexeu no colarinho da camisa coberta de palmeiras como se estivesse satisfeito consigo mesmo. Prometi a mim mesma manter a boca fechada, antes que lhe desse uma nova oportunidade para se gabar. — Sim — disse, depois de um suspiro exagerado. — Vou precisar dele. O Denon mandou-me entrevistar o vereador Trenton Kalamack, na segunda-feira. — Francis soltou uma risadinha. — Enquanto lutavas com

as tuas míseras capturas, eu liderava a equipa que apreendeu dois quilos de Enxofre.

— Grande coisa — disse eu, pronta a estrangulá-lo.

— A questão não está na quantidade. — Afastou o cabelo dos olhos. — Está em quem a transportava.

Isso despoletou o meu interesse. O nome de Trent relacionado com uma apreensão de Enxofre?

— Quem? — perguntei.

Francis deslizou da minha secretária. Tropeçou nos meus chinelos de escritório, cor-de-rosa e felpudos, quase caindo. Recuperando o equilíbrio, apontou-me o dedo como se fosse uma pistola.

— Tem cuidado contigo, Morgan.

Chegara ao meu limite. Com o rosto contorcido, estendi um pé, enfiando-o mesmo por baixo do dele. Francis caiu com um gratificante gratinho. O meu joelho estava na parte de trás do seu horrível casaco de poliéster mal ele chegou ao chão. Levei a mão à anca em buscas das algemas desaparecidas. Jenks deu urras, voando sobre a minha cabeça. O escritório ficou em silêncio, depois de um arquejo sobressaltado. Ninguém interferiu. Nem sequer olhavam para mim.

— Não tenho nada a perder, biscoito — rosnei-lhe, inclinando-me até lhe sentir o cheiro a suor. — Como tu disseste, já estou morta, por isso a única coisa que me impede de te arrancar as pálpebras neste preciso momento é a curiosidade. Vou perguntar-te mais uma vez. Quem é que apanhaste com o Enxofre?

— Rachel — gritou ele, capaz de me fazer cair de cu, mas com medo de o tentar. — Estás em grandes... Au! Au! — exclamou, quando as minhas unhas se enterraram na parte de cima da pálpebra direita. — Yolin. Yolin Bates!

— A secretária do Trent Kalamack? — disse Jenks, pairando sobre o meu ombro.

— Sim — disse Francis, o rosto a raspar no tapete enquanto voltava a cabeça para olhar para mim. — Ou melhor, a falecida secretária. Raios, Rachel. Sai de cima de mim!

— Ele está morto? — limpei o pó às calças de ganga enquanto me levantava.

Francis tinha um ar sério quando se levantou, mas estava a divertir-se um pouco a contar-me aquilo, caso contrário já se teria ido embora.

— Ela, não ele — disse, enquanto ajustava o colarinho para que ficasse levantado. — Encontraram-na morta e petrificada numa cela da S.I., ontem. Literalmente. Ela era uma maga.

Pronunciou a última palavra em tom condescendente e eu dirigi-lhe



um sorriso amarelo. Como é fácil tratar com despeito algo que se era apenas uma semana antes. *Trent*, pensei, sentindo que o meu olhar se tornava distante. Se eu pudesse provar que o Trent negociava Enxofre e o entregasse à S.I. numa bandeja de prata, Denon seria obrigado a deixar-me em paz. A S.I. andava atrás dele há anos e a rede de distribuição de Enxofre continuava a crescer. Ninguém sabia, sequer, se ele era humano ou Inderlander.

— Caramba, Rachel — gemeu Francis, esfregando o rosto. — Deixas-te-me o nariz a sangrar.

Com os pensamentos mais claros voltei para ele um olhar trocista.

— És um bruxo. Vai fazer um feitiço. — Sabia que ele não podia ser assim tão bom. Teria de pedir um emprestado, como o mago que fora, e eu podia ver que isso o irritava. Sorri quando ele abriu a boca para dizer qualquer coisa. Pensando melhor, prendeu o nariz com os dedos e afastou-se.

Senti um puxão quando Jenks aterrou num dos meus brincos. Francis seguia apressado pelo corredor, a cabeça inclinada num ângulo estranho. A bainha do casaco desportivo abanava ao ritmo do seu andar rígido e não consegui conter o riso quando Jenks começou a trautear o tema de *Miami Vice*.

— Que pano de musgo — disse o *pixy*, enquanto eu regressava à minha secretária.

Voltei a franzir o sobrolho quando coloquei o pote de louro na caixa de coisas para levar. Doía-me a cabeça e queria ir para casa dormir uma sesta. Olhei pela última vez para a minha secretária e peguei nos chinelos, deixando-os cair na caixa. Os livros de Joyce foram deixados na cadeira dela, com um bilhete que dizia que lhe ligava mais tarde. *Ficas com o meu computador, hã?* Pensei, parando para abrir um ficheiro. Com três cliques tornei quase impossível alterar a proteção de ecrã sem deitar abaixo todo o sistema.

— Vou para casa, Jenks — suspirei, olhando para o relógio de parede. Eram três e meia. Só estava no escritório há meia hora. Pareciam séculos. Uma última olhadela pelo espaço aberto só mostrou cabeças baixas e costas. Era como se eu não existisse. — Quem é que precisa deles — murmurei, tirando o casaco das costas da cadeira e levando a mão ao cheque. — Hei!

— gritei, quando Jenks me beliscou a orelha. — Bolas, Jenks. Para com isso!

— É o cheque — exclamou ele. — Raios, mulher. Ele amaldiçoou o cheque!

Estaquei. Enfiando o casaco na caixa, inclinei-me sobre o envelope de aparência inocente. De olhos fechados, inspirei profundamente, em busca do odor a pau-brasil. Depois procurei no fundo da garganta o cheiro a enxofre que ficava depois da magia negra.

— Não consigo cheirar nada.



Jenks soltou uma curta gargalhada.

— Eu posso. Só pode ser o cheque. Foi a única coisa que Denon te deu. E olha para ele, Rachel. É preto.

Senti-me invadir por uma sensação doentia. Denon não podia estar a falar a sério. Não podia.

Olhei em redor da sala, não encontrando qualquer ajuda. Preocupada, retirei o meu vaso do lixo. Deitei um pouco da água do Sr. Peixe. Juntei um pouco de sal à água, mergulhei nela o dedo para a provar, depois juntei mais um bocado. Convencida que a salinidade era igual à do oceano, virei a mistura por cima do cheque. Se lhe tivessem feito um feitiço, o sal quebrá-lo-ia.

Um fio de fumo amarelo pairou sobre o envelope.

— Ah, bolas — sussurrei, subitamente assustada. — Cuidado com o nariz, Jenks — disse, agachando-me debaixo da secretária.

Com um zumbido abrupto o feitiço negro foi dissolvido. Um fumo sulfúrico amarelo ergueu-se no ar e foi sugado pelas ventoinhas. Gritos de decepção e nojo ergueram-se com ele. Ouviu-se um breve reboliço enquanto todos corriam para as portas. Mesmo preparada, o cheiro a ovos podres fez-me arder os olhos. O feitiço era dos maus, feito à minha medida, tendo em conta que tanto Denon como Francis tinham tocado no envelope. Não fora barato.

Abalada, saí de debaixo da minha secretária e olhei para o piso deserto.

— Agora está tudo bem? — disse, tossindo. O meu brinco agitou-se enquanto Jenks acenava. — Obrigada, Jenks.

Com o estômago às voltas deitei o cheque a pingar para dentro da caixa e avancei por entre os cubículos vazios. Parecia que a ameaça de morte de Denon era séria. Que maravilha!

## Quatro

— RA-A-A-ACHEL-L-L-L — CANTOU UMA VOZINHA IRRITANTE. CORTAVA através do ruído das mudanças a serem metidas e do gorgolejo engasgado do motor a diesel do autocarro. A voz de Jenks raspou no meu ouvido interno pior do que giz num quadro e a minha mão tremeu com o esforço de não o agarrar. Nunca lhe conseguiria tocar. O pequeno idiota era demasiado rápido.

— Não estou a dormir — disse, antes que ele pudesse voltar a chamar-me. — Estou a descansar os olhos.

— Vais descansar os olhos para lá da nossa paragem, *Boazona*. — Ele realçou consideravelmente a alcunha que o taxista me tinha dado a noite passada e eu ergui ligeiramente uma pálpebra.

— Não me chames isso. — O autocarro dobrou uma esquina e eu agarrei-me com mais força, quando a caixa balançou no meu colo. — Falta mais dois quarteirões — disse eu, por entre os dentes cerrados. Tinha afastado a náusea mas a dor de cabeça continuava. E sabia que eram dois quarteirões pelo som do treino dos Juniores no parque em frente ao meu apartamento. Haveria outro depois do pôr do Sol para os noturnos.

Ouviu-se um matraquear de asas quando Jenks desceu do meu brinco para a caixa.

— Santa mãe da Sininho! Só te pagam isto?! — exclamou ele.

Os meus olhos abriram-se de súbito.

— Sai das minhas coisas! — Arranquei-lhe o cheque húmido e enfi-o no bolso do casaco. Jenks olhou-me com uma expressão trocista e eu esfreguei o polegar e o indicador juntos, como se estivesse a esmagar qualquer coisa. Ele percebeu a ideia e levou as calças de seda roxa e amarela para fora do meu alcance, pousando em cima do banco à minha frente. — Não devias estar noutra sítio qualquer? — perguntei. — Como, por exemplo, a ajudar a tua família com as mudanças?

Jenks soltou uma risadinha.

— Ajudar com as mudanças? Nem penses. — As asas dele tremeram. — Além disso, tenho de cheirar a tua casa para garantir que está tudo bem, antes que te mandes pelos ares ao tentar usar a casa de banho. — Riu-se de forma histérica e foram várias as pessoas que se voltaram para olhar para mim. Encolhi os ombros como se dissesse “*Pixies*.”

— Obrigada — disse, mal-humorada. Um guarda-costas *pixy*. Denon riria até cair redondo. Estava em dívida para com Jenks por ter descoberto o feitiço no meu cheque, mas a S.I. não tivera tempo para sabotar mais nada. Calculei que tinha alguns dias antes que as coisas começassem a ficar sérias. O mais provável era que se tratasse de algo como “não deixes que o feitiço te apanhe à saída”.

Levantei-me quando o autocarro parou. Lutando para descer os degraus, saí para a luz do sol da tarde. Jenks traçou mais alguns círculos irritantes à minha volta. Era pior do que um mosquito.

— Sítio giro — disse, com sarcasmo, enquanto eu esperava que os carros passassem, para atravessar a rua para o meu apartamento. Concordei, silenciosamente. Vivia na alta de Cincinnati, no que tinha sido um bom bairro vinte anos antes. O apartamento ficava num prédio de tijolo, de quatro andares, originalmente concebido para servir de alojamento aos estudantes universitários da classe alta. Tinha visto a sua última festa de finalistas anos atrás e, agora, estava reduzido àquilo.

As caixas do correio pretas, presas ao alpendre, estavam amolgadas e eram feias; algumas tinham sido obviamente violadas. Eu recebia o correio da senhoria. Desconfiava que era ela quem violava as caixas do correio para poder bisbilhotar o correio dos inquilinos à vontade. Havia uma estreita faixa de relva e dois arbustos com mau aspeto de ambos os lados dos degraus largos. No ano anterior, tinha plantado as sementes de milefólio que recebera numa promoção por correio da *Spell Weekly*, mas o Sr. Dinky, o chiuaua da senhoria tinha-as desenterado, juntamente com a maior parte do jardim. Os pequenos torrões de terra estavam por todo o lado, fazendo com que aquilo parecesse um campo de batalha de fadas.

— É eu que achava que a minha casa era má — sussurrou Jenks, enquanto eu evitava o degrau com caruncho.

As minhas chaves tilintaram, enquanto equilibrava a caixa e destrancava a porta, ao mesmo tempo. Uma vozinha dentro da minha cabeça dizia-me o mesmo há anos. O cheiro a fritos atacou-me mal penetrei no *foyer*. Um tapete verde, que tanto podia ser utilizado em interiores como exteriores, corria pelas escadas, roçado e desfiado. A Sra. Baker tinha voltado a desatarraxar a lâmpada das escadas, mas a luz do sol que jorrava pela janela

do patamar e banhava o papel de parede com botões de rosa era suficiente para que me orientar.

— Hei — disse Jenks enquanto eu subia as escadas. — Aquela mancha no teto tem a forma de uma *pizza*.

Ergui os olhos. Ele tinha razão. Engraçado, eu nunca reparara naquilo antes.

— E a moosa na parede? — disse, quando chegámos ao primeiro andar. — É do tamanho exato de uma cabeça. Caramba... se estas paredes pudessem falar...

Descobri que ainda era capaz de sorrir. Ia ser bonito quando chegássemos ao meu apartamento: havia uma cova no chão, no local onde alguém tinha acendido uma fogueira.

O meu sorriso desapareceu quando contornei o segundo patamar. Toda as minhas coisas estavam no corredor.

— Que diabo? — sussurrei. Chocada, pousei a minha caixa no chão e olhei para o fundo do corredor, para a porta da Sra. Talbu. — Eu paguei a renda!

— Hei, Rache? — disse Jenks do teto. — Onde está o teu gato?

Com a raiva a crescer, olhei para as minhas mobílias. Pareciam ocupar muito mais espaço quando estavam atulhadas no corredor sobre a porcaria da passadeira de plástico.

— Porque carga de água...

— Rachel! — gritou Jenks. — Onde está o teu gato?

— Eu não tenho nenhum gato — disse, quase a rosnar. Era uma questão sensível para mim.

— Pensei que todas as bruxas tinham um gato.

Com os lábios apertados, avancei pelo corredor.

— Os gatos fazem espirrar o Sr. Dinky.

Jenks voou ao lado do meu ouvido.

— Quem é o Sr. Dinky?

— Ele — disse eu, apontando para uma fotografia emoldurada e demasiado grande de um chiuaua branco, pendurada em frente da porta do apartamento da senhoria. O cão horroroso, de olhos esbugalhados, usava um daqueles laçarotes que os pais põem aos bebés para que se saiba que é uma menina. Bati à porta com força.

— Sra. Talbu? Sra. Talbu!

Ouviu-se o som dos latidos abafados do Sr. Dinky e unhas a arranhar a porta por dentro, rapidamente seguidos pelo som da minha senhoria a guinchar, tentando calá-lo. O Sr. Dinky redobrou em ruído, raspando o chão, para escavar até mim.

— Sra. Talbu! — gritei. — Porque é que as minhas coisas estão no corredor?

— Já começaram a passar palavra, Boazona — disse Jenks a partir do teto. — Trazes problemas.

— Já te disse para não me chamares *isso!* — gritei, batendo na porta dela, ao pronunciar a última palavra.

Ouvi uma porta a bater, no interior do apartamento, e o ladrar do Sr. Dinky tornou-se mais abafado e mais frenético.

— Vai-te embora — ouviu-se a voz fina e esganiçada. — Não podes continuar a viver aqui.

Doeu-me a palma da mão e eu massajei-a.

— Acha que não consigo pagar a renda? — perguntei, sem me preocupar com o facto de todo o piso me conseguir ouvir. — Eu tenho dinheiro, Sra. Talbu. Não pode correr comigo. Tenho aqui o dinheiro da renda do próximo mês. — Saquei do cheque molhado e agitei-o em frente à porta.

— Mudei a fechadura — disse a Sra. Talbu, a voz a tremer. — Vai-te embora antes que te matem.

Fitei a porta, sem conseguir acreditar. Ela sabia da ameaça da S.I.? A imagem de velhota não passava de um engodo. Ela gritou sem problemas, fazendo-se ouvir no meu apartamento, através da parede, quando achou que eu tinha a música demasiado alta.

— Não me pode despejar! — disse eu, em desespero. — Eu tenho direitos.

— As bruxas mortas não têm direitos — disse Jenks, pendurado no candeeiro de teto.

— Raios, Sra. Talbu! — gritei através da porta. — Eu ainda não estou morta!

Não houve resposta. Fiquei ali, a pensar. Não tinha muitos recursos e ela sabia. Suponho que pudesse ficar no meu novo escritório até descobrir alguma coisa. Mudar-me para casa da minha mãe não era uma opção e já não falava com o meu irmão desde que entrara para a S.I.

— E o meu depósito de segurança? — perguntei. Do outro lado da porta, silêncio. O meu mau temperamento começava a ferver, de forma lenta mas constante, algo que poderia durar vários dias. — Sra. Talbu — disse, calmamente. — Se não me der o equivalente à renda do resto do mês e o mês de caução, eu vou ficar aqui sentada, em frente à sua porta. — Parei para ouvir. — Vou ficar aqui sentada até que me lancem um feitiço. O mais certo é explodir aqui mesmo. Vou deixar uma grande mancha de sangue no tapete que não vai sair. Terá de olhar para essa enorme mancha de sangue todos os dias. Está-me ouvir, Sra. Talbu? — ameacei calmamente. — Ficará com pedaços meus presos ao teto do corredor.

Ouviu-se um arquejo.

— Oh, o meu Dinky! — disse a Sra. Talbu, a voz a tremer. — Onde está o meu livro de cheques?

Olhei para Jenks e sorri amargamente. Ele espetou o polegar.

Ouviu-se um ruído, seguido por um momento de silêncio e o som de papel a rasgar. Perguntei-me porque se dava ao trabalho de fazer o papel de velhota. Todos sabiam que ela era mais rija que trampa de dinossáurio petrificada e que o mais certo era viver mais do que todos nós. Nem a Morte a queria.

— Vou espalhar a palavra, sua petulante — gritou a Sra. Talbu do outro lado da porta. — Não vais encontrar nenhum sítio para alugar em toda a cidade.

Jenks voou a pique, enquanto a folha branca era empurrada por debaixo da porta. Depois de ter pairado sobre ela, por um momento, acenou indicando que estava tudo bem. Peguei no papel e li a quantia.

— Então e a caução? — perguntei. — Quer vir comigo ao apartamento e dar uma olhadela? Confirmar se não há buracos de pregos nas paredes ou runas por baixo do tapete?

Ouviu-se uma praga abafada, rapidamente seguida por mais arranhadelas e pelo aparecimento de outra folha branca.

— Sai do meu prédio — gritou a Sr. Talbu —, antes que te atice o Sr. Dinky!

— Também gosto muito de si, velha morcego. — Retirei a chave do porta chaves e deixei-a cair. Furiosa mas satisfeita, agarrei no segundo cheque.

Regressei às minhas coisas, abrandando ao reconhecer o odor revelador de enxofre que delas emanava. Senti os ombros tensos de preocupação, enquanto fitava a minha vida empilhada contra a parede. Tudo tinha sido enfeitado. Não podia tocar em nada. Deus me proteja. Estava sob uma ameaça de morte da S.I.

— Não posso mergulhar tudo isto em sal — disse, enquanto ouvia o som de uma porta a ser fechada.

— Conheço um tipo com um armazém. — Jenks parecia estranhamente simpático e ergui os olhos ao mesmo tempo que segurava os cotovelos. — Se eu lhe pedir, ele pode vir buscar as coisas, guardar tudo isto. Podes tratar dos feitiços de dissolução depois. — Ele hesitou, percorrendo os meus álbuns que tinham sido lançados, sem cuidado, no meu maior caldeirão de cobre para feitiços.

Acenei, encostando-me à parede e deslizando por ela até o meu traseiro bater no chão. As minhas roupas, os meus sapatos, a minha música, os meus livros... *a minha vida?*

— Oh, não — disse Jenks, suavemente. — Amaldiçoaram o CD *The Best of Takata*.

— É autografado — sussurrei, e o zumbido das suas asas tornou-se

menos agudo. O plástico sobreviveria ao mergulho em água salgada, mas o desdobrável de papel ficaria arruinado. Perguntei-me se, caso escrevesse a Takata, ele me enviaria outro. Talvez se lembrasse de mim. De facto, tínhamos passado uma noite louca a correr atrás de sombras nas ruínas dos antigos laboratórios biológicos. Acho que ele até fez uma música sobre isso. “Ergue-se a lua nova / visão nunca vista, / Sombras da fé fazem uma vacina arriscada.” Manteve-se no *top* vinte durante dezasseis semanas consecutivas. — Há alguma coisa que não tenham enfeitiçado? — perguntei.

Jenks pegou na lista telefónica e encolheu os ombros. Tinham-na deixado aberta na secção de médicos legistas.

— Maravilha. — Com um nó no estômago, levantei-me. Os meus pensamentos regressaram ao que Ivy tinha dito na noite anterior sobre Leon Bairn. Pequenos pedacinhos dele espalhados pelo alpendre. Engoli em seco. Não podia ir para casa. *Como raio é que ia pagar ao Denon?*

A cabeça começou-me a doer outra vez. Jenks pousou suavemente no meu brinco, mantendo a boca fechada, enquanto eu pegava na minha caixa de cartão e descia para o andar de baixo. Uma coisa de cada vez.

— Como é que se chama o tipo que tu conheces? — perguntei, ao chegar ao *foyer*. — Aquele que tem o armazém? Se eu lhe der qualquer coisa extra, ele pode tirar o feitiço das minhas coisas?

— Se lhe explicares como. Ele não é um bruxo.

Pensei, lutando para manter a calma. Tinha o telefone na mala, mas estava sem bateria. O carregador estava algures no meio das minhas coisas enfeitiçadas.

— Posso ligar-lhe do escritório — disse eu.

— Ele não tem telefone. — Jenks deslizou do meu brinco, voando para trás à altura dos meus olhos. A fita que lhe ligava a asa tinha-se desfiado e eu perguntei-me se me deveria oferecer para a arranjar. — Ele vive em Hollows — acrescentou Jenks. — Eu contacto-o por ti. Ele é tímido.

Levei a mão à maçaneta da porta, depois hesitei. Encostando as costas à parede afastei a cortina amarela, desbotada pelo sol, para espreitar pela janela. O pátio em mau estado estava silencioso sob o sol da tarde, vazio e calmo. O zumbido de um cortador de relva e o som dos carros que passavam era abafado pelo vidro. Com os lábios cerrados, decidi esperar ali até ouvir o autocarro aproximar-se.

— Ele prefere dinheiro — disse Jenks, descendo para pousar no parapeito. — Levo-o ao escritório depois de ele ter armazenado as tuas coisas.

— Estás-te a referir a tudo o que ainda não tenha desaparecido, entretanto — disse eu, embora soubesse que tudo estava razoavelmente seguro. Os feitiços, em especial os negros, deviam ser dirigidos a alvos específicos, mas nunca se sabe. Ninguém se arriscaria à extinção por causa das minhas

trilhas baratas. — Obrigada, Jenks. — Era a segunda vez que me salvava a vida. Deixava-me desconfortável. E um pouco culpada.

— Hei, é para isso que servem os sócios — disse ele, não ajudando nada.

Sorrindo ligeiramente perante o seu entusiasmo, pousei a caixa para esperar.



## Cinco

O AUTOCARRO ESTAVA CALMO DADO QUE, ÀQUELA HORA, O MAIOR MOVIMENTO era em sentido contrário, saindo de Hollows. Jenks saíra pela janela, pouco depois de termos atravessado o rio para Kentucky. A sua opinião era a de que a S.I. não me atacaria num autocarro cheio de testemunhas. Eu não estava pronta a acreditar nisso, mas também não lhe ia pedir que ficasse comigo.

Disse a morada ao motorista e ele concordou em anunciar quando lá chegássemos. O humano era esquelético, o uniforme azul desbotado estava-lhe largo apesar das bolachas de baunilha que ele enfiava na boca como se fossem gomas.

A maior parte dos motoristas dos transportes públicos de Cincinnati sentia-se confortável perto de Inderlanders, mas nem todos. A forma como a humanidade reagia à nossa existência variava muito. Alguns tinham medo, outros não. Alguns queriam ser como nós, outros queriam matar-nos. Alguns aproveitavam os benefícios fiscais e viviam em Hollows, mas a maior parte não.

Pouco depois da Viragem ocorreu uma migração inesperada, quando a maior parte dos humanos com dinheiro se mudou para o centro das grandes cidades. Os psicólogos da altura tinham apelidado tal movimento de “síndrome do ninho” e, olhando para trás, o fenómeno que afetou todo o país era compreensível. Os Inderlanders estavam mais do que ansiosos por deitar a mão às propriedades dos arredores, atraídos pela perspectiva de um pouco mais de terra a que chamar sua, já para não falar da drástica descida dos preços.

A demografia populacional só há pouco se começara a equilibrar, quando os Inderlanders de sucesso começaram a regressar às cidades e os humanos menos afortunados, mais informados, decidiram que preferiam viver num bom bairro Inderlander do que num mau bairro humano. No

entanto, em geral, com exceção de uma pequena secção em redor da universidade, os humanos viviam em Cincinnati e os Inderlanders do outro lado do rio, em Hollows. Não nos importamos com o facto de a maior parte dos humanos considerarem os nossos bairros o equivalente aos guetos pré-Viragem.

Hollows tornou-se um bastião da vida Inderlander, confortável e casual à superfície, com os seus potenciais problemas cuidadosamente escondidos. A maior parte dos humanos ficava surpreendida com a aparência de normalidade que encontravam em Hollows, algo que, quando paramos para pensar, tem lógica. A nossa história é a da Humanidade. Nós não caímos do céu em 66; emigramos através de Ellis Island. Lutámos na Guerra Civil Americana, na Primeira Guerra Mundial, na Segunda Guerra Mundial; alguns de nós em todas as três. Sofremos com a Depressão e esperamos, como todos os outros, para descobrir quem matou JR.

Mas existem diferenças perigosas e qualquer Inderlander com mais de cinquenta passou os primeiros anos da sua vida a disfarçá-las, uma tradição que se mantém verdadeira até hoje.

As casas são modestas, pintadas de branco, amarelo e, por vezes, de cor-de-rosa. Não há casas assombradas, com exceção do Castelo Loveland em outubro, altura em que é transformado na casa mais assombrada de ambos os lados do rio. Há baloiços, piscinas, bicicletas nos relvados e carros estacionados junto ao passeio. É preciso ter um olhar apurado para perceber que as flores estão organizadas em padrões que protegem da magia negra e que as janelas das caves estão, muitas vezes, cimentadas. A realidade, selvagem e perigosa, floresce apenas nas profundezas da cidade, onde as pessoas se reúnem e as emoções correm livres: parques de diversão, discotecas, bares, igrejas. *Nunca* nas nossas casas.

E é calmo mesmo de noite quando todos os seus habitantes estão acordados. Foi sempre na quietude que os humanos primeiro repararam, deixando-os nervosos, com os instintos plenamente alerta.

Reparei que a minha tensão desceu um pouco, quando comecei a olhar pela janela e a contar as persianas pretas, à prova de luz. A calma do bairro parecia penetrar no autocarro. Até os poucos passageiros que restavam se tinham acalmado. Havia algo em Hollows que parecia dizer “Lar”.

O meu cabelo caiu para a frente, quando o autocarro parou. Nervosa, saltei quando o tipo atrás de mim me tocou no ombro quando se levantou. Com as botas a matraquear o chão, desceu apressadamente os degraus e saiu para o sol. O motorista disse-me que a minha paragem era a seguinte e eu deixei-me ficar de pé, enquanto o motorista seguia por uma rua secundária, para me deixar na paragem. Desci para uma sombra e fiquei imóvel, os braços a envolver a caixa, tentando não respirar os fumos do escape do

autocarro que se afastava. Desapareceu para lá de uma esquina, levando consigo o barulho e os derradeiros vestígios de humanidade.

Lentamente, foi ficando tudo em silêncio. O som de pássaros começou a erguer-se. Algures, perto, estavam miúdos a chamar — não, miúdos a gritar — e um cão a ladrar. Runas de giz multicolorido decoravam o passeio rachado e uma boneca esquecida, com presas pintadas, sorria-me. Do outro lado da rua encontrava-se uma pequena igreja de pedra, o seu campanário erguia-se bem acima da copa das árvores.

Girei sobre os calcanhares, fitando a casa que Ivy nos tinha alugado, uma vivenda de um piso que podia facilmente ser transformada num escritório. O telhado parecia novo, mas a chaminé de argamassa estava a cair. Tinha um relvado, à frente, que parecia ter sido cortado na semana anterior. Até tinha uma garagem, cuja porta se encontrava entreaberta, revelando um cortador de relva enferrujado.

*Serve*, pensei enquanto abria o portão da vedação de arame que rodeava o jardim. Sentado no alpendre, encontrava-se um velho de cor, que balouçava para passar a tarde. *O senhorio?* Imaginei, sorrindo. Perguntei-me se seria um vampiro, já que usava óculos escuros sob o sol do final da tarde. Tinha um aspeto desleixado apesar da barba feita, o cabelo frisado começava a ficar cinzento junto às têmporas. Tinha lama nos sapatos e os joelhos das calças de ganga azuis estavam um pouco sujos. Parecia gasto e cansado, afastado como um cavalo de trabalho indesejado que continuava ansioso por mais um ano.

Pousou um copo alto no corrimão enquanto eu me aproximava.

— Não quero — disse, enquanto tirava os óculos e os guardava num bolso da camisa. A voz era rouca.

Hesitando, olhei para ele a partir da base das escadas.

— Desculpe?

Ele tossiu, limpando a garganta.

— O que quer que esteja a vender dessa caixa. Não quero. Já tenho velas de maldição, doces e revistas que cheguem. E não tenho dinheiro para novos revestimentos exteriores, purificadores de água ou um solário.

— Não estou a vender nada — disse. — Sou a sua nova inquilina.

Endireitou-se e, por uma qualquer razão, isso fez com que parecesse ainda mais desleixado.

— Inquilina? Oh, está a falar da casa do outro lado da rua.

Confusa, apoiei a caixa na outra anca.

— Isto não é o número 1597 de Okstaff?

Ele riu.

— Isso é do outro lado da rua.

— Desculpe tê-lo incomodado. — Voltei-me para partir, erguendo mais a caixa.

— Pois — disse o homem, e eu parei, não desejando ser rude. — Os números estão ao contrário nesta rua. Os números ímpares estão do lado errado da estrada. — Sorriu, aumentando as rugas em redor dos olhos. — Mas não me perguntaram quando penduraram os números. — Estendeu a mão. — O meu nome é Keasley — disse, esperando que eu subisse as escadas e lhe apertasse a mão.

*Vizinhos*, pensei, revirando os olhos, enquanto subia os degraus. *O melhor é ser simpática.*

— Rachel Morgan — disse-lhe, agitando-lhe uma vez o braço. Ele sorriu dando-me palmadinhas no ombro de forma paternal. A força do seu aperto de mão era surpreendente, tal como o cheiro a pau-brasil que dele se erguia. Era um bruxo ou, pelo menos, um mago. Não me sentindo confortável com a sua manifestação de familiaridade, recuei um passo quando ele me libertou. Sob o alpendre estava mais fresco e eu sentia-me mais alta devido ao teto baixo.

— É amiga da vampira? — perguntou, fazendo um gesto para o outro lado da rua, com o queixo.

— A Ivy? Sim.

Ele acenou lentamente, como se isso fosse importante.

— Demitiram-se juntas?

Pisquei os olhos.

— As notícias correm depressa.

Ele riu.

— Sim. Lá isso correm.

— Não tem medo que eu vá ser enfeitiçada no seu alpendre e o leve comigo?

— Não. — Ele inclinou-se para trás, na cadeira de balouço e pegou no copo. — Tirei-lhe este. — Ergueu um minúsculo amuleto autocolante entre o indicador e o polegar. Enquanto os meus lábios se separavam, ele deixou-o cair para dentro do copo. Aquilo que eu julgava ser uma limonada, espumou enquanto o feitiço se dissolvia. Ergueu-se um fumo amarelo e ele abanou a mão num gesto dramático. — Eh lá, cachorro, este era dos maus!

*Água salgada?* Ele sorriu perante o meu óbvio choque.

— Aquele tipo no autocarro — gaguejei, recuando para fora do alpendre. O enxofre amarelo ondulou pela escada como se me tentasse encontrar.

— É um prazer conhecê-la, menina Morgan — disse o homem, enquanto eu cambaleava para o passeio e o sol. — Uma vampira e um *pixy* podem mantê-la viva durante alguns dias, mas não se não tiver mais cuidado.

Os meus olhos voltaram-se para olhar para a rua ao longo da qual avançara o autocarro.

— O tipo no autocarro...

Keasley acenou.

— Tinha razão em achar que eles não iam fazer nada na presença de testemunhas, pelo menos a princípio, mas tem de ter atenção a amuletos que não sejam despoletados senão quando estiver sozinha.

Tinha-me esquecido dos feitiços com retardador. E onde é que o De-non ia buscar o dinheiro? O meu rosto tornou-se sério quando percebi; o dinheiro que Ivy lhe entregara estava a pagar a minha ameaça de morte. Maravilha.

— Estou em casa todo o dia — dizia Keasley. — Pode cá vir se lhe apetece conversar. Eu não saio muito. Artrite. — Bateu num joelho.

— Obrigada — disse-lhe eu. — Por... ter encontrado o amuleto.

— O prazer foi meu — disse ele, o olhar preso ao teto do alpendre e à ventoinha que girava lentamente.

Sentia o estômago às voltas enquanto avançava para o passeio. Será que já toda a cidade sabia que eu me tinha demitido? Talvez Ivy tivesse falado com ele.

Senti-me vulnerável na rua vazia. Nervosa, atravessei a rua, olhando para os números das portas.

— Mil quinhentos e noventa e três — murmurei, olhando de relance para a pequena casa amarela com duas bicicletas, caídas uma por cima da outra, no relvado. — Mil seiscientos e um — disse olhando para o outro lado, para a vivenda de tijolo, bem cuidada. Fiz beicinho. Não havia mais nada entre elas para além da igreja de pedra. Estaquei. Uma igreja?

Um zumbido seco passou perto dos meus ouvidos, agachei-me instintivamente.

— Olá, Rache! — Jenks parou, pairando, fora do meu alcance.

— Raios, Jenks! — gritei, acalmando-me ao ouvir o velho rir. — Não faças isso!

— Já tratei das tuas coisas — disse Jenks. — Fiz com que pusesse tudo em cima de vigas.

— É uma igreja — disse eu.

— A sério, Sherlock. Espera até veres o jardim.

Eu continuava sem me mexer.

— É uma igreja.

Jenks pairava, esperando por mim.

— Tem um jardim enorme nas traseiras. Ótimo para festas.

— Jenks — disse eu, por entre dentes cerrados. — É uma igreja. O jardim das traseiras é um *cemitério*.

— Nem todo. — ele começou a esvoaçar impaciente. — E já não é uma igreja. Durante os últimos dois anos serviu de creche. Ninguém é lá enterrado desde a Viragem.

Eu continuava imóvel, a olhar para ele.

— Tiraram os corpos?

Os seus movimentos velozes cessaram e ele ficou imóvel.

— Claro que tiraram os corpos. Achas que sou *parvo*? Achas que ia viver onde estão *humanos* mortos? Deus me proteja. Os insetos que andam neles, as doenças, os vírus e a porcaria a escorrer para o solo e a entrar em tudo!

Agarrei melhor as minhas coisas, avançando ao longo da rua envolta em sombras e subindo os largos degraus da igreja. Jenks não fazia ideia para onde tinham sido levados os corpos. Os degraus de pedra cinzenta estavam curvados ao meio por décadas de uso e eram escorregadios. Tinha umas portas duplas, mais altas do que eu, feitas de uma madeira avermelhada e rematadas com metal. Numa delas estava aparafusada uma placa.

— Creche da Donna — murmurei, lendo a inscrição. Empurrei a porta, surpreendida com a força necessária para a mover. Não tinha sequer tranca, apenas um ferrolho pelo lado de dentro.

— Claro que tiraram os corpos — disse Jenks, depois esvoaçou por cima da igreja. Apostava uma nota de cem em como tinha ido às traseiras investigar.

— Ivy? — gritei, tentando fechar a porta atrás de mim. — Ivy, estás aqui? — O eco da minha voz foi-me devolvido pelo santuário que eu ainda não vira, um som calmo, abafado e espesso, com um toque a vitral. O mais perto que estivera de uma igreja, desde a morte do meu pai, fora para ler aquelas frases feitas engraçadas que são colocadas nos relevados, em sinais iluminados. O *foyer* estava escuro, envolto em painéis de madeira e sem janelas. Era quente e silencioso, o ar carregado com a presença de liturgias passadas. Pousei a caixa no chão de madeira e escutei o sussurro verde e âmbar que vinha do santuário.

— Desço já! — gritou Ivy, ao longe. Parecia quase alegre, mas onde raios estava ela? A sua voz vinha de todos os lados e de lado nenhum.

Ouviu-se o suave clique de um trinco e Ivy emergiu de trás de um painel. Atrás dela erguia-se uma escada estreita, em espiral.

— Instalei as minhas corujas no campanário — disse ela. Os olhos castanhos estavam mais vivos do que alguma vez os vira. — É perfeito para armazém, tem imensas prateleiras e estendais. Mas alguém deixou lá as coisas. Queres ajudar-me a separá-las, mais tarde?

— É uma igreja, Ivy.

Ivy parou. Cruzou os braços e olhou para mim, o rosto subitamente vazio.

— Há pessoas mortas nas traseiras — acrescentei e ela endireitou-se e entrou no santuário. — As lápides são visíveis da estrada — continuei, seguindo-a.

Os bancos tinham desaparecido, bem como o altar, deixando apenas

uma sala vazia e um palco ligeiramente erguido. A mesma madeira escura formava um lambril que corria por baixo das janelas de vitral que não podiam ser abertas. Na parede encontrava-se ainda uma sombra esbatida, no local onde antes estivera pendurada uma cruz enorme, sobre o altar. O teto tinha a altura de três andares e eu ergui os olhos para a madeira trabalhada, pensando como seria difícil manter aquela divisão quente no inverno. Não passava de um espaço amplo e despido... mas o vazio espartano parecia aumentar a sensação de paz.

— Quanto é que isto vai custar? — perguntei, lembrando-me que era suposto estar zangada.

— Setecentos por mês, contas... hum, incluídas — disse Ivy, calmamente.

— Setecentos? — hesitei, surpreendida. A minha parte seria trezentos e cinquenta. Estava a pagar quatrocentos e cinquenta pelo castelo de um quarto na cidade. Aquilo não era mau. Não era nada mau. Em especial se tinha um jardim. *Não*, pensei, trazendo de volta o meu mau humor. *Era um cemitério*.

— Para onde vais? — disse eu, enquanto Ivy se afastava. — Estou a falar contigo.

— Buscar um café. Também queres? — e desapareceu por uma porta atrás do palco.

— Está bem, a renda é barata — disse eu. — Foi o que eu disse que queria, mas é uma igreja! Não podemos montar o nosso negócio numa igreja! — Espumando, segui-a para lá das casas de banho para ele e para ela, uma de cada lado do corredor. Mais ao fundo, à direita, abria-se uma porta. Espreitei por ela e descobri um quarto vazio, de bom tamanho. O chão e as paredes lisas devolveram-me um eco da minha respiração. Uma janela de vitral, com imagens de santos, era mantida aberta com um pau para arejar o espaço e eu conseguia ouvir os pardais a discutir no exterior. A divisão parecia ter sido um gabinete, posteriormente modificado para receber as camas dos mais pequenos. O chão estava poeirento mas a madeira era sólida e só ligeiramente riscada.

Satisfeita, espreitei para a porta do outro lado do corredor. Havia uma cama improvisada e várias caixas abertas. Antes que conseguisse ver mais, Ivy esticou um braço à minha frente e fechou a porta.

— São as tuas coisas — disse eu, fitando-a.

O rosto de Ivy estava vazio, arrepiando-me ainda mais do que se tivesse usado a sua aura.

— Vou ter de ficar por aqui até poder alugar um quarto noutro lado. — Ela hesitou, prendendo o cabelo preto atrás de uma orelha. — Tens algum problema com isso?



— Não — disse eu, suavemente, fechando os olhos num piscar demorado. Pelo amor de Santa Filomena. Eu ia ter de viver no escritório até me poder instalar. Os meus olhos abriram-se e foi com sobressalto que vi a expressão de Ivy, uma mistura de medo e... excitação? — Também vou ter de ficar por aqui — disse eu, não gostando nada daquilo mas não vendo outra alternativa. — A minha senhoria despejou-me. A caixa junto à porta da frente é tudo o que tenho até conseguir tirar os feitiços das minhas coisas. A S.I. lançou feitiços negros em todo o meu apartamento, quase me apanharam no autocarro. E, graças à minha senhoria, ninguém dentro dos limites da cidade me vai arrendar nada. O Denon pôs a minha cabeça a prêmio, tal como tu disseste. — Tentei que a minha voz não soasse chorosa, mas soou.

A estranha luz continuava nos olhos de Ivy e perguntei-me se ela me dissera a verdade sobre ser uma vampira não praticante.

— Podes ficar com o quarto vazio — disse ela, com a voz cuidadosamente inexpressiva.

Dirigi-lhe um aceno tenso. *Está bem*, pensei, inspirando fundo. Estava a viver numa igreja — com corpos nas traseiras — uma ameaça de morte da S.I. a pairar sobre mim e uma vampira no quarto em frente. Perguntei-me se ela repararia caso eu pusesse uma tranca do lado de dentro da porta. Perguntei-me se teria alguma importância.

— A cozinha fica por aqui — disse, e segui-a, bem como ao cheiro a café. Fiquei de boca aberta quando contornei a arcada aberta e voltei a esquecer-me de que estava zangada.

A cozinha tinha metade do tamanho do santuário e era tão moderna e equipada como o santuário era medieval e estéril. Havia o brilho do metal, o cintilar do cromado e fortes luzes fluorescentes. O frigorífico era enorme. Um fogão e um forno a gás encontravam-se numa ponta da sala; do outro lado estava uma placa elétrica e uma a gás. Centrada no meio de tudo aquilo, uma ilha de aço inoxidável com prateleiras abertas. A estrutura sobre ela estava repleta de utensílios metálicos, frigideiras e tigelas. Era uma cozinha de sonho para uma bruxa; não ia ter de cozinhar os meus feitiços e o meu jantar no mesmo fogão.

Com exceção da mesa e das cadeiras de madeira gasta, no canto, a cozinha podia pertencer a um programa de televisão. Uma das extremidades da mesa estava arrumada como uma secretária, o monitor piscava furiosamente, sozinho, enquanto percorria as linhas abertas em busca da melhor ligação à internet. Era um programa caro e as minhas sobranceiras ergueram-se.

Ivy limpou a garganta, enquanto abria um armário ao lado do lava-loiça. Estavam três canecas desemparelhadas na prateleira de baixo; para além disso, estava vazio.



— Instalaram a cozinha nova há cinco anos, por causa do ministério da saúde — disse, chamando a minha atenção para ela. — Como a congregação não era muito grande, quando tudo estava pronto perceberam que não a podiam pagar. É por isso que a estão a alugar. Para tentar pagar ao banco.

O som de café a ser servido encheu a cozinha, enquanto eu passava o dedo pelo metal intacto da ilha. Nunca vira uma única tarte de maçã ou biscoito de catequese.

— Eles querem a igreja de volta — disse Ivy, parecendo magra quando se encostou ao balcão com a caneca entre as mãos pálidas. — Mas estão a morrer. A igreja, quero eu dizer — acrescentou ela, quando os nossos olhos se cruzaram. — Não há novos membros. Na verdade, é triste. A sala é por aqui.

Não sabia o que dizer, por isso mantive a boca fechada e segui-a até ao corredor e através de uma porta estreita no fim deste. A sala era acolhedora e estava mobilada com tanto gosto que eu não tive qualquer dúvida de que todas aquelas coisas pertenciam a Ivy. Era a primeira vez que sentia suavidade e calor em todo aquele espaço — mesmo que tudo fosse em tons cinzentos — e as janelas eram de vidro simples. Divinal. Senti que a tensão desaparecia. Ivy agarrou no controlo e o som de *midnight jazz* ergueu-se na sala. Talvez aquilo não fosse assim tão mau.

— Quase foste apanhada? — Ivy atirou o controlo para cima da mesinha de centro e instalou-se numa das voluptuosas poltronas de bombazina cinzenta que se encontravam junto à lareira vazia. — Estás bem?

— Sim — admiti, amargamente, parecendo afundar-me quase até aos tornozelos no dispendioso tapete fofo. — Estas coisas são todas tuas? Um tipo chocou contra mim, colou-me um amuleto que não seria evocado até não haver testemunhas ou outras vítimas, para além de mim. Nem acredito que o Denon esteja a levar isto a sério. Tinhas razão. — Esforcei-me por manter a voz normal, para que Ivy não percebesse o quão abalada eu estava. Haveria de arranjar o dinheiro para pagar o meu contrato. — Foi uma sorte o velhote do outro lado da rua mo ter tirado. — Agarrei numa foto de Ivy com um *golden retriever*. Ela estava a sorrir, mostrando os dentes; reprimi um arrepio.

— Que velhote? — perguntou Ivy rapidamente.

— Do outro lado da estrada. Tem estado a observar-te. — Pousei a moldura metálica e ajustei a almofada na cadeira à frente dela, antes de me sentar. Móveis que combinavam; que agradáveis. Um relógio de lareira, antigo, fazia tiquetaque, de forma suave e calmante. Havia uma televisão de 16:9, com leitor de CD num dos cantos. O leitor por baixo tinha todos os botões certos. Ivy percebia de eletrónica.

— Vou trazer as minhas coisas assim que as possa tratar — disse e depois encolhi-me, pensando como as minhas coisas iam parecer baratas ao lado das dela. — O que sobreviver ao banho — acrescentei.

*Sobreviver ao banho?* Pensei, de súbito, fechando os olhos e esfregando a testa.

— Oh, não! — disse suavemente. — Não posso usar a dissolução nos meus amuletos.

Ivy equilibrou a caneca num joelho, enquanto percorria as páginas de uma revista.

— Hum?

— Amuletos — quase gemi. — A S.I. cobriu todo o meu *stock* de amuletos com feitiços negros. Mergulhá-los em água salgada para quebrar o feitiço vai dar cabo deles. E não posso comprar mais. — Fiz uma careta perante a sua expressão vazia. — Se a S.I. foi ao meu apartamento, de certeza que também foram à loja. Devia ter comprado uma data deles ontem, antes de me ter demitido, mas não pensei que eles se importassem com a minha saída. — Ajustei apaticamente o abajur do candeeiro de mesa. Não se tinham importado, até Ivy ter seguido as minhas pisadas. Deprimida, deitei a cabeça para trás e olhei para o teto.

— Pensei que já sabias fazer feitiços — disse Ivy, desconfiada.

— Eu sei, mas dá uma trabalhadeira. E onde é que vou arranjar a matéria-prima? — fechei os olhos em sofrimento. Ia ter de fazer *todos* os meus amuletos.

Ouvi o som de papel e ergui a cabeça, vendo que Ivy folheava a sua revista. Na capa estava uma maçã e uma Branca de Neve. O espartilho de cabedal da Branca de Neve tinha sido cortado para mostrar o umbigo. Uma gota de sangue brilhava como uma joia no canto da boca. Dava um significado completamente diferente a toda a história do sono encantado. O Sr. Disney ficaria chocado. A menos, claro, que fosse um Inderlander. Isso explicaria muita coisa.

— Não podes comprar o que precisas? — perguntou Ivy.

Fiquei rígida perante o toque de sarcasmo na voz dela.

— Sim, mas terá que ser tudo mergulhado em água salgada para garantir que não foi adulterado. Será quase impossível remover todo o sal e isso vai provocar erros na mistura.

Jenks saiu a zumbir da lareira, seguido por uma nuvem de fuligem e um lamento irritante. Perguntei-me há quanto tempo nos estaria a escutar, enfiado na chaminé. Aterrou sobre uma caixa de lenços de papel e limpou uma mancha numa das asas, parecendo uma mistura entre libelinha e gato miniatura.

— Ora, estamos obcecados — disse ele, respondendo à minha pergunta, no que dizia respeito ao facto de nos ter estado a ouvir.

Pairou entre mim e Ivy.

— Ainda não viste o jardim, pois não, Sherlock?

Atirei-lhe a almofada, da qual se desviou com facilidade. Acertou no candeeiro ao lado de Ivy e ela estendeu o braço e apanhou-o antes que caísse ao chão, como se nada fosse. Não ergueu os olhos da revista, não entornou uma gota do café empoleirado no joelho. Os pelos do meu pescoço ficaram em pé.

— Também não quero que me chames isso — disse, para esconder o meu desconforto. Ele parecia mesmo convencido enquanto pairava à minha frente. — O que é? — perguntei, jocosamente. — Há mais do que ervas e pessoas mortas no jardim?

— Talvez.

— A sério? — Aquela ia ser a primeira coisa boa que me acontecia hoje e levantei-me para espreitar pela porta das traseiras. — Vens? — perguntei a Ivy, enquanto levava a mão à maçaneta.

A cabeça dela estava inclinada sobre uma página de cortinas de cabedal.

— Não — disse, claramente desinteressada.

Por isso foi Jenks quem me acompanhou através da porta das traseiras até ao jardim. O sol que se punha estava quente e forte, tornando os odores mais nítidos ao puxar a humidade do chão. Havia uma sorveira brava, algures. Inspirei fundo. Uma bétula e um carvalho. O que só podiam ser os filhos de Jenks estavam a voar ruidosamente de um lado para o outro, atrás de uma borboleta amarela, sobre os aglomerados de vegetação verde. Havia plantas em redor das paredes da igreja e da vedação de pedra. O muro, com a altura de um homem, cercava por completo a propriedade, isolando cuidadosamente a igreja dos restantes vizinhos.

Um outro muro, suficientemente baixo para ser ultrapassado, separava o jardim do pequeno cemitério. Semicerrei os olhos, vendo algumas plantas entre a relva alta e as lápides, mas só as que se tornavam mais potentes junto dos mortos. Quanto mais atentamente olhava, mais espantada ficava. O jardim estava completo. Até as maiores raridades ali se encontravam.

— É perfeito — sussurrei, passando os dedos por um molho de erva príncipe. — Tudo o que posso vir a precisar. Como é que aqui veio parar?

A voz de Ivy fez-se ouvir atrás de mim.

— De acordo com a velhota...

— Ivy! — exclamei, virando-me e vendo-a, imóvel e silenciosa, no caminho, sob um raio de luz âmbar do sol da tarde. — Não faças isso. *Vampira assustadora*, pensei, *devia pôr-lhe um sininho*.

Ela semicerrou os olhos, protegidos pela mão, erguida sob a luz que se desvanecia.

— Ela disse que o último sacerdote era bruxo. Foi ele quem preparou o jardim. Consigo tirar cinquenta à renda se um de nós o mantiver como está.

Olhei para aquele tesouro.

— Eu cuido dele.

Jenks levantou voo de um molho de violetas. As calças roxas tinham manchas de pólen que combinavam com a camisa amarela.

— Trabalho manual? — perguntou. — Com essas tuas unhas?

Olhei de relance para as ovas vermelhas e perfeitas das minhas unhas.

— Isto não é trabalho, é... terapia.

— Como queiras. — A sua atenção prendera-se nos filhos e voou através do jardim para salvar a borboleta com a qual lutavam.

— Achas que tens aqui tudo o que precisas? — perguntou Ivy, enquanto se voltava para regressar ao interior.

— Praticamente. Não se consegue enfeitiçar o sal, por isso o meu *stock* deve estar bom, mas preciso do meu caldeirão bom e de todos os meus livros.

Ivy parou a meio do caminho.

— Pensei que tinhas de saber cozinhar os feitiços para obter a licença de bruxa.

Agora estava embaraçada e debrucei-me para arrancar uma erva daninha que se encontrava sob um alecrim. Ninguém fazia os seus próprios amuletos, desde que tivesse dinheiro para os comprar.

— Sim — disse eu, deixando cair a erva e tirando a terra de debaixo das unhas. — Mas estou destreinada. — Suspirei. Aquilo ia ser mais difícil do que parecia.

Ivy encolheu os ombros.

— Não podes sacá-las da *net*? As receitas, quero eu dizer.

Olhei para ela de lado.

— Confiar em algo da *net*? Oh, isso não é boa ideia.

— Há alguns livros no sótão.

— Claro — disse eu, sarcasticamente. — Cem feitiços para o principiante. Todas as igrejas têm um exemplar.

Ivy ficou rígida.

— Estás a ficar arrogante — disse ela, o castanho dos seus olhos desaparecia atrás das pupilas que se dilatavam. — Só pensei que, tendo em conta que um dos sacerdotes era bruxo e que há aqui as plantas certas, talvez ele tivesse deixado também os livros. A velhota disse que ele fugiu com uma das paroquianas mais novas. O mais certo é que as tralhas no sótão sejam dele, para o caso de ter a lata de regressar.

A última coisa que eu queria era uma vampira zangada a dormir no quarto em frente.

— Desculpa — disse. — Vou ver. E, se tiver sorte, quando for ao bar-

ração em busca de uma serra para cortar os meus amuletos, encontrarei um saco de sal, usado para os dias em que os degraus da frente congelam.

Ivy sobressaltou-se um pouco, voltando-se para olhar para o barracão do tamanho de um roupeiro. Passei por ela, parando no degrau.

— Vens? — disse, determinada a não deixar que ela percebesse que o facto de entrar e sair do modo vampírico me estava a afetar. — Ou as tuas corujas vão-me deixar em paz?

— Não, quer dizer, sim. — Ivy mordeu o lábio. Era sem dúvida um gesto humano e as suas sobrancelhas ergueram-se. — Elas deixam-te subir, só não faças muito barulho. Eu... eu já lá vou ter.

— Como queiras... — murmurei, voltando-me para descobrir o caminho para o campanário.

Como Ivy prometera, as corujas deixaram-me em paz. Afinal, no sótão, havia uma cópia de tudo o que eu perdera no meu apartamento, mais algumas coisas. Muitos dos livros eram tão antigos que se estavam a desfazer. A cozinha tinha um conjunto de caldeirões de bronze usados provavelmente, segundo Ivy, para fazer panelões de chili. Eram perfeitos para fazer os feitiços, já que tinham sido lacrados para reduzir a perda de brilho. Descobrir tudo aquilo de que precisava era bizarro, de tal forma que, quando fui ao barracão em busca de uma serra, foi com alívio que descobri que não havia sal. Não, este estava no chão da dispensa.

Tudo estava a correr bem demais. Tinha de haver algo errado.

## Seis

ESTAVA SENTADA NA ANTIGA MESA DE COZINHA DE IVY, DE PERNAS CRUZADAS, e abanava os pés nos meus felpudos chinelos cor-de-rosa.

— Isto é fantástico — disse, com a boca cheia. A especiaria vermelha e forte queimava-me a língua. Os olhos lacrimejavam. Agarrando num copo de leite, bebi um terço dele. — Picante — disse eu, enquanto Ivy erguia os olhos da caixa que segurava entre as mãos compridas. — Cruzes, é mesmo picante.

Ivy arqueou as finas sobrancelhas pretas.

— Ainda bem que gostas. — Estava sentada à mesa, no espaço que libertara em frente ao computador. Olhando para a sua caixa de *take-out*, o cabelo ondulado deslizou formando uma cortina sobre o seu rosto. Prendeu-o atrás de uma orelha e eu observei a linha do maxilar que se movia lentamente enquanto ela comia.

Eu tinha experiência suficiente com os pauzinhos para não fazer figura de parva, mas Ivy movia os pauzinhos gémeos com uma lenta precisão, levando os pedaços de comida à boca de forma rítmica e algo erótica. Afastei os olhos, subitamente desconfortável.

— Como é que se chama? — perguntei, lançando-me à minha caixa de papel.

— Galinha com caril vermelho.

— Só isso? — perguntei e ela acenou. Fiz um leve ruído. Era algo de que me conseguiria lembrar. Descobri mais um pedaço de carne. O caril explodiu-me na boca e eu empurrei-o com um golo de leite. — Onde é que o foste buscar?

— Ao Piscary's.

Fiquei de olhos abertos. O Piscary's era uma combinação de casa de *pizzas* e poiso de vampiros. Comida muito boa, numa atmosfera deveras particular.

— Isto veio do Piscary's? — disse eu, enquanto mastigava um rebento de bambu. — Pensava que eles não entregavam nada a não ser *pizza*.

— Não entregam... normalmente.

O tom rouco da sua voz chamou-me a atenção e descobri-a concentrada na comida. Ela ergueu a cabeça, quando se apercebeu de que eu não me mexia e piscou os olhos amendoados.

— A minha mãe deu-lhe a receita — disse ela. — O Piscary fá-la especialmente para mim. Não é nada de especial.

Continuou a comer. Uma sensação de desconforto deslizou através de mim e ouvi os grilos sobre o suave som do arranhar dos nossos pauzinhos. O Sr. Peixe nadava no seu aquário esférico, pousado no parapeito. O ruído, suave e abafado de Hollows, durante a noite, era quase inaudível sob o bater ritmado das minhas roupas na máquina de secar.

Não suportava a ideia de usar as mesmas roupas, amanhã, mas Jenks disse-me que o amigo só conseguiria retirar os feitiços das minhas roupas no domingo. O melhor que podia fazer era lavar o que tinha e rezar para não me cruzar com ninguém conhecido. Naquele momento estava com a camisa de dormir e o robe que Ivy me tinha emprestado. Eram pretos, como é óbvio, mas Ivy disse que a cor me ficava bem. O suave aroma a cinza que dele se erguia não era desagradável mas parecia agarrar-se a mim.

O meu olhar viajou até ao espaço vazio por cima do lava-loiça onde se deveria encontrar o relógio.

— Que horas achas que são?

— Um pouco depois das três — disse Ivy, sem olhar para o relógio de pulso.

Esgravatei mais um pouco, suspirando ao perceber que tinha comido todo o ananás.

— Quem me dera que as minhas roupas ficassem prontas. Estou tão cansada.

Ivy cruzou as pernas e inclinou-se sobre o jantar.

— Podes ir. Eu tiro-as da máquina. Vou ficar acordada até perto das cinco.

— Não, eu espero. — Bocejei tapando a boca com as costas da mão. — Amanhã não tenho de me levantar cedo para ir trabalhar, nem nada — terminei, amargamente. Ivy emitiu um leve ruído de concordância e comecei a remexer a comida mais devagar.

— Ivy, podes mandar-me calar se achares que não tenho nada a ver com isso, mas porque é que te juntaste à S.I. se não querias trabalhar para eles?

Ela parecia surpreendida quando levantou os olhos. Com uma voz monócórdica que dizia muito, respondeu:

— Fi-lo para irritar a minha mãe. — Um vislumbre do que parecia

dor pairou sobre ela, desaparecendo antes que eu pudesse ter a certeza de que tinha existido. — O meu pai não ficou contente com o facto de eu me ter demitido — acrescentou. — Disse-me que eu devia ter aguentado ou morto o Denon.

Esquecido o jantar fitei-a, sem saber se estava mais surpreendida por descobrir que o pai dela ainda estava vivo ou pelo seu francamente criativo conselho sobre a melhor forma de subir na cadeia hierárquica do escritório.

— Hum, o Jenks disse que eras o último membro vivo da família — acabei por dizer.

A cabeça de Ivy moveu-se, num aceno lento e controlado. Fitando-me com os olhos castanhos, levou os pauzinhos da caixa aos lábios, numa dança lenta. A subtil mostra de sensualidade apanhou-me de surpresa e mexi-me, desconfortável, no meu poleiro sobre a mesa. Ela nunca fora assim tão má quando estávamos a trabalhar juntas. Claro que, normalmente, acabávamos de trabalhar antes da meia-noite.

— O meu pai entrou na família através do casamento — disse ela, entre viagens à caixa e perguntei-me se ela saberia o quão provocante ficava. — Sou o último membro de sangue vivo. Graças ao acordo pré-nupcial o dinheiro da minha mãe é todo meu, ou era. Está furiosa por eu me ter demitido. Ela quer que eu encontre um vampiro simpático, vivo, de sangue superior, e tenha tantos filhos quantos possível para garantir que a sua linhagem viva não desaparece. Mata-me se eu esticar o pernil antes de ter um filho.

Acenei como se compreendesse, mas não compreendia.

— Eu fui para a S.I. por causa do meu pai — admiti. Envergonhada, dirigi a atenção para o jantar. — Ele trabalhou para a S.I. na divisão arcana. Voltava para casa todas as manhãs com histórias loucas sobre as pessoas que tinha ajudado ou apanhado. Fazia com que tudo parecesse tão emocionante. — Ri. — Nunca falou da papelada. Quando morreu pensei que seria uma forma de ficar perto dele, uma forma de o recordar. Parvo, não é?

— Não.

Ergui os olhos, ao mesmo tempo que mastigava uma cenoura.

— Tinha de fazer alguma coisa. Passei um ano a ver a minha mãe a dar em doida. Não é maluca, mas parece que não consegue acreditar que ele partiu. É impossível ter uma conversa com ela sem que diga algo como: “Hoje fiz pudim de banana; é o preferido do teu pai.” Ela sabe que ele morreu, mas não consegue deixá-lo partir.

Ivy estava a olhar pela janela da cozinha, fitando as suas memórias.

— O meu pai é assim. Passa o tempo todo a manter a minha mãe. Odeio isso.

Comecei a mastigar mais devagar. Não havia muitos vampiros capazes



de permanecerem vivos depois da morte. As elaboradas precauções com a luz do sol e o preço dos seguros eram o suficiente para deixar a maior parte das famílias sem teto. Já para não falar do contínuo fornecimento de sangue fresco.

— Quase nunca o vejo — acrescentou ela, a voz num sussurro. — Não compreendo, Rachel. Tem toda a sua vida pela frente, mas não deixa que ela vá buscar o sangue de que precisa a mais ninguém. Se não está com ela, está desmaiado no chão devido à perda de sangue. Impedir que ela morra por inteiro está a matá-lo. É impossível para uma pessoa sustentar, sozinha, um vampiro. Ambos o sabem.

A conversa tinha seguido um caminho desconfortável, mas eu não podia abandoná-la.

— Talvez ele o esteja a fazer porque a ama? — tentei, lentamente.

Ivy franziu o sobrolho.

— Que tipo de amor é este? — Levantou-se, as pernas longas desdobrando-se num movimento gracioso. Com a caixa na mão, desapareceu no corredor.

O súbito silêncio martelou-me nos ouvidos. Fitei a sua cadeira vazia, surpreendida. Ela fora embora. Como é que se podia ir embora? Estávamos a conversar. A conversa era demasiado interessante para ser abandonada, por isso deslizei da mesa e segui-a até à sala com o meu jantar.

Ela tinha-se deixado cair numa das poltronas de bombazina cinzenta, refastelada numa posição de total despreocupação, a cabeça num dos braços grossos e os pés pendurados sobre o outro. Hesitei junto à porta, apanhada de surpresa pela imagem. Como uma leoa na sua toca, saciada pela caçada. *Bem*, pensei, *ela é uma vampira*. Com o que é que eu estava à espera que se parecesse?

Recordando-me de que ela não era uma vampira praticante e que não tinha nada com que me preocupar, instalei-me cuidadosamente na poltrona à sua frente, a mesinha de centro entre as duas. Só uma dos candeeiros de mesa estava aceso e os limites da sala eram indistintos e perdiam-se nas sombras. As luzes dos equipamentos eletrónicos brilhavam.

— Então, juntares-te à S.I. foi ideia do teu pai? — perguntei.

Ivy tinha pousado a pequena caixa de cartão em cima da barriga. Sem olhar para mim, deixou-se ficar deitada de costas, mastigando, de forma indolente, um rebento de bambu, olhando para o teto enquanto comia.

— Foi ideia da minha mãe, a princípio. Ela queria que eu fizesse parte da gerência. — Ivy deu mais uma dentada. — Era suposto manter-me numa posição simpática e segura. Ela achou que seria bom para mim desenvolver as minhas capacidades de socialização. — encolheu os ombros. — Eu queria ser agente.

Tirei os chinelos e enfiei os pés debaixo do meu corpo. Enrolada em volta da caixa de *take-out*, dirigi um olhar a Ivy, enquanto ela deslizava os pauzinhos, lentamente, pelos lábios. Grande parte da gerência da S.I. era constituída por mortos-vivos. Eu sempre pensei que isso se devia ao facto de ser mais fácil desempenhar a função se não se tivesse alma.

— Não que ela me pudesse impedir — continuou Ivy, falando com o teto. — Então, para me castigar por ter feito o que eu queria e não o que ela queria, garantiu que Denon seria o meu chefe. — Deixou escapar uma risadinha. — Pensou que eu ficaria tão chateada que saltaria para um lugar na gerência assim que houvesse um disponível. Nunca pensou que eu fosse vender a minha herança para me libertar do contrato. Acho que lhe mostrei onde queria chegar. — Disse num tom sarcástico.

Afastei um pequeno pedaço de sabugo de milho para chegar a um bocado de tomate.

— Deitaste fora todo o teu dinheiro só porque não gostavas do chefe? Eu também não gosto dele, mas...

Ivy ficou rígida. A força do seu olhar gelou-me. As palavras congelaram-se-me na garganta, perante o ódio da sua expressão.

— O Denon é um *ghoul* — disse Ivy, as palavras dela sugando o calor da sala. — Se tivesse de aturar as tretas dele por mais um dia, ia-lhe rasgar a garganta.

Hesitei.

— Um *ghoul*? — disse, confusa. — Pensei que ele era um vampiro.

— E é. — Como eu não disse nada, ela endireitou-se e pousou as botas no chão. — Olha — disse, parecendo aborrecida. — Já deves ter reparado que o Denon não se parece nada com um vampiro. Os dentes são humanos, certo? Não consegue manter a aura ao meio-dia? E move-se de forma tão ruidosa que o podemos ouvir a chegar a um quilómetro de distância?

— Não sou cega, Ivy.

Segurou com cuidado na caixa de cartão branco e fitou-me. A brisa noturna que entrava pela janela era fria para o final da primavera e apertei mais o robe dela em volta dos ombros.

— O Denon foi mordido por um morto-vivo, por isso foi infetado pelo vírus do vampirismo — continuou Ivy. — Isso permite-lhe realizar alguns truques, torna-o muito belo e suponho que seja assustador como o caracaras se o deixarem, mas é o laçao de alguém, Rachel. É um brinquedo e sempre o será.

Ouviu-se um pequeno raspar quando ela pousou a caixa branca sobre a mesinha de apoio entre nós e se chegou para a frente, até ao limite da poltrona, para lhe poder chegar.

— Mesmo que ele morra e que alguém se dê ao trabalho de o transfor-

mar num morto-vivo, será sempre de segunda — disse. — Olha-lhe para os olhos, da próxima vez que o vires. Ele tem medo. Sempre que deixa que um vampiro se alimente dele, tem de confiar que o trará de volta como morto-vivo, caso o mate acidentalmente. — Ela inspirou lentamente. — Ele deveria ter medo.

O caril vermelho ficou sem gosto. Com o coração a bater, procurei o olhar dela, rezando para que fosse apenas Ivy quem me fitava. Os seus olhos ainda estavam castanhos, mas havia algo neles. Algo antigo que eu não compreendia. Senti que o estômago se apertava e, de súbito, senti-me insegura.

— Não tenhas medo de *ghouls* como o Denon — sussurrou ela. Pensei que as palavras dela tinham por objetivo serem calmantes, mas apertaram-me a pele até eu sentir um formigueiro. — Há coisas muito mais perigosas a temer.

*Como tu?* Pensei, mas não o disse. A sua súbita expressão de predadora reprimida fez disparar os sinos de alarme dentro da minha cabeça. Pensei que me devia levantar e partir. Mas ela tinha-se voltado a recostar na cadeira com o jantar nas mãos e eu não queria que soubesse que me estava a assustar de morte. Não era como se eu nunca tivesse visto Ivy a dar uma de vampiro. Só não tinha sido depois da meia-noite. Na sala de estar dela. Sozinha.

— Coisas como a tua mãe? — disse eu, esperando não ter ido longe demais.

— Coisas como a minha mãe — sussurrou ela. — É por isso que estou a viver numa igreja.

Os meus pensamentos dirigiram-se para a minúscula cruz que se encontrava na minha pulseira nova com o resto dos meus amuletos. Nunca deixara de me impressionar que algo tão pequeno pudesse parar uma força tão poderosa. Não afetaria em nada um vampiro vivo — só os mortos-vivos — mas eu aceitaria qualquer proteção que conseguisse encontrar.

Ivy pousou os saltos das botas na mesinha de centro.

— A minha mãe é uma verdadeira morta-viva há dez anos, mais coisa menos coisa — disse, arrancando-me aos meus pensamentos. — Odeio-o.

Surpreendida, não pude deixar de perguntar.

— Porquê?

Afastou o jantar no que era, obviamente, um gesto de desconforto. Havia um vazio assustador no seu rosto e ela recusava-se a cruzar o seu olhar com o meu.

— Eu tinha dezoito anos quando a minha mãe morreu — sussurrou. A voz era distante, como se não tivesse, sequer, consciência de estar a falar.

— Ela perdeu qualquer coisa, Rachel. Quando não se pode andar sob o sol,

perde-se algo tão nebuloso, que não se consegue sequer dizer ao certo o que é. Mas desapareceu. É como se ela estivesse presa a um padrão de comportamento que continua a seguir, embora não se consiga lembrar porquê. Ainda me ama, mas não se lembra porque me ama. A única coisa que lhe traz um pouco de vida é o consumo de sangue e é tão louca em relação a isso! Quando está saciada, quase consigo ver a minha mãe no que resta dela. Mas não dura. Nunca é suficiente.

Ivy ergueu os olhos, sob as sobrancelhas franzidas.

— Tens um crucifixo, não tens?

— Aqui mesmo — disse eu, com uma alegria forçada. Não ia deixar que ela percebesse que me estava a deixar tensa; não ia. Erguendo a mão, abanei-a ligeiramente, fazendo com que a manga do robe caísse até ao cotovelo, para lhe mostrar a minha nova pulseira com amuletos.

Ivy pôs as botas no chão. Relaxei perante a posição menos provocante, até ela se ter inclinado sobre a mesinha de centro. Estendeu a mão com uma rapidez surreal, agarrando-me o pulso antes que eu me apercebesse que se tinha, sequer, movido. Estaquei, muitíssimo consciente do calor dos seus dedos. Estudou o amuleto metálico, embutido a madeira, de forma intensa, enquanto eu lutava contra o impulso de me afastar.

— Foi abençoada? — perguntou.

De rosto gelado, acenei e ela largou-me, voltando a recostar-se com um solenidade assustadora. Parecia que ainda conseguia sentir a mão dela no meu pulso, com uma firmeza que me mantinha presa mas que não me apertaria a menos que eu tentasse escapar.

— A minha também — disse ela, retirando a cruz de dentro da camisa.

Uma vez mais impressionada com o crucifixo dela, pousei o jantar e inclinei-me para a frente. Não consegui impedir-me de estender a mão. A prata trabalhada implorava que lhe tocassem e ela inclinou-se sobre a mesa para que eu a pudesse aproximar de mim. Tinha sido gravada com runas antigas, para além de bênçãos mais tradicionais. Era lindíssima e eu perguntei-me quão antiga seria.

De súbito, apercebi-me que a respiração quente de Ivy me tocava o rosto.

Recostei-me, a cruz ainda nas mãos. Os olhos dela estavam escuros, o rosto imperscrutável. Não havia ali nada. Assustada, afastei o olhar dela para a cruz. Não podia largá-la simplesmente. Bater-lhe-ia no peito. Mas também não a podia pousar suavemente contra ela.

— Toma — disse eu, terrivelmente desconfortável com o seu olhar vazio. — Pega nela.

Ivy estendeu a mão, os dedos dela tocaram nos meus quando agarrou o metal antigo. Engolindo em seco, voltei a instalar-me na poltrona e ajustei o robe de Ivy para me tapar as pernas.

Movendo-me com uma lentidão provocante, Ivy tirou a cruz. A corrente de prata ficou presa no brilho negro do seu cabelo. Pousou a cruz na mesa entre nós. O metal bateu do forma sonora na madeira. Sem piscar os olhos, enrolou-se na cadeira em frente à minha, com os pés sob o corpo e fitou-me.

*Caraças*, pensei numa súbita onda de compreensão e pânico. Ela estava-se a fazer a mim. Era isso que se estava a passar. Como é que eu podia ter sido tão cega?

O meu maxilar cerrou-se com força, enquanto a minha mente tentava encontrar uma saída. Eu era hetero. Nunca tivera um pensamento noutra direção. Gostava que os meus homens fossem mais altos do que eu mas não tão fortes que eu não os conseguisse prender ao chão num momento de paixão, se me apetecesse.

— Hum, Ivy... — comecei.

— Eu nasci vampira — começou Ivy suavemente.

A sua voz cinzenta correu pela minha espinha, fechando-me a garganta. Sustendo a respiração, fitei o negro dos olhos dela. Não disse nada, temendo fazê-la mexer-se, algo que eu não desejava que ela fizesse, de modo nenhum. Algo tinha mudado e eu já não tinha a certeza do que se estava a passar.

— Ambos os meus pais são vampiros — disse e, embora não se tivesse movido, senti a tensão na sala aumentar até já não me ser possível ouvir os grilos. — Fui concebida e nasci antes de a minha mãe se tornar uma verdadeira morta-viva. Sabes o que isso significa... Rachel? — As palavras dela eram lentas e precisas, caindo dos seus lábios com a suave permanência de salmos sussurrados.

— Não — disse eu, quase sem respirar.

Ivy inclinou a cabeça, de tal forma que o seu cabelo formou uma onda de obsidiana que brilhou na luz ténue. Ivy observava-me por trás dela.

— O vírus não teve de esperar que eu morresse para me moldar — disse ela. — Moldou-me enquanto eu crescia no útero da minha mãe, dando-me um pouco de ambos os mundos, o vivo e o morto.

Afastou os lábios e eu tremi ao ver os seus dentes afiados. Não fora minha intenção. Senti que o suor escorria pelas minhas costas e, como que em resposta, Ivy inspirou fundo e susteve a respiração.

— Para mim, é fácil usar a aura — disse ela, enquanto exalava. — Na verdade, o mais difícil é mantê-la controlada.

Desenroscou-se da cadeira e a minha respiração sibilou ao passar pelo nariz. Ivy endireitou-se ao escutar aquele som. De forma lenta e metódica, pousou as botas no chão.

— E, embora os meus reflexos e a minha força não sejam tão bons

como os de um verdadeiro morto-vivo, são melhores do que os teus — disse ela.

Eu sabia tudo isso e, quando me perguntei o porquê de ela me estar a contar tudo aquilo, o meu medo aumentou ainda mais. Lutando para não revelar o meu alarme, recusei encolher-me quando ela pousou as palmas das mãos sobre a mesa de ambos os lados da cruz e se inclinou para a frente.

— Além disso, é certo que virei a tornar-me uma morta-viva, mesmo que morra sozinha num campo, com todas as gotas de sangue ainda dentro de mim. Sem preocupações, Rachel. Eu já sou eterna. A morte só me tornará mais forte.

Senti o coração bater acelerado. Não podia afastar os olhos dos dela. Raios. Aquilo era mais do que eu queria saber.

— E sabes qual é a melhor parte? — perguntou ela.

Abanei a cabeça, temendo que a minha voz falhasse. Estava a avançar no fio da navalha, querendo saber em que tipo de mundo é que ela vivia mas lutando para não entrar nele.

Os olhos dela tornaram-se febris. Sem mover o torso, colocou primeiro um joelho e depois o outro sobre a mesinha de centro. Deus me proteja. Ela vinha atrás de mim.

— Os vampiros vivos podem enfeitiçar as pessoas... se elas o quiserem ser — sussurrou. A suavidade da sua voz passou sobre a minha pele, até eu sentir um formigueiro. Dupla maldição.

— De que é que isso serve, se só funciona em quem deixa? — perguntei, a minha voz áspera, contra a essência líquida da dela.

Os lábios de Ivy apartaram-se, revelando as pontas dos seus dentes. Eu não conseguia afastar o olhar.

— O sexo é ótimo... Rachel.

— Oh! — A fraca exclamação foi tudo o que consegui pronunciar. Os olhos dela estavam perdidos na luxúria.

— E eu herdei o gosto por sangue da minha mãe — disse ela, ajoelhando-se sobre a mesa entre nós. — É como o desejo de açúcar de algumas pessoas. Não é uma boa comparação, mas é o melhor que consigo a menos que... experimentes.

Ivy exalou, movendo todo o corpo. A sua respiração enviou um arripio que reverberou através de mim. Os meus olhos abriram-se de surpresa e espanto quando o reconheci como desejo. O que raio se estava a passar? Eu era hetero. Porque é que, de súbito, queria saber quão suave era o cabelo dela?

Tudo o que tinha de fazer era estender um braço. Ela estava a centímetros de mim. Parada. À espera. Podia ouvir o bater do meu coração, no silêncio. O seu som ecoava nos meus ouvidos. Observei, horrorizada,

quando Ivy afastou o olhar dela do meu, percorrendo com ele o meu pescoço, onde eu sabia que o bater do meu coração era visível.

— Não! — gritei, em pânico.

Espernei, arquejando de medo, quando me deparei com o peso dela sobre mim, prendendo-me à poltrona.

— Ivy, não! — guinchei. Tinha de a tirar de cima de mim. Lutei por me mexer. Enchi os pulmões de ar, ouvindo-o explodir depois para fora de mim, num grito de desespero. Como podia ter sido tão parva! Ela era uma vampira!

— Rachel... para.

A voz dela era calma e suave. Uma das suas mãos segurava-me o cabelo, prendendo-me a cabeça e expondo o meu pescoço. Magoava-me e pude ouvir-me gemer.

— Estás a tornar as coisas piores — disse ela e eu remexi-me, arquejando quando a força com que segurava o meu pulso aumentou até me magoar.

— Larga-me... — arfei, sem fôlego, como se tivesse estado a correr. — Meu Deus, ajuda-me, Ivy. Larga-me. Por favor. Não quero isto. — Estava a implorar. Não o conseguia evitar. Estava aterrorizada. Tinha visto os filmes. Doía. Deus, como ia doer.

— Para — disse ela. A voz tensa. — Rachel. Estou a tentar largar-te, mas tens de parar. Estás a tornar as coisas piores. Tens de acreditar em mim.

Inspirei com dificuldade e sustive a respiração. Fitei o que conseguia ver dela. A boca estava a centímetros da minha orelha. Os olhos estavam negros, a fome que neles via contrastava, de forma assustadora, com o som calmo da sua voz. O olhar dela estava fixo no meu pescoço. Uma gota de saliva caiu, quente, sobre a minha pele.

— Deus, não — sussurrei, tremendo.

Ivy estremeceu, o corpo a tremer nos locais onde entrava em contacto com o meu.

— Rachel, para — voltou a dizer e o terror invadiu-me quando senti um toque de pânico na voz dela. A minha respiração tornou-se um arquejo entrecortado. Ela estava realmente a tentar largar-me. E, aparentemente, estava a perder a luta.

— O que é que eu faço? — sussurrei.

— Fecha os olhos — disse ela. — Preciso da tua ajuda. Não sabia que ia ser assim tão difícil.

O tom de menina perdida da voz dela deixou-me a boca seca. Precisei de toda a minha força de vontade para fechar os olhos.

— Não te mexas.

A voz dela era como seda cinzenta. A tensão abriu caminho através de

mim. A náusea prendeu-me o estômago. Podia sentir a minha pulsação a bater contra a pele. Durante o que pareceu um minuto, fiquei sob ela, enquanto todos os meus instintos gritavam que me libertasse. Os grilos cantavam e eu senti as lágrimas fugirem sob as pestanas que eu cerrava enquanto a respiração dela se aproximava e afastava do meu pescoço exposto.

Gritei quando ela soltou o meu cabelo. A minha respiração regressou, entrecortada, quando deixei de sentir o seu peso sobre mim. Já não sentia o cheiro dela. Deixei-me ficar imóvel, gelada.

— Posso abrir os olhos? — sussurrei.

Não houve resposta.

Endireitei-me e descobri que estava sozinha. Ao longe, ouvi o som ténue da porta do santuário a fechar, a cadência rápida das botas dela no passeio, depois nada. Dormente e abalada, ergui a mão para limpar primeiro os olhos e depois o pescoço, espalhando a saliva dela. Percorri a divisão com os olhos, não encontrando qualquer conforto no cinzento suave. Ela tinha partido.

Exausta, levantei-me, sem saber o que fazer. Apertei os braços em redor de mim, com tanta força que senti dor. Os meus pensamentos regressaram ao terror e, antes disso, ao desejo que me tinha atravessado, potente e exigente. Ela tinha dito que só podia enfeitiçar aqueles que o permitissem. Ter-me-ia mentido ou teria eu desejado, realmente, que ela me prendesse à poltrona e rasgasse a garganta?



## Sete

O SOL JÁ NÃO BANHAVA A COZINHA MAS AINDA ESTAVA CALOR. NÃO O SUFICIENTE para aquecer o cerne da minha alma, mas era agradável. Eu estava viva. Tinha todas as partes e fluidos do corpo intactos. Era uma boa tarde.

Estava sentada na extremidade sem tralha da mesa de Ivy, a estudar o livro mais gasto que encontrei no sótão. Parecia suficientemente antigo para ter sido impresso antes da Guerra Civil. Alguns dos feitiços eram-me desconhecidos. Tratava-se de uma leitura fascinante e tinha de admitir que a possibilidade de experimentar um ou dois me enchia de perigosa titilação. Nenhum deles sequer se inclinava para as artes negras, o que me agradava imenso. Magoar alguém através da magia era vil e errado. Ia contra tudo aquilo em que eu acreditava e não valia o risco.

Toda a magia requeria que fosse pago um preço mortal, com diversos graus de severidade. Eu era uma bruxa estritamente de terra. A minha fonte de poder advinha gentilmente da terra, através das plantas, e era energizada pelo calor, pela sabedoria e pelo sangue de bruxa. Como lidava apenas com magia branca, o preço era pago pelo fim da vida das plantas. Eu podia viver com isso. Não me ia perder em considerações relacionadas com a moralidade de matar as plantas, caso contrário enlouqueceria de cada vez que a minha mãe cortasse o relvado. Isto não significa que não existissem bruxas de terra negras — existiam —, mas a magia negra de terra implicava a utilização de ingredientes horrorosos, como partes de corpos e sacrifícios. Só a recolha dos materiais necessários à realização de um feitiço negro era suficiente para manter brancas a maioria das bruxas de terra.

As bruxas das linhas Ley, no entanto, eram outra história. Elas retiravam o seu poder diretamente da fonte, crua e não filtrada através dos seres vivos. Também elas exigiam morte, mas era uma morte mais subtil: a morte lenta da alma, e não necessariamente da delas. A morte da alma requerida pela prática de magia das linhas Ley branca não era tão severa como a re-

querida para os casos de magia negra, remetendo para a analogia entre o aparar de relva *versus* o sacrifício de cabras na cave. Mas criar um feitiço poderoso, com um intuito de magoar ou matar deixava, sem dúvida, uma ferida no ser.

As bruxas das linhas Ley que praticavam magia negra contornavam a questão fazendo esse preço recair sobre outra pessoa; normalmente prendiam-no ao encantamento em si, fazendo com que este oferecesse ao recetor uma dose dupla de azar. Mas, se a pessoa fosse loucamente “pura de espírito” ou mais poderosa, o preço, embora não o encantamento, ricocheteava para o fabricante. Dizia-se que, se a alma fosse suficientemente negra, se tornava fácil para um demónio puxar a pessoa, involuntariamente, para a eternidade.

*Tal como acontecera com o meu pai*, pensei, enquanto esfregava o polegar na página à minha frente. Eu sabia com todo o meu ser que ele se mantivera um bruxo branco até ao fim. Deveria ter sido capaz de encontrar o caminho de regresso à realidade, embora não tivesse vivido para ver o nascer do Sol do dia seguinte.

Um pequeno ruído chamou-me a atenção. Fiquei rígida ao ver Ivy, num robe de seda negra, encostada à moldura da porta. A memória da noite anterior invadiu-me e deu-me um nó no estômago. Não consegui evitar que a minha mão se erguesse até ao pescoço, pelo que alterei o movimento, ajustado o brinco e fingindo estudar o livro à minha frente.

— Bom dia — disse, como se não fosse nada.

— Que horas são? — perguntou Ivy num sussurro rouco.

Olhei para ela. O cabelo normalmente liso estava em desalinho, marcado pelas ondas da almofada. Os olhos estavam marcados por círculos negros e o rosto oval estava macilento. A lassidão do início da tarde tinha substituído por inteiro o seu ar de predador à caça. Segurava na mão um livro fino, de capa em pele, e perguntei-me se a noite dela teria sido tão insone como a minha.

— São quase duas — disse, cautelosamente, enquanto usava um pé para empurrar a cadeira do outro lado da mesa, para que ela se pudesse sentar ao meu lado. Parecia bem, mas eu não já não sabia como lidar com ela. Estava a usar o meu crucifixo — não que isso a fosse parar — e tinha uma faca de prata presa ao tornozelo —, o que não servia de muito mais. Um amuleto para dormir fá-la-ia cair, mas estava na minha mala, pousada numa cadeira fora do meu alcance. Seriam precisos uns cinco segundos para o invocar. No entanto, com toda a sinceridade, ela não parecia constituir grande ameaça, neste momento.

— Fiz *muffins* — disse. — Os ingredientes eram teus. Espero que não te importes.

— Hum — disse ela, arrastando os chinelos pretos sobre o chão bri-

lhante até à cafeteira. Serviu-se de uma caneca de café tépido, inclinando-se contra o balcão para o beber. O marcador do desejo desaparecera do seu pescoço. Perguntei-me o que teria pedido. Perguntei-me se teria alguma coisa a ver com a noite anterior.

— Estás vestida — murmurou, enquanto se deixava cair na cadeira que eu tinha empurrado para a frente do computador dela com um pontapé. — Há quanto tempo é que estás de pé?

— Desde o meio-dia. — *Mentirosa*, pensei. Tinha estado acordada a noite toda, fingindo dormir no sofá da Ivy. Decidira iniciar oficialmente o meu dia quando vesti as roupas. Ignorando-a, voltei uma página amarelada do livro. — Vejo que gastaste o teu desejo — murmurei, em tom casual. — Em que foi?

— Não tens nada a ver com isso — disse ela. O tom de aviso era óbvio.

Expirei lentamente e mantive os olhos baixos. Um silêncio desconfortável desceu sobre nós e deixei que crescesse, recusando-me a quebrá-lo. Quase partira na noite anterior. Mas a morte certa que me esperava, caso deixasse a proteção de Ivy, pesou mais do que a morte possível às suas mãos. Talvez. Talvez eu quisesse sentir os dentes dela a afundar-se em mim.

Aquela *não* era a direção que eu queria que os meus pensamentos tomassem. Ivy tinha-me pregado um susto de morte mas, sob a luz do início da tarde, parecia humana. Inofensiva. Atrever-me-ia a dizê-lo, uma resmungona.

— Tenho aqui uma coisa que gostaria que lesse — disse ela e ergui os olhos no mesmo instante em que o livro que ela tivera nas mãos caiu sobre a mesa entre nós. Não havia nada escrito na capa, a gravação estava quase completamente gasta.

— O que é? — disse, inexpressiva, sem o tentar agarrar.

Com olhos de sono, ela lambeu os lábios.

— Lamento o que aconteceu a noite passada — disse ela, e senti um aperto nas entranhas. — Provavelmente não vais acreditar mas também me assustou.

— Não tanto como me assustou a mim. — Ter trabalhado com ela durante um ano não me preparara para a noite anterior. Só conhecera o seu lado profissional. Não considerara a hipótese de ela ser diferente do que era no escritório. Ergui os olhos na sua direção, depois afastei o olhar. Ela parecia completamente humana. Um truque fixe, aquele.

— Há três anos que não sou vampira praticante — disse, suavemente. — Não estava preparada para... não compreendi... — Ela ergueu o olhar, os olhos castanhos imploravam. — Tens de acreditar em mim, Rachel. Eu não queria que isto acontecesse. É que tu estavas a mandar-me sinais errados. E depois assustaste-te e entraste em pânico e tudo ficou pior.

— Pior? — disse eu, decidindo que a raiva era preferível ao medo. — Quase me rasgavas a garganta!

— Eu sei — implorou ela. — Lamento. Mas não o cheguei a fazer.

Lutei por não tremer enquanto me lembrava do calor da saliva dela no meu pescoço.

Ivy empurrou o livro para mais perto de mim.

— Sei que podemos evitar uma repetição da noite passada. Eu quero que isto funcione. Não há razão para que não funcione. Devo-te qualquer coisa por ter tomado um dos teus desejos. Se partires, não te poderei proteger dos vampiros assassinos. Não queres morrer às mãos deles.

Cerrei o maxilar. Não. Não queria morrer às mãos de um vampiro. Em especial de um que me dissesse o quanto lamentava enquanto me estivesse a matar.

O meu olhar fixou-se no dela, sobre a mesa atulhada. Ela estava sentada, com o robe e os chinelos pretos, parecendo tão perigosa como uma esponja. A necessidade que sentia de que eu aceitasse as suas desculpas era tão crua e óbvia que se tornava dolorosa. Eu não podia fazê-lo. Não ainda. Estendi um dedo para puxar o livro para mais perto de mim.

— O que é?

— Um... hum... guia de encontros amorosos. — disse ela, hesitante.

Inspirei fundo e afastei a mão, como se queimasse.

— Ivy. Não.

— Espera — disse ela. — Não era isso que eu queria dizer. Estavas a dar-me sinais errados. A minha cabeça sabe que não estás a fazer de propósito, mas os meus instintos... — Franziu o sobrolho. — É embaraçoso, mas os vampiros, vivos ou mortos, são impulsionados por instintos despoletados, acima de tudo, pelo... olfato. — terminou como se se desculpasse. — Lê a parte dos elementos que despoletam o interesse, está bem? E não os faças.

Recostei-me de novo na cadeira. Lentamente, puxei o livro para mais perto, vendo como era antigo pela capa. Ela tinha falado em instintos, mas eu pensei que fome seria um termo mais adequado. Só a constatação de como fora difícil para ela admitir que podia ser manipulada por algo tão parvo como o olfato é que me impediu de lhe lançar o livro à cara. Ivy tinha orgulho no seu controlo e ter confessado uma tal fraqueza convenceu-me, mais do que uma centena de desculpas, da veracidade do seu arrependimento.

— Está bem — disse, em tom monocórdico e ela dirigiu-me um sorriso aliviado, de lábios apertados.

Agarrou num *muffin* e puxou para ela a edição da manhã do *Cincinnati Enquirer* que eu tinha encontrado junto à porta da frente. O ar ainda

estava tenso, mas era um princípio. Eu não queria deixar a segurança da igreja mas a proteção de Ivy era uma espada de dois gumes. Ela tinha reprimido a sede de sangue durante dois anos. Se soçobrasse, eu podia acabar morta.

— “O vereador Trent Kalamack atribui a culpa da morte da sua secretária à negligência da S.I.” — leu ela, numa óbvia tentativa de mudar de assunto.

— Sim — disse eu, em tom casual. Pousei o livro dela na pilha dos livros de feitiços para ler mais tarde. Sentia os dedos sujos e limpei-os às calças de ganga. — O dinheiro é o máximo, não? Há uma outra peça sobre o facto de ter sido ilibado de todas as suspeitas de participação no tráfico de Enxofre.

Ivy não disse nada, voltando as páginas entre dentadas no *muffin*, até encontrar o artigo.

— Ouve isto — disse, suavemente. — Ele diz: “Foi com choque que recebi a notícia da vida dupla da Sra. Bates. Ela parecia uma empregada modelo. Claro que garantirei a educação do filho que deixa para trás.” — Ivy deu uma breve fungadela, uma riso sem alegria. — Típico. — Voltou a atenção para a banda desenhada. — Então, hoje vais-te dedicar aos feitiços?

Abanei a cabeça.

— Vou ao cofre dos registos antes que fechem para o fim de semana. Isto — apontei com um dedo para o jornal — é inútil. Quero ver o que aconteceu realmente.

Ivy pousou o *muffin*, e ergueu as sobrancelhas finas, inquiridoras.

— Se conseguir provar que o Trent está envolvido no tráfico do Enxofre e o entregar à S.I. — disse —, esquecerão o meu contrato. Eles querem apanhá-lo. — *E depois posso pôr-me a andar desta igreja*, acrescentei em silêncio.

— Provar que o Trent trafica Enxofre? — gozou Ivy. — Eles nem sequer conseguem provar se ele é humano ou Inderlander. O dinheiro dele torna-o mais escorregadio que uma rã à chuva. O dinheiro pode não comprar a inocência, mas compra o silêncio. — Ela pegou no *muffin*. Envergando um robe e com o cabelo em desalinho, poderia ser qualquer uma das minhas esporádicas companheiras de quarto dos últimos anos. Era enervante. Tudo mudava quando o Sol se erguia.

— São bons — disse Ivy erguendo um *muffin*. — Façamos assim, eu trato das compras, se tu fizeres o jantar. Posso tratar do pequeno-almoço e do almoço, mas não gosto de cozinhar.

Olhei-a com uma expressão de compreensão e assentimento — também não gostava muito das suas artes na cozinha —, mas depois pensei melhor. Ia tomar parte do meu tempo, mas não ter de ir às compras parecia

ótimo. Mesmo que Ivy só se tivesse oferecido para que eu não tivesse de arriscar a vida por uma lata de feijão, parecia justo. De qualquer das formas eu teria de cozinhar e fazê-lo para dois era mais fácil do que para um.

— Claro — disse lentamente. — Podemos experimentar durante algum tempo.

Ela fez um ruído suave.

— Estamos combinadas.

Olhei de relance para o relógio. Era uma e quarenta. A minha cadeira guinchou sobre o linóleo quando me levantei e agarrei num *muffin*.

— Bem, vou-me pôr a andar. Tenho de arranjar um carro ou assim. Esta coisa de andar de autocarro é horrível.

Ivy pousou a banda desenhada sobre as coisas que rodeavam o seu computador.

— A S.I. não te vai deixar entrar assim tão facilmente.

— Têm de o fazer. Os registos são públicos. E ninguém me vai apagar num local cheio de testemunhas cujo silêncio, depois, teria de comprar. Interfere com os lucros — rematei amargamente.

O arco formado pelas sobrelhas de Ivy dizia com maior clareza do que as suas palavras que não estava convencida.

— Olha — disse eu, enquanto puxava o saco de cima da cadeira e começava a vasculhar no seu interior. — Eu ia usar um feitiço de disfarce, está bem? E parto ao primeiro sinal de apuros.

O amuleto que agitei no ar pareceu convencê-la mas, enquanto voltava a atenção para a banda desenhada, murmurou:

— Levas o Jenks contigo?

Não se tratava realmente de um pergunta e eu fiz uma careta.

— Sim. Claro.

Eu sabia que ele era a *baby-sitter* mas, enquanto espetava a cabeça pela porta das traseiras e gritava por ele, pensava que seria bom ter companhia, mesmo que fosse a de um *pixy*.

## Oito

AFUNDEI-ME AINDA MAIS NO CANTO DO ASSENTO, NO AUTOCARRO, TENTANDO garantir que ninguém podia olhar por cima do meu ombro. O autocarro estava apinhado e eu não queria que ninguém soubesse o que eu estava a ler.

“Se o seu amante vampiro ou a sua amante vampira estiver saciado(a) e não se excitar”, li, “tente usar algo dele ou dela. Não precisa de ser muito, um lenço ou gravata poderão ser suficientes. O cheiro do vosso suor misturado é algo a que nem o mais contido dos vampiros conseguirá resistir.”

Muito bem. Não voltar a usar o robe e a camisa de dormir da Ivy.

“Muitas vezes, o simples facto de lavarem as roupas em conjunto deixará odor suficiente para que o seu ou a sua amante fique a saber que é amado(a).”

Ótimo. Máquinas separadas.

“Se o seu amante vampiro ou a sua amante vampira se deslocar para um local mais privado a meio de uma conversa, fique descansado(a) pois não está a ser ignorado(o). Trata-se de um convite. Avance. Leve consigo algo para comer ou beber, para libertar os maxilares e produzir saliva. Não seja atrevido(a). O vinho tinto é algo do passado. Experimente uma maçã ou algo igualmente estaladiço.”

*Maldição.*

“Nem todos os vampiros são iguais. Descubra se o seu ou a sua amante gosta de conversar um pouco. Os preliminares podem assumir muitas formas. Uma conversa sobre relacionamentos passados e laços de sangue é uma forma segura de chegar até ele ou ela e de lhe massajar o ego, a menos que o seu ou a sua amante pertença a uma casa secundária.”

*Dupla maldição.* Eu era uma meretriz. Um íman de vampiros.

De olhos fechados, deixei que a minha cabeça se encostasse às costas do assento. Senti que um bafo quente me tocava o pescoço. Endireitei-me

de um salto, girando. O meu punho já se encontrava em movimento. Bati na palma da mão de um homem atraente. O seu riso seguiu-se ao som do choque e ele ergueu as mãos num gesto conciliatório. Mas foi o divertimento suave e especulativo nos seus olhos que me fez parar.

— Já experimentaste a página quarenta e nove? — perguntou, inclinando-se para a frente e pousando os braços cruzados nas costas do meu assento.

Fitei-o, inexpressiva, e o seu sorriso tornou-se sedutor. Era quase belo demais, as feições suaves resplandeciam com uma ansiedade infantil. O seu olhar deslizou até ao livro que eu tinha na mão.

— Quarenta e nove — repetiu ele, num tom mais baixo. — Nunca mais serás a mesma.

Nervosa, folheei até à página certa. Oh... meu... Deus. O livro de Ivy era ilustrado. Mas depois hesitei, semicerrando os olhos, enquanto a confusão crescia. Estava ali uma terceira pessoa? E o que raio era aquilo preso à parede?

— Assim — disse o homem, estendendo-se sobre o assento e virando o livro nas minhas mãos. A sua colónia cheirava a madeira e a limpo. Era tão agradável como a sua voz doce e a mão macia que deslizava intencionalmente sobre a minha. Era o clássico adulator de vampiros: boa constituição física, vestido de preto e com uma assustadora necessidade de que gostassem dele. Já para não falar da falta de compreensão do significado de espaço pessoal.

Afastei o olhar quando ele tocou no livro.

— Oh — disse, quando tudo fez sentido. — Oh! — exclamei, corando quando fechei o livro violentamente. Estavam ali duas pessoas. Três se contássemos com a que estava no... o que quer que aquilo fosse.

Os meus olhos ergueram-se até aos dele.

— Sobreviveste a isto? — perguntei, sem saber ao certo se me deveria sentir chocada, horrorizada ou impressionada.

O olhar dele assumiu uma expressão quase irreverente.

— Sim. Durante duas semanas não consegui mexer as pernas, mas valeu a pena.

Com o coração a bater acelerado, enfiei o livro no meu saco. Ele ergueu-se com um sorriso encantador e avançou para a saída. Não pude deixar de reparar que coxeava. Fiquei surpresa por ele ser capaz de andar. Ele observou-me enquanto descia as escadas, os olhos profundos sem nunca deixar os meus.

Engolindo em seco, obriguei-me a afastar o olhar. A curiosidade levou a melhor e ainda as últimas pessoas não tinham saído do autocarro e já eu tinha voltado a retirar da mala o livro de Ivy. Ignorei a imagem e li as letras



pequenas sob as alegres instruções de “Como fazer”. Senti que o meu rosto ficava gelado e o estômago cheio de nós.

Era um aviso para não se deixar convencer pelo amante vampiro a fazer aquilo antes de ter sido mordido pelo menos três vezes. Caso contrário, poderia não se ter saliva de vampiro suficiente, no sistema, para enganar os recetores da dor, levando o cérebro a pensar que a dor era prazer. Havia, inclusivamente, instruções sobre o que fazer para não desmaiar, caso não se tivesse saliva de vampiro suficiente e a dor se revelasse agonizante. Aparentemente, a descida da pressão sanguínea implicava uma diminuição do prazer do amante vampiro. No entanto, não havia nada sobre como fazê-lo parar.

Fechando os olhos, deixei que a minha cabeça batesse contra o vidro. A conversa alegre dos passageiros que entravam levou-me a abrir os olhos e pisquei-os, enquanto o meu olhar deslizava sobre o passeio. O homem ainda ali se encontrava, a observar-me. Envolvi o corpo com um dos braços, arrepiada. Sorria como se a sua virilha não tivesse sido delicadamente cortada e o sangue retirado do seu corpo e consumido como que em comunhão. Tinha gostado, ou pelo menos pensava que tinha.

Erguei três dedos numa saudação de Escuteiros, levou as pontas aos lábios e lançou-me um beijo. O autocarro arrancou com um solavanco e ele afastou-se, a bainha do casaco comprido a ondular.

Olhando pela janela, senti náuseas. Ivy já teria participado em algo assim? Talvez tivesse morto alguém, por acidente. Talvez por isso tivesse deixado de ser praticante. Talvez lhe devesse perguntar. Talvez devesse manter a boca fechada para poder dormir durante a noite.

Fechando o livro empurrei-o para o fundo do saco descobrindo, num sobressalto, uma folha de papel com um número de telefone enfiada entre as páginas do livro. Amachucando-a, enfiei-a e ao livro no saco. Ergui os olhos e vi Jenks que esvoaçava, regressando do local onde se encontrara à conversa com o motorista.

Aterrou nas costas do banco à minha frente. Com exceção do berrante cinto vermelho, estava vestido de preto dos pés à cabeça: a sua roupa de trabalho.

— Os novos passageiros não trazem feitiços que te sejam destinados — disse, alegremente. — O que é que aquele tipo queria?

— Nada. — Afastei da mente a memória daquela imagem. Onde estava Jenks a noite passada, quando Ivy me agarrou? Isso é que eu queria saber. Ter-lhe-ia perguntado mas tinha medo que ele dissesse que a noite passada fora culpa minha.

— Não, a sério — insistiu Jenks. — O que é que ele queria?

Olhei fixamente para ele.

— Não, a sério. Não queria nada. Agora esquece — disse eu, grata por já me encontrar sob o feitiço de disfarce. Eu *não* queria que o Sr. Página Quarenta e Nove me reconhecesse na rua num dia qualquer.

— Está bem, está bem — disse ele, levantando voo e pousando no meu brinco. Estava a trautear “Strangers in the Night” e eu suspirei, sabendo que ia ficar com a música na cabeça durante o resto do dia. Peguei no espelhinho e fingi retocar o cabelo, tendo o cuidado de acertar pelo menos duas vezes no brinco onde Jenks estava sentado.

Eu era, agora, uma morena de nariz grande. Um elástico segurava o meu cabelo, agora castanho, num rabo de cavalo. Ainda era comprido e ondulado, há umas coisas que são mais difíceis de transformar através de feitiços do que outras. O casaco de ganga estava virado do avesso, exibindo um padrão floral. Além disso tinha um boné de cabedal da Harley-Davidson. Ia devolvê-lo a Ivy com um pedido de desculpas assim que a visse e nunca mais o usaria. Com tantas coisas proibidas que fizera a noite passada, não era de admirar que Ivy tivesse perdido o controlo.

O autocarro entrou na sombra dos edifícios altos. A minha paragem era a seguir; agarrei nas minhas coisas e levantei-me.

— Tenho de arranjar um meio de transporte — disse a Jenks quando as minhas botas tocaram no passeio e eu analisei a rua. — Talvez uma mota — resmunguei, calculando o tempo para não ter de tocar nos painéis de vidro que constituíam as portas do *lobby* do edifício dos registos da S.I.

Do meu brinco veio um riso fungado.

— Eu não o faria — aconselhou ele. — É demasiado fácil sabotar uma mota. Fica-te pelos transportes públicos.

— Podia estacioná-la no interior — protestei, olhando nervosa para as poucas pessoas que se encontravam no pequeno *foyer*.

— Então não a poderias usar, Sherlock — disse ele, num tom sarcástico. — Tens a bota desapertada.

Eu olhei para baixo. Não tinha.

— Muito engraçado, Jenks.

O *pixy* murmurou qualquer coisa que não consegui ouvir.

— Não — disse, com impaciência. — O que eu quis dizer é que devias fingir que apertas a bota enquanto eu vejo se estás razoavelmente segura.

— Oh! — Dirigi-me, obedientemente, a uma cadeira de canto e voltei a apertar as botas. Quase não conseguia acompanhar Jenks que pairava sobre os poucos agentes que ali se encontravam, farejando por feitiços que me fossem dirigidos. Tinha escolhido bem a hora. Era sábado. O cofre só estava aberto por cortesia, e apenas durante algumas horas. Ainda assim, encontravam-se ali algumas pessoas: a deixar informação, a atualizar fi-

cheiros, a copiar coisas, a tentar deixar uma boa impressão por trabalharem ao fim de semana.

— Cheira-me bem — disse Jenks ao regressar. — Acho que não estavam à espera que aqui viesses.

— Ótimo. — Sentindo-me mais confiante do que deveria, avancei para a receção. Estava com sorte. Era Megan quem estava de serviço. Dirigi-lhe um sorriso e os olhos dela abriram-se. Ergueu rapidamente a mão para ajustar os óculos. As lentes rodeadas pela armação de madeira tinham sido enfeitadas para ver através de quase tudo. Faziam parte da parafernália de qualquer rececionista da S.I. Houve um borrão de movimento à minha frente e eu parei de súbito.

— Atenção, mulher! — gritou Jenks, mas era tarde demais. Alguém se encostou a mim. Só o instinto me manteve de pé, quando um pé se intrometeu entre os meus para me fazer cair. Em pânico, girei, agachando-me. O meu rosto gelou quando aterrei, pronta para tudo.

Era Francis. *Porque carga de Viragem é que ele estava ali?* Pensei, erguendo-me, enquanto ele levava uma mão ao estômago e ria-se de mim. Devia ter trocado de mala. Mas não estava à espera de encontrar alguém que me reconhecesse sob o disfarce.

— Belo chapéu, Rachel — Francis quase gemeu quando voltou a levantar o colarinho da camisa berrante. O tom era uma asquerosa mistura de bravata e medo por eu quase o ter atacado. — Hei, comprei seis rifas no sorteio do escritório, ontem. Por acaso não podias morrer amanhã, entre as sete e a meia noite?

— Porque não tratas tu de mim? — disse, com um sorriso escarninho. Aquele homem ou não tinha orgulho ou não tinha noção do ridículo, ali com um dos mocassins desapertado e o cabelo seco a cair da poupa aumentada com recurso a um feitiço. E como é que era possível ter já tantos pelos a despontar na barba, sendo ainda tão cedo? Ele devia usar um *spray* qualquer.

— Se te apanhasse eu mesmo, perderia — Francis adotou o seu ar de superioridade mais comum, um olhar que era um absoluto desperdício usado em mim. — Não tenho tempo para falar com uma bruxa morta — disse ele. — Tenho um encontro marcado com o vereador Trenton Kalamack e preciso de fazer alguma pesquisa. Sabes, pesquisa? Alguma vez fizeste algo assim? — Fungou com o nariz fino. — Que eu saiba não.

— Vai recheiar um tomate, *Francis* — disse suavemente.

Ele olhou para o corredor que dava acesso ao cofre.

— Oh — disse, numa voz arrastada. — Que medo. É melhor que te vás embora se queres ter alguma hipótese de chegar viva à tua igreja. Se a Megan não fez soar o alarme, indicando que aqui estavas, eu fá-lo-ei.

— Para de me chatear — disse eu. — Já começo a ficar farta.  
— Vemo-nos mais tarde, Rachel minha menina. Tipo, nos obituários.  
— A sua gargalhada era demasiado aguda.

Dirigi-lhe um olhar feroz e ele assinou o livro de entradas que se encontrava à frente de Megan com um floreado. Voltou-se e pronunciou com os lábios “Corre, bruxa. Corre.” Pegando no telemóvel, carregou em algumas teclas e avançou para lá dos gabinetes escuros dos VIP, seguindo para o cofre. Megan encolheu-se num pedido de desculpas, enquanto lhe abria o portão.

Fechei os olhos num longo piscar. Quando os abri, dirigi a Megan um gesto que significava “Só um minuto” e sentei-me numa das cadeiras do *lobby*, para esgravatar na mala, como se estivesse à procura de alguma coisa. Jenks aterrou no meu brinco.

— Vamos embora — disse ele, parecendo preocupado. — Voltamos de noite.

— Sim — concordei. Enfeitiçar as minhas coisas tinha sido, para Denon, uma simples forma de perseguição. Enviar uma equipa de assassinos atrás de mim seria demasiado caro. Eu não valia a pena. Mas porquê arriscar?

— Jenks — suspirei. — Consegues entrar no cofre sem que as pessoas te vejam?

— Claro que consigo, mulher. Esgueiramo-nos é o que os *pixies* fazem melhor. Se posso passar pelas câmaras? Pergunta ela. Quem é que achas que trata da manutenção? Eu digo-te. *Pixies*. E será que nos dão algum crédito? Nã-ã-ã-o. É o gigantone do tipo das reparações que abanca o cu gordo na base do escadote, que conduz a carrinha, que abre a mala das ferramentas, que engole o donut. Mas será que faz alguma coisa? Nã-ã-ã-o...

— Isso é ótimo, Jenks. Cala-te e ouve. — Olhei de relance para Megan. — Vai ver que registos é que o Francis vai consultar. Eu espero durante tanto tempo quanto possível mas, se vir sinais de perigo, tenho de ir embora. Consegues chegar bem a casa, não consegues?

As asas de Jenks lançaram uma brisa suave, fazendo com que uma madeixa do meu cabelo me fizesse cócegas no pescoço.

— Sim, posso fazer isso. Queres que aproveite para o pixar?

Ergui as sobrancelhas.

— Pixar? Podes fazer isso? Pensei que não passasse de um... hum... conto de fadas.

Ele pairou à minha frente, as feições minúsculas exibindo uma expressão convencida.

— Vou deixá-lo com comichões. É a coisa que os *pixies* fazem melhor em segundo lugar. — Hesitou, sorrindo maldoso. — Não, em terceiro lugar.

— Porque não? — disse com um suspiro e ele ergueu-se silencio-

samente nas suas asas de libelinha, estudando as câmaras. Pairou por um momento para cronometrar o seu movimento. Erguendo-se veloz na direção do teto, desenhou um arco através do longo corredor, para lá dos escritórios, até à porta do cofre. Se não estivesse a observá-lo, não o teria visto passar.

Tirei uma caneta da mala, voltei a apertá-la e avancei até Megan. O enorme balcão de mogno separava o *lobby* dos gabinetes escuros atrás dela. Tratava-se do derradeiro bastião entre o público e os trabalhadores que mantinham, com afinco, a ordem dos registos. O som de uma voz feminina que ria atravessava a arcada aberta atrás de Megan. Ao sábado ninguém trabalhava grande coisa.

— Olá, Megan — disse, quando me aproximei.

— Boa tarde, menina Morgan — disse ela, demasiado alto, enquanto ajustava os óculos.

A atenção dela estava presa ao meu ombro e lutei contra o impulso de olhar para trás. *Menina Morgan?* Pensei. *Desde quando é que eu era a menina Morgan?*

— O que é que se passa, Meg? — disse eu, olhando de relance para o *lobby* vazio atrás de mim.

Ela manteve-se rígida.

— Graças a Deus que ainda estás viva — sussurrou ela entre dentes, os lábios ainda curvados num sorriso. — O que é que estás a fazer aqui? Devias estar escondida numa cave. — Antes que eu pudesse responder, ela inclinou a cabeça como um *cocker spaniel* e sorriu como a loura que desejava ser. — O que é que posso fazer por si, hoje... menina Morgan?

Eu dirigi-lhe um olhar inquisitivo e Megan lançou os olhos sobre o meu ombro. O seu rosto foi tomado por uma expressão tensa.

— A câmara, idiota — murmurou. — A câmara.

Suspirei, ao compreender. Eu estava mais preocupada com o telefone de Francis do que com a câmara. Ninguém olhava para as câmaras a menos que acontecesse alguma coisa. Nessa altura já seria tarde demais.

— Estamos todos a torcer por ti — sussurrou Megan. — As probabilidades de chegares ao fim da semana são de duzentos para um. Pessoalmente, dava-te cem para um.

Senti-me mal. O olhar dela saltou atrás de mim e eu fiquei rígida.

— Está alguém atrás de mim, não está? — disse eu e ela encolheu-se. Suspirei, fazendo balançar a minha mala, de modo a ficar atrás das minhas costas e fora do caminho, antes de me virar lentamente.

Ele estava num apurado fato preto, com uma camisa branca impecável e fina gravata preta. Os braços estavam cruzados atrás das costas, numa posição que mostrava confiança. Não tinha tirado os óculos escuros.

Senti o suave cheiro almiscarado e, pela suave barba avermelhada, calculei que fosse um raposomem.

Um outro homem juntou-se a ele, erguendo-se entre mim e a porta da frente. Este também não tirara os óculos de sol. Haveria um terceiro algures, provavelmente atrás de mim. Os assassinos trabalhavam sempre em grupos de três. *Nem mais. Nem menos. Sempre três*, pensei secamente, sentindo o estômago apertado. Três contra um era injusto. Olhei para o corredor que dava acesso ao cofre.

— Vemo-nos em casa, Jenks — sussurrei, sabendo que ele não me conseguia ouvir.

Os dois sombras endireitaram-se mais. Um deles desabotoou o casaco, revelando um coldre. Ergui uma sobranceira. Eles não me dariam um tiro a sangue frio em frente de uma testemunha. O Denon poderia estar irritado, mas não era parvo. Estavam à espera que eu fugisse.

Fiquei imóvel, de mãos nas ancas, os pés afastados para garantir equilíbrio. A atitude é tudo.

— Suponho que não possamos conversar sobre isto, hã, rapazes? — disse, atrevida, o coração a bater veloz.

O que tinha aberto o casaco, sorriu. Os dentes eram pequenos e afiados. A palma da mão estava coberta por finos pelos avermelhados. Sim. Um raposomem. Maravilha. Eu tinha a minha faca mas a ideia era manter-me suficientemente longe para não ter de a usar.

De trás do balcão ergueu-se o grito irado de Megan:

— No meu *lobby*, não. Levem isso lá para fora.

Senti a pulsação saltar uma batida. Meg ia ajudar-me? *Talvez*, pensei enquanto me virava para o balcão dela num movimento suave, *só não quisesse que lhe deixássemos uma mancha no tapete*.

— Por ali. — Megan apontou para trás dela para a arcada que dava acesso aos gabinetes das traseiras.

Não havia tempo para agradecimentos. Corri para a porta, descobrindo-me num espaço de escritório aberto. Atrás de mim ouviam-se movimentos abafados e pragas gritadas. A divisão, do tamanho de um armazém, estava dividida pelas paredes de metro e vinte de que a organização tanto gostava, criando um labirinto de proporções bíblicas.

Sorri e acenei aos rostos sobressaltados das poucas pessoas que se encontravam a trabalhar, a minha mala a embater contra as divisórias enquanto eu corria. Derrubei o dispensador de água, quando ia a passar, gritando um insincero “Desculpen”, quando este se virou. Não se partiu mas desmontou-se. O pesado gorgolejar da água depressa foi abafado pelos gritos de desconsolo e pelos pedidos por uma esfregona.

Olhei para trás de mim. Um dos sombras estava preso no meio de três

funcionários que lutavam por assumir o controlo sobre a pesada garrafa. Tinha a arma escondida. Até ali, tudo bem. A porta das traseiras chamava-me. Corri para a parede mais distante, abri a saída de emergência apreciando o ar frio.

Alguém me esperava. Estava a apontar uma arma de cano largo.

— Bolas! — exclamei, recuando para voltar a fechar a porta. Antes que se fechasse, uma coisa molhada bateu na divisória atrás de mim, deixando uma mancha gelatinosa. A parte de trás do meu pescoço ardeu. Ergui uma mão, gritando quando descobri uma bolha do tamanho de uma moeda de prata. Quando lhe toquei senti os dedos a arder. — Maravilha — suspirei, enquanto limpava a gosma líquida na bainha do casaco. — Não tenho tempo para isto. — Fechei a tranca de emergência com um pontapé e corri de volta ao labirinto. Já não estavam a usar feitiços com retardador. Estes estavam ativos e tinham sido colocados em bolas explosivas. Que espetáculo! Calculava que se tratasse de um feitiço de combustão espontânea. Se me tivesse acertado em cheio em vez de me ter apenas salpicado, estaria morta. Uma bela pilha de cinza no tapete berbere. Jenks não teria sido capaz de cheirar aquele, mesmo se estivesse ali comigo.

Pessoalmente, preferia ser morta por uma bala. Isso, pelo menos, era romântico. Mas era mais difícil encontrar o criador de um feitiço letal do que identificar o fabricante de uma bala ou de uma arma convencional. Já para não referir o facto de um bom encantamento não deixar provas. E, no caso dos feitiços de combustão espontânea, sequer um corpo. Não há corpo. Não há crime. Não há necessidade de cumprir pena.

— Ali! — gritou alguém. Mergulhei sob uma secretária. Senti uma dor no cotovelo ao aterrar sobre ele. O meu pescoço parecia estar a arder. Tinha de lhe deitar um pouco de sal, neutralizar o feitiço antes que se espalhasse.

Senti que o coração batia violentamente enquanto deslizava para fora do meu casaco. Estava todo salpicado. Se não o tivesse vestido, o mais certo era estar morta. Enfiei-o no caixote do lixo de alguém.

Os pedidos por uma esfregona faziam-se ouvir, sonoros, enquanto eu retirava um frasco de água salgada da mala. Os dedos ardiam e o meu pescoço doía. Com as mãos a tremer, mordi a rolha de plástico do recipiente. Sustendo a respiração, despejei o líquido nos dedos e depois no pescoço curvado. Soltei a respiração com um silvo perante a mordida súbita e o odor a enxofre que se ergueu quando o feitiço negro foi quebrado. A água salgada pingava de mim para o chão. Absorvi por um instante a gloriosa sensação de dor.

Tremendo, limpei o pescoço com a ponta da manga. A bolha sobre os dedos cuidadosos doía, mas o latejar da água salgada era calmante quando comparado com a queimadura. Deixei-me ficar onde estava, sentindo-me



uma idiota enquanto tentava perceber como é que ia sair dali. Eu era uma bruxa boa. Todos os meus feitiços eram defensivos, não ofensivos. Dar-lhes uns tabefes e mantê-los no chão até os conseguirem dominar, era assim que se processava o jogo. Sempre fora a caçadora, nunca a caça. De sobrolho franzido, compreendi que não tinha nada para uma situação daquelas.

Os queixumes excessivamente sonoros de Megan diziam-me exatamente onde se encontrava toda a gente. Voltei a levar os dedos à bolha. Não se estava a espalhar. Tivera sorte. Sustive a respiração ao ouvir os passos calmos a alguns cubículos de distância. Desejei não estar a suar tanto. Os animalomens tinham excelentes narizes, mas mentes simples. A única coisa que o impedira de me descobrir devia ser o cheiro a enxofre que ainda pairava no ar. Não podia ficar ali. Um ténue bater na porta das traseiras dizia-me que era hora de partir.

A tensão pulsou na minha cabeça enquanto espreitava cuidadosamente sobre as paredes para ver o sombra número um avançar através dos cubículos para deixar entrar o número três. Inspirando suavemente, dirigi-me para o lado contrário, correndo agachada. Apostava que os assassinos tinham deixado um elemento junto à porta da frente e que eu ia dar de caras com ele a meio do caminho.

Graças aos queixumes infundáveis de Megan sobre a água que fora derramada no chão cheguei à passagem para o *lobby* sem que ninguém se apercebesse. Gelada, olhei em redor da passagem e descobri que o balcão da receção estava vazio. Havia papéis espalhados pelo chão. Canetas a rolar sob os meus pés. O teclado de Megan estava pendurado pelo fio, ainda a balançar. Quase sem respirar avancei até à abertura no balcão, onde este levantava. Ainda agachada, espreitei rapidamente em direção à saída.

O meu coração bateu com mais força. Um sombra remexia-se junto à porta, parecendo aborrecido por ter sido deixado para trás. Mas passar por um era melhor do que passar por dois.

A voz chorosa de Francis erguia-se débil a partir do cofre.

— Onde? O Denon mandou-os para aqui? Deve estar lixado. Não, volto já. Tenho de ver isto. Deve valer uma boa gargalhada.

A voz estava cada vez mais próxima. *Talvez Francis gostasse de ir dar um passeio comigo*, pensei, sentindo que a esperança dava nova força aos meus músculos. Se havia algo com que se podia contar era com a parvoíce e curiosidade do Francis, uma combinação perigosa na nossa profissão. Esperei, a adrenalina a percorrer o meu corpo, até ele ter erguido o painel e passado para trás do balcão.

— Que confusão — disse ele, mais interessado na tralha que cobria o chão do que no facto de me estar a levantar atrás dele. Nem se apercebeu de mim, estando demasiado ocupado a gozar. Com uma precisão de relógio,



deslizei um braço prendendo-o pelo pescoço, ao mesmo tempo que lhe puxava um dos braços para trás das costas, quase o fazendo levantar do chão.

— Au! Raios, Rachel! — gritou, demasiado cobarde para se aperceber como seria fácil dar-me uma cotovelada no estômago e fugir. — Larga-me! Isto não tem piada.

Engolindo em seco, deslizei os meus olhos assustados para o sombra junta à porta. Sacara da arma e tinha-a apontada.

— Não, não tem, biscoito — sussurrei ao ouvido de Francis, dolorosamente consciente do quão próximos da morte nos encontrávamos. Francis não fazia ideia e pensar que ele pudesse fazer um disparate qualquer aterrozava-me mais do que a arma. O meu coração batia apressado e sentia os joelhos a ficarem moles.

— Fica quieto — disse-lhe. — Se ele achar que me consegue acertar, nem que seja de raspão, pode disparar.

— Porque é que me havia de importar? — rosnou-me em resposta.

— Estás a ver aqui mais alguém para além de ti, de mim e da arma? — perguntei suavemente. — Não será difícil desfazerem-se de uma testemunha, pois não?

Francis ficou rígido. Ouvi um pequeno arquejo quando Megan apareceu na porta que dava acesso aos escritórios. Foram-se juntando mais pessoas que espreitavam por cima e à volta dela, sussurrando de forma audível. Lancei-lhes um olhar, sentindo um ligeiro toque de pânico. Estavam ali demasiadas pessoas. Havia demasiadas hipóteses de as coisas correrem mal.

Senti-me melhor quando o sombra se ergueu da sua posição agachada e guardou a arma. Baixou os braços ao lado do corpo, as palmas das mãos viradas para fora, num gesto de aquiescência insincera. Apanhar-me em frente a tantas testemunhas seria demasiado dispendioso. Estávamos num impasse.

Mantive Francis à minha frente como um escudo relutante. Ouviu-se um sussurro quando os outros dois sombras emergiram da zona dos escritórios. Mantiveram-se de costas encostadas à parede do fundo do gabinete de Megan. Um deles tinha a arma na mão. Analisou a situação e guardou-a.

— Muito bem, Francis — disse eu. — Está na hora do passeio da tarde. Com calma.

— Vai-te lixar, Rachel — disse ele com a voz a tremer e o suor a perlar-lhe a testa.

Sáímos de trás do balcão, eu a lutar para manter Francis direito, enquanto ele escorregava nas canetas. O raposomem junto à porta afastou-se, prestável. A sua atitude era suficientemente clara. Não tinham pressa. Tinham tempo. Sob os seus olhos atentos, Francis e eu recuámos pela porta, saindo para o sol.

— Larga-me — disse Francis, começando a debater-se. Os peões olhavam para nós de lado e os carros que passavam abrandavam para ver. Odiava mirones, mas talvez desta feita pudessem funcionar em meu favor.

— Vamos, corre — disse Francis. — É o que fazes melhor, Rachel.

Eu agarrei-o com mais força, até lhe arrancar um gemido.

— Tens razão. Mas também sou melhor agente do que alguma vez serás. — A multidão começava a dispersar, percebendo que aquilo era mais do que um arrufo de namorados. — Agora, talvez seja altura de começares a correr também — disse, esperando aumentar a confusão.

— De que raio estás tu a falar? — O suor fedia sobre o cheiro a água de colónia.

Arrastei Francis para o outro lado da estrada, avançando por entre os carros que tinham abrandado. Os três sombras tinham saído para observar. Erguiam-se, alerta, junto à porta, de óculos escuros e fatos pretos.

— Suponho que pensem que me estás a ajudar. Quer dizer, a sério — provoqueei —, um bruxo grande e forte como tu não é capaz de escapar a uma frágil rapariga como eu? — Ouvi-o inspirar ruidosamente ao compreender. — Lindo menino — disse eu. — Agora corre.

Com o trânsito entre mim e os sombras, larguei Francis e corri, perdendo-me por entre os peões. Francis arrancou em direção contrária. Eu sabia que se me conseguisse afastar o suficiente, eles não me seguiriam até casa. Os animalomens eram supersticiosos e não violariam o santuário de um solo sagrado. Ficaria em segurança... até que Denon enviasse outra coisa atrás de mim.